

3000

00

R
E
V
I
S
T
A

— DA —

ACADEMIA

MATOGROSSIENSE

— DE —

LETRAS

ANOS XXV e XXVI — TOMOS XLIX a LII

1957 — 1958

LIVRARIA «UNIÃO CARVALHO»

V. PALMA DE CARVALHO

RUA COMTE. ANTONIO MARIA.

1957/1958-49-52

32

3000
[scribble]

ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

DIRETORIA

1957 — 1958

Presidente

Des.^{or} José de Mesquita

Vice-Presidente

Des.^{or} Autônio de Arruda

1.º Secretário

Prof. Francisco Ferreira Mendes

2.º Secretário

Rubens de Mendonça

Tesoureiro

Dr. Luis-Philippe Pereira Leite

REVISTA DO CENTRO MATO-GROSSENSE DE
LETRAS

ANO: 1957-1958 — ANO: XXXV-XXXVI - Nº 49-52

ENDEREÇO:—Casa Barão de Melgaço — Cuiabá, Mt.

REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

ANOS XXV e XXVI 1957-1958 TOMOS XLIX a LII

S U M Á R I O

Dois centenários

- I — Centenário do Patrono da Cadeira n.º 28 — Gal. Caetano de Albuquerque — académico *Severino de Queiroz*.
 II — O século de António Corrêa — Centenário do Patrono da Cadeira n.º 29 — António Corrêa da Costa — académico *Virgílio Corrêa Filho*.

Marechal Rondon

- I — A glória de Rondon — académico *Luis-Philippe Pereira Leite*.
 II — Rondon — académico *Rosário Congro*.
 Romance de Vila-Bela — conto — académico *José de Mesquita*.
 Medalhas — académico *Oscarino Ramos*.

Poesias

- I — Sonetos — académico *Otávio Cunha*.
 II — Poemas da Fauna — académico *Alírio de Figueiredo*.
 III — Sonetos — académico *Rubens de Mendonça*.
 IV — O Livro do Passado — académico *José de Mesquita*.
 O Teatro em Cuiabá — académico *Francisco A. Ferreira Mendes*.
 Os nossos grandes guias espirituais — *Arcebispo D. Orlando Chaves*.

Cincoentenário de jornalismo

- I — Discurso do académico *J. A. de Lima Avelino*.
 II — Resposta do académico *José de Mesquita*.
 Despedida a Rosário Congro — académico *Lenine Póvoas*.
 Passeios pelo Passado e pelo Presente — académico *António de Arruda*.
 Cadeiras vacantes.
 Aquidauana — académico *Jayme de Vasconcellos*.
 Os intelectuais matogrossenses respondem à *Gazeta de S. Paulo*:
 I — Depoimento do académico *José de Mesquita*.
 II — Impressões do académico *António de Arruda*.
 Do fundo do Silêncio — académico *Gervasio Leite*.
 Ora, Eça é genial! — académico *Rubens de Mendonça*.

Páginas femininas

- Sonetos — *Benilde Moura*.
 Perdão — *Yula Silva*.
 Cuiabá — *Deborah Prazeres Dore*.

Páginas dos novos

- Encontro . . . — *Newton Alfredo*.
 Otávio Cunha — *Agenor Ferreira Leão*.

Páginas esquecidas

- Um aniversário — *F. Marianni Wanderley*.
 Conversão — conto — *A. Vieira de Almeida*.

Bibliografia

- Corpo e alma de Cuiabá — académico *José de Mesquita*.
 Um pioneiro, o Rubens — académico *Corsindio Monteiro*.
 Caminhemos — académico *António de Arruda*.
 Letras Matogrossenses — *Mesquita Neto*.

DOIS CENTENÁRIOS

A Academia Matogrossense de Letras comemorou, no ano de 1957, os centenários de nascimento de dois patronos, o General Caetano Manoel de Faria Albuquerque (cadeira n.º 28) e o Dr. Antônio Corrêa da Costa (cadeira n.º 29), nascidos a 11 de janeiro e 5 de fevereiro de 1857, respectivamente. Para celebrar a efemeride, realizou-se, a 5 de novembro de 1957 — o Ano Centenário — uma sessão solene na Casa Barão de Melgaço, na qual, prestando justo preito à memória dos dois ilustres cuiabanos, foram lidos os trabalhos, que ora temos o prazer de arquivar nas páginas desta Revista — escritos especialmente para essa oportunidade, pelos Acadêmicos ocupantes das referidas Poltronas, Prof. Severino Ramos de Queiroz e Dr. Virgílio Corrêa Filho.

CENTENÁRIO de nascimento do General Caetano Manuel de Faria e Albuquerque

Severino de Queiroz

Sabido é que a humanidade não se conforma assim, rapidamente, com a horripilante ação ceifadora da morte!

Na verdade, às vezes, parece-nos antecipado e absurdo o desaparecimento desta vida terrena de certas pessoas da nossa mais doce intimidade, ou do nosso círculo de relações.

No sentir de muita gente, — poderiam viver muitos anos ainda as grandes personalidades da ciência, as sumidades nas suas especializações, que deveriam ficar por muito tempo na Terra, a bem desta humanidade sofredora e como exemplos edificantes aos que vão nascendo e crescendo.

Isso pensam alguns homens, em o número dos quais desejo colocar-me. Não nos venham tachar de egoistas, ou de insensatos! Então, sómente pelo fato de desejarmos o que se nos afigura um bem, isto é, que poderiam viver mais do que geralmente vivem os homens — símbolo, perdemos o juízo ou a razão? Não! Essa vontade, confessemos todos nós, quase sempre nos assalta; mas logo nos vem a lembrança da lei imutável da renovação e nos dita a razão: — Isso não acontece, porque não apraz a Deus, ou não condiz com o destino do homem: nascer, viver e morrer, segundo os altos desígnios do Criador. Contudo, êsse pensamento, embora algum tanto insensato, vem-nos à mente, e muitas vezes.

Dentre os que poderiam ainda estar conosco, ou ter vivido mais, devo colocar o saudoso general Caetano de Albuquerque, cujo centenário de nascimento ocorreu a 11-1-1957, nascido que fôra em igual data de 1857, nesta

Capital Verde, na frase tersa do nosso pranteado presidente de honra e saudoso guia espiritual, Dom Francisco de Aquino Corrêa.

A nossa Academia Matogrossense de Letras não quis deixar de comemorar a efeméride, visto ser o general Caetano Manuel de Faria e Albuquerque um dos seus quarenta numes ou patronos. É o da cadeira n.º 28, que tenho a grande honra de ocupar.

Não realizou essa homenagem na data do centenário para fazê-lo hoje, 8 de Abril, que lembra o aniversário da fundação de Cuiabá, desta nossa querida cidade, plantada pelo inesquecível sertanista Pascoal Moreira Cabral e guardada pela imagem sacrossanta de São Bom Jesus de Cuiabá. Além disso, há outro centenário a comemorar: o do Dr. Antônio Correia da Costa, patrono do nosso ilustrado confrade, Dr. Virgílio Alves Correia Filho. Estoutro acontecimento é hoje incluído nesta hora literária.

É sempre prazerosamente que o estudioso, o bibliófilo relembra os grandes varões, os homens de vida e obra edificantes, aquêles que, na passagem por êste globo terráqueo deixaram escola e traços de luz, que, por muito tempo, guiam as gerações porvindouras.

É o que ora está acontecendo comigo. Sim. Estou aqui lembrando a personalidade de escol, o vulto inconfundível das letras pátrias — o pranteado general Caetano Manuel de Faria e Albuquerque, homem-padrão no que concerne à palavra empenhada, à dignidade, à sobranceria, ao ardor de verdadeiro apóstolo em pról da causa que abraçara, — ardor que o levou até ao sacrifício do seu bem-estar e da sua carreira quando, como é bem de ver, ainda não estava no rol das realidades, quando não era ainda certeza absoluta a vitória dessa mesma causa.

Refiro-me à proclamação da República em nosso país, — regime êsse de que era fervoroso adepto o então capitão Caetano de Albuquerque, ainda em pleno govêrno monárquico e servindo, como ajudante de ordens, ao presidente da província Cunha Matos, — último nomeado para Mato Grosso pelo govêrno chefiado por Pedro II, nosso derradeiro imperador, deposto pela revolução republicana de 15 Novembro de 1889.

Caetano de Albuquerque chegara a Cuiabá, como capitão de engenharia, a 9 de Setembro de 1882, afim de servir como ajudante de ordens do então Comandante das Armas, o qual quase sempre, ou sempre, exercia o alto cargo de presidente da Província.

Moço, visto que contava 25 anos de idade, insinuante, culto, de palavra fácil, não fazia falta nos salões de festas familiares e nos clubes elegantes da Capital.

Conhecendo bem o seu idioma, tinha linguagem escoreita, assim falando como escrevendo. E não se fazia de rogado para falar.

Os seus discursos e conferências eram ouvidos, com absoluta atenção, pela intelectualidade cuiabana.

Cabe aqui o que nos havia informado José de Mesquita em seu *Elogio Funebre* e abeberado em trabalho de Ovídio Correia, de saudosa memória, e que foi inserto em meu discurso de posse, a saber: — Na comemoração do Sete de Setembro de 1889, no Teatro de S. João, em Cuiabá, onde presidia o coronel Ernesto Augusto da Cunha Matos, último presidente da Província no antigo regime, o Cap. Caetano de Albuquerque, orador feroso, envergando farda de gala, num discurso verdadeiramente revolucionário, jóia literária, em que rebrilhavam os tropos e destacavam-se as enargias e feriam as ironias, se bem revestidas da mais fina delicadeza, — teceu um hino ao regime republicano.

Diz José Mesquita: — «O sublime e o patético davam-se as mãos para produzir no ânimo da assistência a deslumbradora impressão de uma pirotecnia de palavras, cujo brilho ofuscava as próprias luzes do salão.»

Para que melhor elogio aos dotes oratórios possuídos pelo meu patrono?

Claro é que Matos mandara prender o capitão republicano, aquêlê orador desassombrado do Teatro de S. João, e o mandara para a Côrte. Chegando, porém, a Montevidéo, tivera o prisioneiro de Cunha Matos ciência da proclamação da República. E, em seguida à chegada à Capital Federal, foi Caetano de Albuquerque promovido a major.

Repito aqui êste último episódio da vida do meu patrono (consta do meu discurso de posse nesta Academia) para mostrar, mais uma vez, a independência e o desassombro do pundonoroso militar e conspícuo cidadão matogrossense das plagas cuiabanas.

Como general e na Presidência do Estado, é pública, notória a atitude independente e sobranceira do general Caetano Manuel de Faria e Albuquerque. Eleito pelo Partido Republicano Conservador, cujo chefe era o velho senador Antônio Azeredo — com os dirigentes locais dessa agremiação partidária ia concordando na medida do possível, até que, verificando não poder continuar na governança sem arranhões à dignidade de presidente e desprestí-

gio do princípio de autoridade, — rompera com o seu partido. Apoiado pela agremiação adversa, — Partido Republicano Matogrossense, sob a direção suprema de Pedro Celestino Correia da Costa, encarnação perfeita da dignidade, — tentara o general Caetano governar sem as chamadas injunções políticas; mas aborrecido com a terrível campanha que lhe moveram os seus antigos correligionários e com as retaliações pela imprensa e a oposição sistemática e agressiva, — apesar das garantias oferecidas pelo Coronel Pedro Celestina Correia da Costa e seus amigos, e a despeito do grande trabalho por êstes desenvolvido, para que o general Caetano continuasse no govêrno, êsse, certo dia, resolveu, irrevogavelmente, renunciar à presidência, — de certo em consequência da pressão do Rio de Janeiro. Retirou-se para a Capital Federal.

Desejo ressaltar aqui ter sido o general Caetano talvez o primeiro presidente, que, eleito por um partido político, conseguira governar, embora por pouco tempo, — acima dêsse mesmo partido, sem as injunções políticas ou partidárias. Essas injunções anulam, de certo modo, o princípio de autoridade. Foi o general Caetano que ensaiara, em Mato Grosso, essa maneira de governar assim, com independência e elevação do princípio de autoridade e talvez em benefício da administração e da coletividade. Sim. O Governador do Estado poderia acumular a chefia do poder executivo com a da seção do partido dominante em cada Estado, como ensaiaram o general Caetano e o Dr. Mário Corrêa da Costa em Mato Grosso; e estão fazendo, embora em parte, em Pernambuco, o general Cordeiro de Faria e em S. Paulo, o Dr. Jânio Quadros.

Também na Federação, govêrno do Marechal Dutra e no atual do Dr. Juscelino, só se atenderam e se atendem aos pedidos dos partidos dominantes em poucos casos.

A grande economia para os cofres públicos, quer nos citados Estados, quer na União, mostra que a medida não é para se desprezar. Não desejo que isso se realize integralmente, pois os partidos ficariam sem meios de amparar seus correligionários mas é preciso que haja certa liberdade para o governante nomear e demitir aquêles que o merecerem.

Tôdas essas informações, talvez para muitos esquecidas, vêm à baila, num trabalho desta natureza, para provar, mais uma vez, que o general Caetano Manoel de Faria e Albuquerque estava muito no certo, quando, no govêrno dêste nosso querido Mato Grosso — deixara de aten-

der a certas imposições do partido que o elegera, — o Republicano Conservador, então de âmbito estadual como todas as outras agremiações partidárias daquele tempo.

Como escrevi no discurso de posse e elogio do patrono, — por quaisquer facetas por que se estude a personalidade do general Caetano, — vêm logo à mente do estudioso carradas de assuntos. É que vivem ainda muitas pessoas que com êle trabalharam, ou que apenas o conheceram. Essas pessoas estão sempre a transmitir informes a respeito do caráter, da cultura polimorfa do grande cuiabano, nascido a 11-1-1857 e falecido no Rio, em Dezembro de 1925.

O general Caetano era escritor de nomeada, jornalista vigoroso e bom orador. Possuía grande cultura humanista; tinha a palavra fácil e fluente; era de bôa estatura, delicado no trato, de esmerada educação; tinha argumentação indestrutível; sabia prender o interlocutor, bem como o auditório, que lhe ouvia os discursos, por vêzes inflamados. Quem com êle conversava, — quase sempre ficava a seu lado, ainda que fôsse adversário. Sim. Ele sabia transformar contrários em amigos, tal a sua argumentação convincente.

Era democrata por convicção e à inglêsa, pois viajara pela Inglaterra e ali se imbuira da verdadeira democracia, que lá se praticava e ainda se pratica.

* * *

Creio que isso atrás exposto é suficiente para lembrar o cidadão e as suas virtudes cívicas, o militar e ex-presidente dêste Estado, cargo que tanto dignificou.

O meu maior desejo é que não seja esquecida a sua memória; seja seguido o seu exemplo de dignidade, de patriotismo e de estudos.

O Século de Antonio Corrêa da Costa

Virgílio Corrêa Filho

Durante a centúria compreendida entre o ocaso do primeiro reinado, que terminou com a abdicação de D. Pedro, e o da Primeira República, estrangulada pela Revolução de Trinta, distinguiu-se na História de Mato Grosso numerosa família patricia, cujos mais expressivos representantes souberam cooperar para o seu engrandecimento.

Ruralistas, afazendaram-se na mesopotâmia cingida pelos rios Cuiabá e São Lourenço, onde fundaram dezenas de estabelecimentos agro-pastoris, das eminências da região chapadense, abastecedora, então, da Capital, às planuras do Pantanal.

Citadinos, incluíram-se entre os mais prestigiosos dirigentes da comunidade, que se lhes confiava, à prudente direção. O patriarca da grei, Antonio Corrêa da Costa, já na fase tumultuária da Independência, ao soçobrar o regime colonial, como instituição anacrônica, alternou as suas atividades pioneiras com as governativas, inspiradas por sadios propósitos patrióticos e senso de ordem.

Eleito para a Segunda Junta, a 20 de Agosto de 1822, apenas permaneceu no poder até Agosto seguinte, quando tomou posse o Governo Provisório Constitucional, conforme prescreveu a Carta Imperial de 18 de Novembro.

Tornando aos seus afazeres particulares, não lhe consentiram os conterraneos permanescesse por longo prazo à margem das deliberações de interesse coletivo. Escolhido para o Conselho da Presidência, ensaio de assembléia provincial, apresentou indicação para que fossem contratados «lentes de reconhecida instrução que ensinem os elementos das ciências, belas artes e letras» além de outras iniciativas de análogos objetivos.

Certo, não vingou o projeto, mas serviu para evidenciar as suas aspirações culturais, patentes no empenho com que tratou da educação dos filhos. Já que não puderá completar os seus estudos em Coimbra, cuja universidade teria frequentado, a ser verdadeira a tradição de família, comprovada pela atuação na vida pública, reveladora de conhecimentos que não conseguiria em Cuiabá, cuidou de preparar os descendentes.

Dos onze, que lhe herdaram o nome, cinco eram homens: aos quais transmitiu a vocação ruralista, ao passo que das seis filhas se encarregaria carinhosamente a esposa, D. Maria da Conceição Toledo.

Embora engolfado nos problemas governativos, especialmente depois que o surpreendeu a carta da Regência de 20 de Abril, que lhe confiou a Presidência da Província, no próprio mês da queda do imperador, não se esqueceria das suas obrigações familiares.

Não lhe aprazia o exercício do poder, a que fôra alçado a contragosto, em meio da borrasca ameaçadora. Para serena-la, recorreu à proclamação, em que mostrou a «conveniência que promete a paz e a harmonia, e as inconveniências que resultam das discussões e rivalidades».

As facções exaltadas, porém, não lhe atenderam aos conselhos de bom senso. Reiterou, então, o seu pedido de substituição por quem disponha de maiores poderes. E para reforça-lo, informa a 5 de Janeiro de 1832, que a Província, «desde 1821 está em uma anarquia moderada, mal que só com o tempo se pôde vencer.»

Diagnosticava, certo, o mal, que iria explodir na «Rusga», de 30 de Maio, a cujos promotores se tornou suspeito, a ponto de ser-lhe varejada a casa, onde pretendiam alguns exaltados executa-lo.

Embora voltasse, a espaços, ao posto de comando, que não o seduzia, maior atenção devotava á instrução dos rapazes, dos quais dois evidenciaram aproveitamento nos estudos a que foram enviados, conforme referências conhecidas. Embora Celestino, Augusto, Francisco, se distinguissem entre os contemporâneos, a comprovação da sua trajetória exige pesquisas mais cuidadosas. De Cesário e Antonio, porém, há provas de mais fácil alcance.

Do primeiro, afirmaria A. Leverger, Presidente da Província, ao inclui-lo na Guarda Nacional, que organizara para a defesa de Mato Grosso contra a invasão lopesina. «Este oficial é meu genro. Não é nem pretende ser funcionário público, nem tenciona continuar a carreira militar.

Não sugeri, mais aceitei com satisfação o oferecimento que fez de seus serviços onde melhor pudesse presta-los, na luta em que estamos empenhados».

Aliás, de outros da mesma estirpe, escreveria testemunha fidedigna, José Vicente Corrêa, cuja carta, de 17 de Janeiro de 1865, na quinzena trágica, José de Mesquita transcreveu em «Gente e Coisas de Antanho». Á hora do pânico, motivado pelo boato de aproximação do inimigo, pelas 11 da noite de 7, «rompeu o rebato no Quartel», propagado pelos «sinos das Igrejas porem com tal confusão que uns tocavam agonia, outros dobravam e alguns tocavam a rebato, o povo corria em borbotões para fora da Cidade, era um alarido de choros de crianças e mulheres e mesmo os homens quasi todos fugiam. Só apresentamos no Arsenal de Guerra 100 cidadãos que com a força da Guarda Nacional fazia no todo 400 homens».

Todavia, ufanou-se o missivista: «neste estado aterrorizador enchi-me de satisfação por ver que um só Corrêa não fugiu». Em verdade, tornou-se conhecida a decisão combativa da familia, realçada pela atuação heróica de Augusto na «Retomada de Corumbá», além da cooperação de todos os parentes na guerra alongada por fatal quinquênio.

Cessadas as refregas, Cesário retomou as ocupações costumeiras na usina de açúcar e fazenda pastoril, onde se divertia em mostrar a sua habilidade manual nos artefatos de sola e entrançados de correias, afinadas destramente: E em recordação do que aprendera no Colégio Pedro II, lia a «*Revue de Deux Mondes*» e outras publicações francesas, que lhe legara o sogro, em cuja biblioteca poderia renovar as suas provisões literárias.

Antonio Corrêa da Costa II, como o pai os irmãos e cunhados o fizeram, onde lhes conviesse, também fixou-se em «Rio da Casca», de cujo proprietário, A. J. de Cerqueira Caldas, adquiriu o estabelecimento agrícola a 20 de Outubro de 1860. Já então estaria casado com Inês Maria Luiza, filha de Luiz da Silva Prado, que faleceria a 29 de Maio de 1870, quando se achava no exercício da Presidência da Provincia. Conforme reza a tradição, cursara não sómente o colégio D. Pedro II, como a Faculdade de Medicina, sem conseguir, todavia, ultimar os estudos.

Os conhecimentos adquiridos, porem, e o gosto da leitura aconselha-lo-iam a preparar a vacina, inexistente na Capital, que impediu, em seu rincão serrano, a propagação da variola, dizimadora da população cuiabana, com a qual mantinha comunicações frequentes. Mais tarde, deixando a

lavoura, já viuvo, praticou a agrimensura, em que o iniciou. A Leverger, sogro do seu irmão Cesário, e o magistério, quando surgiu o Liceu Cuiabano, fundado por lei de 3 de Dezembro de 1879.

Aberto o concurso para o provimento da cadeira de Geografia e História, inscreveu-se, juntamente com Silva Coqueiro. E apesar de «doente e bem doente», classificou-se em primeiro lugar e obteve a nomeação. Não obstante a diversidade de ocupações, não conseguira amealhar haveres, que lhe bastassem para atender ás solicitações culturais em que pretendia encaminhar a prole.

A Luiz, faltaram recursos para abraçar alguma carreira liberal, fora da Provincia. Ajudou, todavia, o Pai a manter, na Capital do Império os dois irmãos, Antonio e Pedro Celestino, e, mais tarde, com o auxilio destes, o caçula Jonas. Dai se causaria a amizade confiante, que os uniu a todos, até os últimos dias.

À falta de outras provas do grau de cultura de Antonio (II), não será desprezível a fama de conversador empolgante, referida por seus contemporâneos e confessada por êle próprio a um dos seus filhos, a quem escreveu, de Cuiabá, a 1.º de Julho de 1880.

«Pedrinho,

Recebi a tua de 1.º de Junho do corrente e por ela fico ciente de que gozas saude, o mesmo não me acontece; basta-me o ser velho para ser doente — *Senectus est morbus* — Mas tenho lavrado um protesto contra as Parcas, — de ou por fas ou nefas — viver até ver-te e dar-te um abraço em principio de 82. O nosso estado financeiro continua mal; estuda e creia que um farmaceutico habil e diligente em pouco tempo faz fortuna e a base dessa ciência é a Química e Botânica. Avante, pois, não te descuides dos trabalhos de laboratório e de herborizador e de procurar achar os alcalóides das nossas plantas medicinais.

A Deus Êle te abençoe e proteja como deseja T. Pai e amgº.

A. Corrêa.

P. S. Tótó chegou ontem do Rio da Casca e ficou massado por não receber cartas tuas nem do Barão, a este darás um abraço de minha parte». Os atilados conselhos, que Pedro Celestino ado-

taria, com êxito previsto ainda se repetiriam em outras cartas, como a de 29 de Outubro de 1880.

«Hoje recebí a tua carta e encheu-me de prazer, pareceu-me mesmo que te via e ouvia. Dizer-me que vá ao Rio, que dois contos são suficientes, menos creio que o seria; mas a questão é te-los; ainda devo e é preciso saldar as minhas contas. E quanto aos médicos abalisados, eu creio que os há, assim como tenho a crença inabalável de que é uma verdade incontestável o prólogo latino — *senectus est morbus* — e que para essa enfermidade não há remédio possível nos três reinos de Natureza, e assim aos atestado desse morbo só resta o *festina lente* no caminhar para a decomposição que afeta a todos os seres organizados existentes no nosso planeta.

Quanto aos teus estudos de Zoologia, são êles de pouca importância para o ramo de ciência a que te dedicas, da história natural o que convem ser mais cultivado pelo farmacêutico é a Botânica, que fornece muitos medicamentos, principalmente a família das Euphorbiáceas, Malváceas, Leguminosas, Laureáceas, Piperáceas etc.

A Química, essa ciência que trata da composição atômica dos corpos e dos compostos, que deles resultam, é essencial ao farmacêutico, máximo a Química orgânica, pelo que ela poderá extrair os alcalóides ativos dos vegetais para em pequenas doses confeccionar as preparações de que houver mistér. Chega, tanto mais que poderás dizer, o velho é um pedante, que julga saber alguma coisa e nada sabe, é verdade, nada sei, mas gosto de conversar e se há de ser com quem possa criticar e ridicularizar-me, seja contigo que se o pensar não o dirás.

Receba um abraço e a benção de
T. Pai e Amg^o.

A. Corrêa.

Ao filho distante, confessava-se tão desprevenido de economias, que não poderia dispôr de dois contos de reis para empreender viagem em busca de tratamento da saúde combalida. Indicava-lhe, entretanto, o caminho do êxito, pelo trabalho profissional, baseado na ciência química. Se vivesse o suficiente para lhe testemunhar os primeiros

passos na vida prática, ufanar-se-ia de ter acertado em seus vaticínios, quando Pedro Celestino começou a colher na flora matogrossense os elementos que lhe permitiram produzir vários preparados, de efeitos curativos, dos quais lhe resultou a prosperidade. Os conselhos paternais, transmitidos de coração aberto, sem pretensão alguma, mas guardados carinhosamente pelo destinatário, que os seguiria à risca, evidenciam a formação intelectual de quem sabia entremear assuntos graves, indicativos de leituras porfiadas, e gracejos, com que entretinha os seus interlocutores.

Grangeou fama de admirável palestrador e comprazia-se em cultivá-la, embora não se empenhasse com análogo afincamento em melhorar as próprias condições econômicas.

Contentava-se com o que possuía, ainda que insuficiente para o isentar, na velhice, de amofinações financeiras. Assinalou-as nas raras cartas, que revelam o seu devotamento aos filhos, a quem apontou, com segurança, o rumo das atividades fecundas, para as quais se esforçara em habilitá-los.

E o conseguiu, antes do que outro qualquer dos irmãos, que somente em geração ulterior teriam algum descendente diplomado em faculdade de ensino superior. Não havia mistério de abastança para melhorar o destino dos rapazes, a quem, não raro, confidenciava as suas amarguras. Assim, embora as dissimulasse quanto possível, sem, todavia, ocultar de todo a realidade, noticiou a 2 de Fevereiro de 1880, a «Meus Filhos», mas especialmente ao mais velho.

«Duas cartas recebo do Tótó, uma de 5 de Dezembro do ano passado e outra de 2 de Janeiro do corrente, fico ciente de que foram felizes nos exames. Tótó pede-me providência para voltar à nossa terra, entendi-me com teu primo Celestino e esse escreveu à Agência da Companhia para dar-te passagem pelo paquete de março. Quero vêr se te envio algum dinheiro para as despesas da viagem, mas se eu o não puder fazer, creio que o Snr. Braga não porá dúvida em fazer um pequeno adiantamento. Continuo doente e bem doente e assim mesmo dia 9 de Setembro tenho de me apresentar a concurso para a cadeira de Geografia e História».

A Deus. Ele que vos abençõe como deseja o

T. Pai e Amg^o.

A. Corrêa.

ANTONIO CORRÊA DA COSTA, III

O Tótó mencionado nesta e em outras cartas corresponde ao tratamento familiar de Antonio Corrêa da Costa (III), que nascido em Cuiabá, a 5 de Fevereiro de 1857, adquiriu conhecimentos das disciplinas ensinadas no Seminário Episcopal.

Habilitado a continuar os estudos na Escola Central, transfigurada em Politécnica, aproximou-se de Joaquim Murinho, professor acatado, cuja amizade, iniciada na fase acadêmica, lamentava, na velhice, ter perdido, por causa do procedimento político do irmão, Manuel.

Ao terminar o curso, em que se graduou de bacharel em Ciências Físicas e Naturais, apressou-se em regressar ao torrão natal, onde verificou sobra-re-lhe credenciais, em contraste com a carência de haveres, evidente na dificuldade paterna para lhe atender à requisição da passagem.

Não obstante, noticiaria o Pai, em carta do 1.º de Julho de 1881.

«Teu irmão está professor interino de matemáticas no Liceu Cuiabano e dizem que se casará nestes 6 meses».

Eram ambos colegas, na congregação do estabelecimento provincial de ensino secundário, mas é de presumir que não tivessem ainda tratado diretamente do assunto, por ventura considerado prematuro pela previdência paterna. Todavia, a 18 de Juho de 1882, efetuou-se o casamento, que não embaraçaria o jovem engenheiro de tomar qualquer incumbência profissional, que lhe fosse oferecida.

Enquanto nenhuma abrolhasse, na provincia desprovida de recursos, anuiu ao magistério, como colega do pai, no Liceu, e parceiro de Esperidião Marques, também engenheiro, e Carlos Muniz, no Externato Matogrossense, que fundaram.

Entretinha-se em propagar os seus conhecimentos, como professor capaz de empolgar as atenções dos estudantes, quando o presidente Cunha Matos o encarregou de estudar a «Flora, a Geologia, a Mineralogia daquela região», e «tudo quanto pudesse aproveitar a indústria extrativa, traçados de estradas e meios de transportes convenientes».

Apenas deu começo, em Novembro de 89, à exploração do Arinos, de que tratou em seu primeiro relatório quando a malária lhe atalhou a marcha, obrigando-o a recolher-se à capital, para tratamento. A queda da monarquia, extinguindo-lhe a comissão, deixou-o livre para acei-

tar o cargo de Secretário do Governador Antonio Maria Coelho, para o qual o nomeou, por ventura à sua revelia, decreto federal de 2 de Dezembro. O veterano da «retomada de Corumbá» vivera exclusivamente para a carreira das armas, em que se laureou de glórias.

Inesperadamente guindado à posição, a que não se achava preparado, e envolvido pelos políticos descontentes com o situacionismo, que o magoara por não lhe incluir o nome da lista senatorial, não tardou em unir à chefia dos que se achavam, meses antes, em ostracismo. Não obstante, o Secretário se esforçou por auxiliá-lo com iniludível lealdade.

As boas graças em que se manteve, todavia, ao lado do Governador, não foram suficientes para lhe impedir a censura franca e enérgica a desacerto de Antonio Maria, quando, em represália às provocações tendenciosas dos adversários, resvalou pelo plano inclinado, que lhe causaria a demissão, ao mandar prender com estardalhaço os próceres do partido antagonista, recolhidos incomunicáveis a bordo do navio «Antonio João». Em ambiente angustioso assinou-se o episódio a 11 de Dezembro de 1890, que lhe realçou o gesto de inconformado com as arbitrariedades generalícias.

Para não emudecer, diante de crimes contra a liberdade humana, deixou a Secretaria, e redigiu manifesto em desagravo à honra dos ilustres prisioneiros, entre os quais se contava o juiz de direito de Cuiabá, Dr. Manuel Murinho.

E por faltar quem o distribuisse, foi, em passoa, de casa em casa, levar aos concidadãos o viático do seu acendrado civismo, em testemunho de não ser morta a liberdade, quando por ela se bate, provocando as iras ditatoriais, um paladino de tal porte.

Além dos gabos, que a sua iniciativa mereceu dos conterrâneos, valeu-lhe a carta, enviada do Rio, por J. Murinho.

«Insistí na carta que escrevi ao Manuel, na apresentação do nome de Antonio Corrêa da Costa para Governador. Desempenhou de um modo tão correto e tão honrado o lugar de secretário naquela ocasião tão cheia de dificuldades, que espero saberá, no lugar de Governador, merecer os mesmos aplausos».

Apesar de tão significativa apresentação, firmada por quem exercia o mandato de Senador por Mato Grosso, não prevaleceu a sua candidatura, substituída pela do Dr. Manuel

Murtinho, de mais longa tradição política e ansioso de dirigir o governo estadual. Ser-lhe-iam, porém, os serviços requisitados pelo antigo mestre e amigo, que dirigia o Banco Rio e Mato Grosso e a Companhia Mate Laranjeira.

Instando-lhe pela colaboração, enviou-lhe carta branca, esperançoso de ver o resultado que daria o Superintendente, a quem apenas escreveu:

«Precisamos escolher e proceder á demarcação do primeiro burgo, creio que você poderá fazer a exploração para a escolha do lugar e se isso fôr possível comprar-se-á uma lancha a vapor em Buenos Aires e arranjar-se-á o que fôr necessário. Além disso é necessário fazer também o reconhecimento do novo pôrto para exportação da erva mate». E, mais, «precisamos não nos absorver só na política e tratar do progresso material da nossa terra».

Para afastar qualquer motivo de recusa, acrescentou: «espero que nos auxilie e não entre em explicações porque tudo espero do seu espírito esclarecido e sua honradez incontestada».

Era o dirigente supremo da maior organização industrial de Mato Grosso, que recorria a seu antigo aluno, cujas aptidões bem conhecia, para imprimir diretrizes progressistas á Empresa, cujo futuro se patenteava auspicioso.

Não relutou o convidado em assentir ao convite, que lhe permitia realizar vasto plano de melhoramentos.

Começou por explorar a zona fronteira, do Apa até os ervais do planalto, a que projetou dar saída em terra matogrossense. E adquiriu, para tal fim, a fazenda Três Barras, á beira do Paraguai, onde iniciou povoado, ao qual deu o nome de Porto Murtinho, em homenagem ao seu guia intelectual.

Era ao mesmo tempo, «engenheiro das obras projetadas, administrador e organizador de todos os trabalhos e caixa responsável pelo dinheiro para atender a tôdas as despesas».

A ideia de grandioso plano de empreendimentos empolgava-lhe o entusiasmo construtivo. Pretendia a «construção de uma via férrea do Porto à zona dos ervais, abrindo à região do planalto do Maracaju, com a navegação do alto Paraná e seus afluentes, um vasto campo para a colonização e povoamento do sul do Estado».

Sómente conseguiu levar os trilhos, da beira do Paraguai a São Roque, para atravessar, em ferrovia de bitola estreita, a faixa brejosa, dilatada até onde se depara terreno firme.

Mas a empresa prosperou sob a sua chefia, como previra Joaquim Murinho, cujo acêrto, ao indica-lo para a Presidência do Estado, assim se comprovou eficazmente. Preterida pela do irmão Manuel, não encontrou obstáculo algum no período imediato.

A divulgar, a 2 de Dezembro de 94, o programa governativo, que adotaria, o zelo pelos assuntos de ensino inspirou-lhe conceito expressivo, «a geração que fez a República não poderá assegurar melhor a glória e perpetuidade dela do que preparando a intelligencia e o coração dos futuros servidores de nossa Pátria».

E acorde com tais conceitos, começou a governar a 15 de agôsto seguinte. Reformou a Instrução Pública, tornando obrigatório o ensino elementar, pelo metodo intuitivo, a todos os meninos, ainda mesmo para os filhos da indigência, a quem o Estado deveria proporcionar meios de frequentar as escolas, das quais foi abolido o castigo corporal, bem como a aprendizagem por meio de monitores ou decuriões, costume remanecente do sistema lencasteriano.

Cuidou da Tipografia Oficial, que alojou em edificio próprio. Modificou o processo de medição e legitimação de posses, que ficariam dependendo de sentença judicial, quando houvesse dúvida sôbre o direito do demarcante, e extinguiu a jurisdição dos juizes comissários.

Construiu pontes e estradas, mediante as quais a ação administrativa continuaria a corresponder às promessas, quando, apenas ultrapassado o meio do quatriênio, o chefe incontestado da situação política sacrificou seu partido em ato condenavel de mandonismo.

Ao contrariar, a 25 de Janeiro de 98, ordem do Chefe de Polícia, que houve por bem paralizar os bondes, de tração animal, por não oferecerem segurança ao transporte de passageiros, do Porto á Mandioca, não percebeu que o seu gesto irrefletido hostilizava a autoridade presidencial, a quem o responsavel pela ordem pública se apressou em notificar o grave desafio, que teria motivado a prisão do infrator, caso não o protegessem as imunidades parlamentares e de procer político. Estourou a crise, que o Senador Generoso Ponce, promotor do desacato, tentou amainar, indo a Palacio, horas depois, para se desculpar perante o governador, seu amigo e correligionário, que não pretendia molestar.

Mas o princípio de autoridade fôra golpeado rudemente, sem que antes tentasse o agressor solução suasória, que lhe permitisse a utilização do veiculo até sua casa, com

anuência de quem determinara a proibição, em benefício coletivo. Preferiu mostrar que dispunha de prestígio para neutralizar ato da chefatura de polícia, sem que nada o amofinasse.

Errou, todavia, quanto à previsão das consequências. Embora lhe ouvisse as justificativas, o governador, para não abrir luta contra o chefe supremo do partido, preferiu manter solidariedade com o chefe de polícia, que se demitira. A dignidade não lhe permitia continuar no exercício da Presidência, em que, estaria exposto a qualquer outro ímpeto de prepotência senatória. Ao regressar à fazenda, que fundara quando superintendente da Empresa Mate Laranjeira, explicou as causas do seu procedimento a Joaquim Murtinho, que lhe respondeu a 8 de Maio de 1898.

«Recebi sua carta narrando os acontecimentos que deram lugar á sua retirada do Govêrno do Estado. Esses acontecimentos foram em minha opinião muito lamentaveis, entretanto, êles deram lugar a mais uma vez mostrar o amigo o quanto é nobre, leal e patriota, sacrificando a sua pessoa aos interesses do Partido Republicano, que para nós são os interesses do Estado. Pode o amigo estar satisfeito, pois se não prestou todos os serviços que desejava e podia prestar, os serviços morais e políticos de sua administração tornaram-no digno da estima e da gratidão dos seus concidadãos».

Bastava o julgamento de tamanha individualidade, para o consolar das posições que deixara, para não desmerecer no conceito público. Nessa ocasião, estaria, sem dúvida, mais acorde com o mestre de outrora, que proclamara, no Ministério da Viação: «é necessário, Senhor Presidente, republicanizar a República», do que com o dirigente do situacionismo estadual, que lhe desrespeitara a decisão teddente a melhorar o serviço de transportes urbanos.

As circunstâncias, todavia, em breve se encarregariam de mudar os polos de atração. Elevado ao Ministério da Fazenda, para cumprir severo programa de recuperação dos créditos do Brasil, Joaquim Murtinho despertou as adormecidas aspirações políticas do seu irmão Manuel, que na primeira eleição republicana tomara o lugar para o qual fôra indicado o Dr. Corrêa. Não se contentando em ser Ministro do Supremo Federal, promoveu dissidencia em Mato Grosso, onde parecia sobranceiro à competição o prestígio político de Generoso Ponce.

Como explosão de bomba de ação retardada, todavia, o rompante do Senador no «Caso dos Bondes», do qual resultou a renúncia do Presidente, desacatado pelo chefe do situacionismo, propiciou a formação do partido nascente, que o Governo Federal, sustentou a todo o seu poder, rejeitando, embora, nesse caso, a política dos governadores, adotada pelo Presidente Campos Sales.

A derrubada de funcionários federais completou-se com a contribuição franca das fôrças do Exército, dispostos a desarmar os partidários republicanos e a permitir a organização de bandos armados da Dissidência, que sitiaram a Capital, e impuseram à Assembléia Legislativa a anulação das eleições presidenciais, sob a vista impassível do comandante do distrito militar.

Diante de tais atentados à autonomia do Estado, revoltou-se o Dr. Corrêa, a cujo recanto pastoril chegavam as ressonâncias das ocorrências de Cuiabá. Sem titubear, apoiou o periclitante situacionismo poncista, já ameaçado de soçobrar, embora daí decorresse perder o apoio de Joaquim Murinho, por lhe condenar a interferência indébita do irmão, Manuel, que não mais pretendia, pouco antes, voltar às atividades partidárias de Mato Grosso, como aliás, sucederia, se outro fôra o escolhido por Campos Sales para seu Ministro da Fazenda.

As hostilidades que lhes moveram os dissidentes, concorreram para consolidar de novo a amizade, enfraquecida pelo «Caso dos Bondes». Impelidos ao exílio, editaram *A Reação*, «órgão do partido republicano em Mato Grosso», como lhe rezava o cabeçalho, «que se publica no Paraguai por falta de garantias no Estado».

Nesse periódico, de tom panfletório, revelou-se a combatividade incansável do seu maior redator, cuja pena ora vibrava golpes de montante, nos editoriais bem pensados, ora se transformava, pela ironia, em florete destramente manejado, ora brandia a sátira, em vergastadas ruidosas. Vários fatores garantiam-lhe invejável êxito: preparo incomum, haurido no curso de engenharia que fizera; conhecimento cabal das questões atinentes à vida matogrossense; o necessário traquejo administrativo, que lhe permitia lobrigar o ponto fraco dos atos oficiais; espírito investigador; facilidade de expressão; e, mais que tudo, a qualidade de saber transmitir aos ouvintes, ou leitores, a paixão em que seabrasava. Após a borrasca, a bonança permitiu-lhe tornasse à fazenda abandonada. Estava cuidando de se ressarcir dos prejuízos sofridos durante o exílio, quando foi novamente afastado para longas terras.

Desta vez era Generoso Ponce, o parceiro de exílio, reintegrado na chefia do situacionismo, diferente daquele desmontado em 1899, por Manuel Murтинho, seu aliado de momento, na triunfante «Coligação», que lhe instava pela colaboração.

Com as responsabilidades de Presidente, escrevia-lhe acêrca da arrecadação dos impostos do Norte do Estado; «para o lugar de Delegado, nas condições precisas, só eu vejo presentemente o meu amigo. Bem sei que não é pequeno o sacrifício, mas me parece que o nosso Estado bem merece que um dos seus mais ilustres filhos por êle o faça». E acrescentava: «aceitando o amigo este cargo, tudo lhe facultaremos, tendo carta branca para fazer e desfazer».

Soficitado de tal maneira, o patriota não tardou em largar mãos de seus afazeres para servir o Estado que tanto estremecia. De como o fez, atesta, melhor que o juizo dos contemporaneos, o resultado colhido.

O vale do Madeira incontestavelmente permanecia quase todo dentro da jurisdição amazonense. O Dr. Corrêa acolchetou-o a Mato Grosso, cujas raias se apressou em fixar.

Mercê de sua habil argumentação, foi anulado, pelos govêrnos confinantes, o convênio de 29 de Outubro de 1904, substituído pelo de 14 de Setembro de 1910, em que se pactuou a execução de Acórdão do Supremo Tribunal Federal, de 11 de Setembro de 1899.

Defendendo a sua opinião, com o ardor dos apóstolos, conseguiu prevalecesse a lindeira judicial, reivindicando dessa maneira, para Mato Grosso, os opulentos seringais que margeiam o Machado, pela direita, já prometidos ao Amazonas, e todo o vale do Roosevelt, mais tarde explorado. Ao mesmo tempo, cuidava da administração daquela região portentosa, cujo florescimento estimulou, como seu verdadeiro governador operoso.

A maledicência, que sempre anda ao encalço das fortes individualidades, não lhe podendo arguir defeitos no proceder, sempre digno, vingou-se com ridicularias, ao increpar de excessivo o ganho do egrégio Delegado do Norte.

Ainda por esse lado não se revelou menos zeloso o Dr. Corrêa que, aceitando, de inicio, a comissão estabelecida por lei, para se indenizar dos prejuizos causados pelo seu afastamento da fazenda, foi o primeiro a propôr-lhe a redução, assim que, pela reduplicação da receita, a porcentagem que lhe coube excedeu ao que pretendia. Terminado o quadriênio, afastou-se da rendosa comissão.

Livre de compromissos administrativos, voltou-se para as cogitações prediletas, que jamais desprezara. Os estudos relativos ao passado matogrossense, que o habilitaram a defender os direitos de Mato Grosso à divisória oriental, e a fixar os limites ao Norte, depois de promover a anulação do nocivo convênio de 1904, inspiraram-lhe a elaboração do ensaio — «Os predecessores de Anhanguera e Pires de Campos», — por ocasião do bicentenário da fundação de Cuiabá.

Pederia servir de primeiro capítulo da «História de Mato Grosso», caso tencionasse continuá-la. Não o empreendeu, todavia, preferindo esboçá-la episódicamente, quando viesse à tona da palestra algum assunto motivador de comentários. Mantinha, então, a tradição paterna, nas conversações atraentes, que a sua palavra erudita e encantadora sustentava por horas a fio.

À medida que falava, o entusiasmo empolgava-lhe o espírito, e dentro em pouco, ei-lo transfigurado em doutrinário sagaz, que, por estranha incoerência, tanto mais parecia frequentar as regiões platônicas do idealismo, quanto mais evidenciava, por ações admiráveis, a capacidade realizadora do seu espírito progressista. Ou então, divagava chistosamente pelas encruzilhadas aprazíveis das anedotas, em que era certo provocar o riso do interlocutor. E tanto empolgava a admiração dos sábios, de que se aproximasse, como dos indoutos. Dificilmente os campônios ou cidadãos, de quem se avizinhasse, negar-lhe-iam rasgados gabos à singeleza do trato, à simpatia irradiante da pessoa, ao agrado da palestra, cujo segredo herdara do Pai.

Não obstante, o espólio literário, que legou aos pósteros, acha-se desfalcado desta parte, senão principal, sem dúvida mais pinturesca.

Mas as contribuições, que deixou, nas colunas efêmeras de «*O Republicano*», de Cuiabá, em sua fase áurea, da «*A Reação*», em páginas avulsas, relatórios e panfletos, bem mereciam cuidadosa escolha, que as enfeixasse em coletânea indicativa de sua primorosa formação cultural, capaz de empreender obra duradoura, caso as circunstâncias não o impelisses, de preferência à ação fecunda.

De qualquer maneira, da sua vida laboriosa, derivaram ensinamentos, que lhe creditaram o nome á benemerência da Posteridade, como íntegro patriota abnegado, a quem Mato Grosso presta a homenagem de justa admiração, ao comemorar o 1.º centenário de seu nascimento.

A GLÓRIA DE RONDON

Luis-Philippe Pereira Leite

MARECHAL RONDON

Acreditamos não poder melhor exprimir o nosso sentimento, que é o dos mais altos órgãos da Cultura Matogrossense, pelo falecimento ocorrido a 19 de Janeiro de 1958, do inclito Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, do que inserindo nas paginas que se seguem, os trabalhos escritos acerca daquêle lutuoso evento, pelos academicos Luis-Philippe Pereira Leite e Rosario Congro.

A GLÓRIA DE RONDON

Luis-Philippe Pereira Leite

Falando de RONDON a uma inteligente e aplicada estudante de pouco mais de 17 anos, comoveu-se ela até as lágrimas ao saber que o maior sertanista do século, agoniza, ás vésperas de completar 93 anos de idade. Para ela, acrescentou, RONDON deveria ser poupado do agulhão da morte.

Bem exprime êste episódio uma opinião generalizada no espírito da mocidade, que sabe aquilatar o que representam para o Brasil, a vida e a obra do filho obscuro do Mimoso, nos arredores de Cuiabá e que se projetou na vida, sagrando-se um dos seus mais altos valores.

Rasgar os sertões; catequizar os selvícolas; estender linhas telegráficas, ligando ao amplexo da civilização regiões remotas da Pátria; dirimir litígios internacionais; pontificar na cátedra; tudo isso diz bem pouco, ainda, do que foi a obra imperecível do *Civilizador do Sertão*, que, ao termo da sua longa e edificante vida, podia ostentar meia centena de títulos e distinções conferidas pelos diferentes países e instituições do mundo, justa e merecida homenagem a uma vida tôda consagrada aos mais nobres ideais.

Morre RONDON, mais o seu exemplo edificante viverá sempre no espírito dos moços, como símbolo da imortalidade da sua obra, e se perpetuará também, no de tôdas as gerações, porque, integrava a estirpe dos grandes da humanidade.

RONDON

Rosário Congro

Naquele 15 de Dezembro de 1913, conheci pessoalmente o então Tet. Cel. Cândido Mariano da Silva Rondon.

Descíamos o Paraguai na frota fluvial que ia ao encontro de Teodoro Roosevelt, o que se deu abaixo do Ladário quando, numa volta distante do rio, surge o hiate presidencial guarani, sulcando, sereno, como um cisne branco, as aguas históricas.

Nele, com sua comitiva, vinha o ex-Presidente dos Estados Unidos da América do Norte.

Passados Rondon e seus oficiais para a embarcação oficial, eis a esquadilha, sobre aclamações gerais, rumo a Corumbá.

Ao dia seguinte, levava-me o grande sertanista á presença de Roosevelt, que me oferecia com gentil dedicatória, seu livro *The Strenuous Life*.

Tenho-o agora em mãos e releio, emocionado, aquela oferta que data de quarenta e cinco anos.

Daquela excursão, nada suave, que deu renome á nossa terra, deu-nos o estadista *yanke* a excelente obra *Através do sertão do Brasil*, dedicada não só ao Governo Brasileiro como, especialmente, «ao Cel. Rondon, distinto oficial do Exército, homem de alta envergadura mental e moral, e explorador intrépido».

O livro, de valor científico, é minucioso, descritivamente agradável e até com certa verve.

Conta-nos de indios nhambiquaras que dansavam em rua homenagem —: «quanto a roupas, achavam-se como Adão e Eva, antes do pecado. De bom grado nos furtariam algo, mas como estavam nus, teria sido difícil ocultarem qualquer cousa».

Admirável é o capítulo que trata do Rio da Dúvida, de intrincada exploração.

«Seis semanas naquela rota, por intermináveis encachoirados. Era de surpreender estarmos percorrendo um caudal do porte do alto Reno ou do Elba, e verificar que nenhum cartógrafo tivesse conhecimento de sua existência! Afinal, nenhum civilizado da qualquer classe o perlustrara».

Hoje, é o rio Roosevelt.

Rondon, tenente ainda, era dos mais capazes a ajudantes do major Gomes Carneiro na construção da linha telegráfica que atravessou o Estado de Goiaz, cabendo-lhe substituir o seu chefe, que o destino chamara para a morte heróica do cerco da Lapa.

O jovem oficial estendeu as linhas de Cuiabá ao Araguaia, e no cumprimento de nova missão realizou a ligação das nossas localidades meridionais a capital e ao resto do País.

A seguir, o Presidente Afonso Pena creava a Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas e lhe conferia a chefia dêsse arrojado cometimento. Era então major.

O que foi de grandiosa no próprio sacrificio, trouxe-lhe essa realiação a aureola de herói nacional.

Embrenhado nas selvas e pauis, delimitou com os nossos vizinhos as fronteiras brasileiras no setor amazonico, de que resultou o tratado de Leticia.

Presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Indios era sua divisa «antes morrer que matar um indigena».

Agradecendo-me a oferta do poema Inaiá, assim se manifestou em carta: — «Em seus versos brancos, de feitura modernizada, de acordo com a atualidade literária, aprouve-me especialmente apreciar as descrições dos quadros bucólicos e a ideia principal que constitui o emocionante argumento de tantas outras produções poéticas, que, como a vossa, interpretam os grandes sofrimentos infligidos aos nossas selvicolas pelas invasões dos civilizados».

Era de fato o ídolo das tribos.

Poucos anos faz, veiu despedir-se, dizia, da terra do berço.

E lá, nos amenos rincões do Mimoso, construiu o edificio de uma Escola que denominou D.^a Claudina, sua progenitora.

Soldado, sertanista, pioneiro, não foi bastante Rondópolis, para imortalizar-lhe o nome. Rondônia, uma vasta provincia, mais o nome lhe amplia.

ROMANCE DE VILA BELA

Conto de José de Mesquita

A António de Arruda

I

Engalanava-se a distante e pitoresca Vila Bela da Santíssima Trindade — atalaia solitária colocada pelo gênio político dos colonizadores portugueses, nos confins do Oêste da recém-criada Capitania de Mato Grosso — para receber, naquêlê alegre domingo, primeiro dia do ano de 1769, o terceiro Capitão General e Governador, Luis Pinto de Souza Coutinho. A chegada do novo Delegado da Metrópole ultramarina foi imponente e ruidosa, havendo sido a sua viagem efetuada pela longa e exaustiva via fluvial, através do Madeira e do Guaporé, em 45 canôas, que conduziam, rio acima, através das corredeiras e varações, a sua numerosa e luzida comitiva, composta de 422 pessoas.

Entrava o novo ano sob os mais fagueiros auspícios para a longínqua Cidade, ao acolher, entre festas e aclamações de júbilo, o poderoso enviado de El Rei D. José I, que, dois dias depois, tomava posse solêne dos seus cargos. A figura varonil do Tenente-coronel de artilharia, em pleno vigor dos seus 34 anos, atraiu logo as atenções femininas, sobretudo levando-se em conta que o novo Governador era solteiro e gosava da fama de cortejador constante das Damas. Bem se pôde imaginar, naquelas paragens tão isoladas do resto do mundo, mas onde chegavam os êcos da vida galante e licenciosa das Côrtes européas dos séculos XVII e XVIII, o alvoroço com que foi assediado o vistoso representante da Corôa. Muita cabecinha de vento ter-se-ia nutrido de fantasias e quimeras, sonhando atrair à sua influência, com seus afagos e blandicias, o novo Capitão-General. Dizia-se, à bôca pequena, que Coutinho deixara

noiva, em Portugal, a bela Dona Catarina, da ilustre Casa dos Lencastre e que, isso não obstante, entretinha uma ligação clandestina com Dona Leonor de Souza, mulher de um dos seus validos e que, em sua companhia, viera do Reino. Tais rumores não lograram, entretanto, arrefecer o entusiasmo, nem diminuir as esperanças das adoradoras do potentado, que a todas lisonjeava e mantinha confiantes, sem lhes permitir, entretanto, grandes avanços nem tampouco desanimados recuos.

A sua preferência, todavia, desde logo se manifestara pela gentil e mui formosa Dona Briolanja, esposa do Tenente de milícias, Francisco António de Lima, já conhecido de Luis Pinto desde os tempos de rapaz, na velha cidade do Tejo. Briolanja fôra aquinhoadada pela natureza com as graças de singular beleza, unidas a um trato ameno e rara inteligência, que a tornavam extremamente sedutora. Filha de antigos moradores de Cuiabá, vindos na época do povoamento, descendia dos rudes desbravadores do sertão, de que herdara as qualidades e os defeitos, generosa e autoritária, afeita a enfrentar com coragem e decisão os embates da vida.

O moreno carregado da sua tez traia o sangue indígena que havia na sua estirpe, mesclado ao dos primitivos povoadores de Piratininga. Não tinha filhos, mas criava uma sobrinha, cuja mãe morrera, dando-lhe todo o carinho e dedicação maternos.

Casara-se muito nova e viera para Vila-Bela, para onde o marido fôra destacado, no fim do Governo de Rolim de Moura. Beirava os trinta e seis anos, posto parecesse muito mais moça, dada a sua vivacidade e elegância no trajar e certo desgarre que ostentava nas suas maneiras muito comunicativas. Jamais se lhe apontara qualquer deslize, apesar de viver quasi sempre afastada do esposo, que estava constantemente em viagens do seu serviço de miliciano. No dia mesmo da chegada de Luis Pinto, a bela Briolanja, em companhia do seu marido, foi cumprimentar o novo Governador, no suntuoso Palácio dos Capitães-generais e, com a acuidade natural das mulheres vaidosas e cõscias de suas prendas, percebeu a impressão que causara ao recém-chegado. Luis Pinto convidou-os a virem almoçar no Palácio, no dia seguinte, a pretexto de tomar informações do Tenente sobre coisas da Milícia. Depois do almoço, levou o casal, a percorrer o Palácio, chamando-lhes a atenção para as belezas e suntuosidades da rica residência dos governadores.

Demorava-se defronte das artisticas peças do mobiliário e dos belos frescos a Watteau, que ornavam as paredes e o teto, reproduzindo cenas lascivas, onde as deidades mitológicas tinham a aparência de rijas caboclas e os faunos eram robustos rapagões, daquêl meio rústico e colonial. Na sala de jantar já fizera notar a Briolanja a semelhança que havia entre ela e a Hebe, que aparecia, quasi desnuda, no fôrro, embora — acentuou, sorrindo — menos bonita a pintura do que a déa viva...

E quando saiam — Lima e a mulher fôram os ultimos a retirar-se — Luis Pinto, que se atrasara, ao lado da linda senhora, enquanto o Tenente conversava com um amigo da comitiva, fez sentir à sua graciosa acompanhante, a tristeza da sua vida, sózinho naquele imenso casarão, e que só a doce presença dela estava, naquêl momento, amenizando. Briolanja, a quem a profunda intuição feminina, fizera interpretar a velada insinuação, não pode evitar, levemente perturbada, mas cheia de uma viva satisfação da sua garridice, que dos seus lábios escapasse um sorriso satisfeito, que era quasi uma indiscutível demonstração de consentimento.

II

No domingo que se seguiu, que foi, 8 do mês, e ainda como parte dos festejos da chegada e posse do novo Governador, realizou-se um grande e animado convescote no Passo do Alegre, lugar pitoresco e apropriado a essas excursões campestres. Já então foi notada a côrte persistente que o Capitão-General fazia à donairosa e guapa Briolanja, que ali fôra caracterizada de saloia, com uma ampla saia de ramagens, de belo tafetá vermelho, e atraia, com as suas arrecadas vistosas, todos os olhares e atenções. Por sua vez, a bonita esposa do tenente não se mostrava indiferente aos constantes galanteios de Luis Pinto, correspondendo, embora discretamente, às amabilidades do senhor e dono da Capitania. Conservaram-se sempre perto um do outro, conversando animadamente e ela ria, gostosamente, das faceciosas observações do poderoso galã.

Foi quem o serviu na hora do repasto e depois saíram, os dois, sózinhos, indo até à beira do rio, onde ficaram, sentados nas pedras, entretidos em longa e amavel palestra. Essa noite, no baile que se realizou no Palácio, dançaram muito, tanto o clássico minuete, como o movimentado passa-piés, em que Briolanja era exímia e brilhou, nos seus

luxuosos trajes, de chita, bem armados, e uma linda coifa, sob o chapéu de volante, ornado de flores, com xarões, à moda da época. Por isso tudo, não causou surpresa a notícia que, dias depois, circulou por toda Vila Bela, da partida para a Vila do Cuiabá, do Tenente Lima, incumbido pelo Governador da tarefa de fazer cumprir o Bando de 7 de Janeiro, que regularizava a situação dos credores da Real Fazenda, naquelas minas. A 19 dêsse mês, já o diligente oficial estava em Cuiabá e publicava o Bando para conhecimento dos interessados. Como dos seus eficazes esforços no serviço de Sua Majestade resultassem grandes vantagens para o Erário Real, houve por bem Luis Pinto conserva-lo naquela Vila cerca de tres meses, só regressando à Capital depois da Semana Santa, nos primeiros dias de Abril. Aquela tarefa, muito semelhante à que o Rei Davi cometera ao seu servo Urias, deu ensejo a que a Betsabé sertaneja pudesse fruir, livre de estorvos, o convívio assíduo do seu amo e Senhor. Afim de melhor levar a cabo os seus propósitos, usou Luis Pinto do pretexto de precisar da solícita e operosa colaboração de Briolanja, nas reformas que resolvera fazer no Palácio, e que exigiam a acuidade e o bom gosto que só as mulheres soem possuir no trato e arranjo das coisas domésticas. Briolanja passava parte do dia na Residência dos Governadores, fazendo lá as suas refeições, para assim poder mais à vontade satisfazer as ordens do seu ardiloso e apaixonado Amador. Em julho, Luis Pinto teve de ir a Cuiabá, e ao despedir-se da bôa Amiga, em frente à portada da ante-câmara do Palácio, onde se via representada uma cêna da partida de um Capitão-General, a quem uma Dama exprobrava, chorando, Briolanja fez-lhe vêr que outra não seria a sua situação, mais tarde, quando êle se fosse de vez para o Reino, ao que Luis Pinto lhe retrucou, confortando-a, que não se preocupasse com coisas futuras e incertas e lhe assegurando que, terminado o seu governo na Capitania, a levaria consigo para Lisbôa, pois não mais lhes era possível viverem um sem o outro.

Beijaram-se, em fêrvido transporte, cobrando, antecipadamente, a provisão da ausência que se aproximava. Demorou-se o Governador no Cuiabá até meados de Novembro, obrigado pelas exigencia do Real serviço e quando voltou, trouxe em sua companhia um pintor, que deveria retocar e ultimar a decoração do faustoso Palácio. Foi êsse artista que fez o notavel fresco que se via sobre a portada da câmara de dormir, figurando um gran-senhor, sentado à

beira de luxuoso leito, e atraindo a seus braços possantes uma formosa e lânguida beldade. Acima do sugestivo painel, lia-se êste trecho, bem expressivo da «Henriade» então muito *a la móda*:

«C'est ici qu'en cherchant les douceurs du repos,
Les folâtres plaisirs desarment les hêros.»

Havia uma notavel parecença entre os personagens do mural, e os protagonistas do romance palaciano, o que levou Briolanja, embora lisonjeada com a exaltação pública da sua Beleza e dos seus amores furtivos, a fazer vêr a Luis Pinto a inconveniência daquela tela, que era a mais flagrante confissão do seu idílio, já aliás bastante propalado por toda a Cidade e suas cercanias.

III

Com pouco se divulgava a maliciosa versão do painel do Palácio, atestado evidente dos amores do Capitão-general e da sua submissa e apaixonada favorita. Já não havia, agora, qualquer reserva da parte dos imprudentes amantes, e mais patente se mostrou o caso, quando, pouco depois, o já então capitão Lima, pediu licença ao Governador para regressar a Portugal, alegando o seu precário estado de saúde, devido às sezões que apanhara numa das suas muitas viagens pelo Guaporé: A partir de então, Briolanja reinou, sem constraste, em Vila Bela, como uma Du Barry colonial, postos de parte todos os escrúpulos, no seu papel de valida, dispensadora de graças e benesses, que obtinha do seu poderoso senhor. Passara a residir com a sobrinha, numa dependência do Palácio, donde exercia o seu domínio sobre a Capitania, através do poderio que alcançara no ânimo frouxo de Luis Pinto, que, com ser mulherengo e sem muita ação, a ela se entregava inteiramente, confiando do critério da bela e sagaz matrona a solução de todos os problemas, até os mais graves da administração. Não abusava, porém, a ardilosa cuiabana do império absoluto que lhe outorgara, sobre os vassallos, o destino caprichoso. Sabia como obter do poderoso amante tudo o que lhe aprazia, mas o seu favoritismo se empregava mais em fazer o bem, amparar os necessitados e corrigir as demasias do poder autócrata do Capitão-General. E boquejava-se que graças ao seu valioso e decisivo intermédio é que o Governador e Capitão-General de Goiaz, João Manoel de Mello, obteve, através de interposta pessoa — um parente de Briolanja, que residia em Vila Boa, capital da visinha Capitania,

— que Luis Pinto assinasse o «termo de acessão» de 1.º de Abril de 1771, cedendo, de mão beijada, a Goiaz a região a quem Araguaia, até as cabeceiras do Rio das Mortes. Pessoa, no espírito túbio e vacilante de Luis Coutinho, o argumento, habilmente explorado pela advogada dos interesses goianos, de reduzir a imensa extensão territorial da Capitania de Mato-Grosso, facilitando, dest-arte, a tarefa de administra-la. Sem maior estudo da matéria, a que, na sua índole displicente, se furtara, preferiu Luis Pinto ouvir os solertes conselheiros, entre as quais Briolanja se alistára, e concordar com as pretensões descabidas dos nossos fronteíros. Briolanja, na ânsia de aligeirar os encargos do seu amante, para que melhor pudessem desfrutar a ventura que a sorte lhes dera, empenhou-se na tarefa tão prejudicial a Mato Grosso, que, felizmente, não logrou êxito no futuro. Tanto pode a astúcia feminina, posta a serviço do seu exclusivismo amoroso, o que vem corroborar que, em todas as grandes obras, boas ou más, ha sempre uma barra de saia, aparece, fatalmente, a sombra de um prestígio de mulher.

IV

Esse mesmo ano de 1771 deveria assinalar o eclipse do fastígio de Briolanja, que, com pouco, perderia a sua auréola de magestosa Pompadour do sertão oestino. Luis Pinto via agravar-se o mal dos olhos, que ha tempos o acometera e começou a pensar em deixar o governo da Capitania, cujos pesados encargos já mal a seu grado suportava. Fosse da própria enfermidade, ou do seu deploravel temperamento, fraco e pusilânime, principiou dando ouvidos a intrigas partidas da D. Leonor, sempre ressentida com a ascensão vitoriosa da rival, a ter ciumes desarrazoados e injustos da sua companheira. Acusavam-na de mostrar acentuada simpatia por um jovem que trabalhava no Palácio, como encarregado da correspondência. Realmente, Briolanja gostava do Teodoro, filho de uma sua prima, e manifestava, talvez sem malícia ou segundas intenções, a sua predileção pelo moço, a quem procurava favorecer, em tudo o que podia, auxiliando-o até com dinheiro, no custeio da sua família desprovida de recursos. Uma amiga da D. Leonor, por ela industriada, alertou o Governador acerca dos «refestelamentos» da concubina com o rapaz, que já andavam provocando comentários no meio do frequentadores do Palácio. Passou o desconfiado Luis Pinto a vigiar a amiga, e um dia que a encontrou, em traje ligeiro de casa, a con-

versar, alegre e expansiva, como era do seu natural, com o efebo, a advertiu, ríspido, sobre a confiança que estava dando àquele fedelho. Reagiu, prontamente, Briolanja, maguada e ferida em seu amor próprio, ante a infame suspeita, dizendo que aquilo era uma calúnia, que sómente podia partir de pessoas malévolas, iuteressadas em perturbar a sua felicidade. Estava, porém, aberta a porta para os desentendidos, que, com pouco, criavam um completo desajustamento ao até aí venturoso par.

Briolanja, por sua vez, exclusivista e dominadora, arguia ao amigo a frieza com que agora a tratava, fruto de novos amores, que lhe eram atribuídos, por uma galante viuva, ha pouco chegada a Vila Bela.

Entediado com as constantes cênas de ciumes que Briolanja lhe fazia, Coutinho evitava-a, e, deliberado a voltar para o Reino, achava asado aquêlê arrefecimento nos seus amores, para desenhencilhar-se do compromisso que assumira de leva-la consigo.

Resolveu pôr um ponto final naquela ligação que já o aborrecia, dando ciência a Briolanja do seu casamento, por procuração, com D. Catharina de Lencastre, já no ultimo ano que passou em Vila Bela.

Foi o golpe de misericórdia desfechado, em cheio, no coração da pobre criatura, que, confiante e sincera, tudo sacrificara, inclusive o seu nome, e a honra do seu lar, levada pelo fascínio que sobre ela exercera o perjuro Luis Pinto.

Afastou-se do Palácio, onde não tardou a imperar a nova favorita que o voluvel e irrequieto Governador escolhera. Revelava-se o trêfego e abúlico Governador o mesmo homem sem firmeza e privado de carater que, mais tarde, como Ministro, assinaria, em Portugal, o vexatório tratado de Badajoz, símile do celebre termo de acessão de 1771. Briolanja mostrou-se digna, no desfavor da fortuna, como o fôra na prosperidade. Soube viver o seu drama com a superioridade de ânimo que ostentara no apogêo da grandeza e no esplendor do seu fastígio efêmero.

Levou, daí por diante, uma vida retraída, dedicando-se à sua casa e à família da sobrinha, que casara com o Teodoro, desfazendo-se assim, as torpes murmurações que correram a respeito das relações existente com o seu protegido. Devotava-se ao culto e, com os recursos de que dispunha, socorria várias famílias desvalidas da Cidade. Apareceram-lhe diversos pretendentes, que ela, delicadamente re-

cusou, entendendo que depois de ter estado nos galarins da fama e do poderio, não lhe ficaria bem tisanar o seu nome em outras aventuras sem proveito.

Depois da partida do ingrato Luis Pinto, a quem não mais quisera ver, foi, uma vez, ao Palácio, pretextando ter que retirar alguns pertences que lá deixara e se deteve, longo tempo, a rever aquêlo cenário de tantas glórias e prazeres, hoje para ela cheio de profunda e insopitavel melancolia.

Em frente à porta da câmara ficou olhando, com pungente sentimento, o painel que tantas recordações lhe trazia e em que o pintor deixara, para sempre, reproduzido na têla, a história romântica dos seus amores, tão depressa e tão inesperadamente fanados...

MEDALHAS

Oscarino Ramos

I

SILVESTRE

Fugindo à sanha da Loba faminta, escondo-me entre as árvores deste recanto tranquilo. O hospital, todo branco, á luz do sol, fulgura, como uma almenara de paz e esperança. O silencio domina tudo. A vida, entretanto, tumultúa lá fóra Ali, embaixo, o parque florido. Alem, as arvores escalonando o morro áspero, onde domina o Cristo misericordioso. E a cidade, enorme, ondula e se espraia até ao mar. Aqui dentro, o mesmo silêncio. Quebra-o o rumor das vestes brancas das enfermeiras.

Depois vem o médico, grande pelo saber, maior pelo coração. Tem palavras de fé, como as manifestações dos amigos.

Tudo, porém, passa. Só não passa a sombra errante de Companheira incomparavel, atenta, muda, para não revelar as suas apreensões. Bendita enfermidade que ainda me permite acreditar no sortilégio da bondade humana.

20-8-58.

II

RIO

Ai está, de novo, a cidade fervihante. Já não é a mesma. Sítios conhecidos desapareceram, como desapareceram os velhos pontos de encontro. Também vão partindo os amigos, deixando, vasia, as mezas das rodas boêmias. Ruas se alargam; predios, novos, se levantam.

As artérias da grande cidade tumultuam com a onda humana que sobe e desce. Tudo cede á voragem do Progresso. Daqui ha pouco ninguem mais conhecerá a metrópole boa e buliçosa de outrora. Sou um estranho no delirio das ruas trepidantes

Sinto, contudo, que no eter imponderavel dos poentes doirados, esvoaça um punhado de sonhos de minha mocidade distante.

20-9-58

III

MEIA-SETE

Eis, afinal, a descida. Encaro-a serenamente. La embaixo, o vale sombrio e acolhedor Não mais o canto festivo dos passaros em festa, mas o pio das aves solitarias. O céu, porem, é ainda azul e profundo. Rareiam as sombras do desfiladeiro e as pernas vacilam ante os tropeços surgidos.

Voltar, quem dera ! Atingir novamente o cimo e como um bárbaro, saudar a vida, olhar o outro lado, povoado de idílicas paisagens e beber no sopé da montanha, a agua magica da mocidade, cheia de sonhos e amores. Viver !

A descida porém ai está. Forçoso é prosseguir-se a curta viagem para alcançar a grande noite, sem estrelas e plena de perdão.

1-11-58.

O EVANGELHO

Henrique Carlos

POESIAS

O EVANGELHO

Otávio Cunha

Leio o Evangelho. E quanto mais o leio
tanto mais me extasio e vibro e aprendo...
A face humana eu não esbofeteio
e dou ao pobre o pão que estou comendo.

Préga o amor, préga a paz, suave o anseio
dos oprimidos neste mundo horrendo...
Não mates, ama o proximo, que o seio
de Deus te abrigará... Vou lendo, lendo!...

Cêdo Jesus do céu trouxe o Evangelho,
será lei para as gentes do futuro,
mas nunca, em tempo algum, ficará velho...

Só depois de um milenio o povo o aceita,
— só quando ficar branco o mundo escuro,
— só quando a humanidade fôr perfeita.

O PÃO DA ESMOLA

Otavio Cunha

Desde cêdo (e vai alto o claro dia)
anda o pobre a bater de porta em porta...
e é cego: — é o seu bastão que leva e guia
seu corpo — efigie de esperança morta...

Ninguém lhe mostra amor, nem o conforta;
a sua noite deve ser bem fria;
seu dolente penar minha alma corta...
Nunca o ungerà o nardo de Maria!

Penso até que sou tu, irmão mendigo,
ou igual a ti num tempo, há tempos, findo
esmolei, andei só, não tinha amigo!

Fui pobre, trouxe às costas a sacola,
estendia a mão côncava, pedindo...
É difícil ganhar um pão de esmola!

A VINGANÇA DO AMOR

Otávio Cunha

Há quem a tudo odeie. Eu tenho amor a tudo,
ao proximo, que me quer mal, a que me odeia,
ao vagalume, à estrela, ao mar calmo ou sanhudo,
amo o fogo do Sol, como a luz da candeia !

Pode a arvore se doer—seus galhos não sacudo...
Amo o pão que Jesus partiu com as mãos, na Ceia,
e sobrou para o pobre, o cego, o surdo, o mudo...
pão do amor, que me sana e cura a dor alheia !

Conquista e ama a quem já te feriu sem motivo,
o amor atinge o céu, o odio do chão não passa,
Não mates ! — teu poder não faz do morto o vivo —

Não consiste a vingança em matar o inimigo,
mas em fazer-lhe o bem contra o mal que te faça,
e em deixa-lo viver para ser teu amigo !

INVEJA

Otavio Cunha

Otavio Cunha

Não tenho pão nem peixe. Pouco tenho
que oferte aos meus irmãos necessitados.
Sou viajor, de muito longe venho
tentando reduzir os meus pecados.

Bem pouco vale o meu teimoso empenho
de querer amparar os desgraçados...
Um cirineu não leva mais de um lenho,
mas eu tenho milhões de irmãos cansados!

Vi na tua alma o brilho da clemencia,
vi tuas mãos vazadas pelos pregos;
deste-me o dom de crer noutra existencia!

Tenho inveja demais do teu poder;
erguendo os mortos, dando vista aos cegos...
Nada disso, Jesus, posso fazer!

POEMAS DA FAUNA

A Eneida Maria de Figueiredo Ferreira
— neta querida do meu coração —

A CIGARRA

X

Cantas, pela manhã, á tarde cantas;
Bem te ouvira cantar a vida inteira,
Cigarra, que nos canticos suplantas
Os proprios rouxinóis, ó cantadeira.

Quando, ao sol tropical, na alta ramagem,
— Harpa ou lyra — teu seio chia, chia,
tens a força e o esplendor de uma miragem,
E a apoteose e o esplendor do meio dia.

Não sei si és bohemia ou preguiçosa, amiga,
Sei que cantas, não mais, nem si a formiga
Pediste um dia proteção, guitarra.

Sei apenas, cigarra, quando, á tarde,
Funda tristeza nos meus seios arde,
O bem que tu me fazes, ó cigarra.

O SAPO

XI

Inofensivo, e repelente, ó sapo,
Não sei porque te julgam repelente.
Si és casca grossa, és certamente trapo;
teus bugalhos assustam, certamente.

Rotundo, inchado, e, ás vezes, lerdo ou guapo,
Levas a vida, como toda gente,
Enchendo a tripa e mais enchendo o papo,
Indiferente a tudo, indiferente.

Não ofendès; e morres das pedradas,
Embora não procures nunca estradas,
Antes buscando entulhos ou capim.

Estufas, molestado, o corpo todo,
E vives, quer nos lagos, quer no lodo,
Na magestade de viver assim.

A ARANHA

XII

Teces, a noite toda, a linda teia
De altos labores e de filigrana,
E menos arapuca, mais cadeia,
Bem parece artimanha de cigana.

Trabalhado o arabesco, ficas, feia,
Prelibando, tal qual a astucia humana,
Engénua fauna que aos vaisvens rodeia
Esse rico cendal que chama e enfana.

E ao ver-te, astuta, á espera dos reveses
Da preza que ha-de vir, eu penso, aranha,
Nessa maldade feminil que ás vezes,

Usando a mesma astucia e a mesma manha,
Espera dias, esperando meses,
E com beijos e abraços nos apanha.

O VAGALUME

XIII

Brilhando aqui, brilhando ali, em suma,
Nas arvores, nos campos e nos prados,
Ora só, ora em circulo, agrupados,
Jamais vi tanta luz em parte alguma.

Não sei, vendo da serra, esses cardumes
— Miriades de lampadas e velas —
Si a terra sobe ao ceu cheia de estrelas,
Ou si o ceu desce á terra em vagalumes.

Tens fascínios em noites de negrumes;
És fogo-fatuo, é certo, mas és lume
Que se a paga, rebrilha e gira e gira.

E quando, com teu grupo, ao pé da serra,
Dás a ilusão de um ceu cahido á terra,
Mais parece verdade que mentira.

O KAGADO

XIV

La vae, pesado e lerdo, abroquelado
Na córnea concha, ou asperrima armadura,
Esse que não conhece o acelerado,
Nem conhece montanhas, nem altura.
Século vence nesse andar pousado,
Resistindo soalheira e desventura.
E, na propria carcassa emaranhado,
O quanto menos anda, inda mais dura.
Kágado ou tartaruga, pouco importa,
Bem nos mostras na plácida existencia,
Uma grande verdade, que conforta,
Qual a de que, (nada de espada ou lança),
A vida bem se alcança com paciencia,
Quanto, com calma, a perfeição se alcança.

A ONÇA

XV

Vem, às vezes, assim, de andar aveludado,
Bem agachada ao chão, na estratégia traiçoeira,
A negaciar, de manso, o altivo e alerta veado,
Escondendo-se aqui, ali, numa touceira.

Nada consegue; e, então, a olhar de lado a lado,
Volta á mata, e o tapir persegue na carreira.
E a luta é dura e hostil no agreste emaranhado
De galhos e cipós, de troncos e cachoeira,

Quando na paz da noite e nem o vento freme,
E o silencio se impõe, e galho algum se agita,
Treme, às vezes, a terra, e a mata toda treme.

E, então, na solidão onde domina e impera,
A fauna toda foge, em desespero, aflita,
Ao soturno trovão da garganta da fera.

Alyrio de Figueiredo

VENENO DE SERPENTE

Rubens de Mendonça

É a mesma e velha arma usada desde quando
Ao mundo veio Eva e seduziu Adão!...
Tem sempre o mesmo ardil e o seu poder nefando
Não sei se causa horror ou inspira compaixão!

Quando o mundo nasceu já Eva foi tramando
O golpe da mais doce e sutil sedução!
A História da Serpente — E a Deus atraíçoando
O fruto Adão comeu da própria perdição!

Quis resistir Adão às lágrimas de Eva,
E ela, meiga a chorar, de tal maneira o enleva
Que comeu a maçã — pecado original!

Lágrimas de Mulher — Veneno de Serpente!
Na força do poder encerra cruelmente —
Toda a infinita dor da angustia universal!...

AOS CONFINS DOS INFERNOS

Rubens de Mendonça

Duvido possa haver força humana ou divina
Capaz de refrear meu desvairado amor...
Só a tua beleza a minha alma domina
Com êste louco querer e êste ardente fervor...

O teu amor eu sei, querida, me alucina...
Perder-te, eu morreria em tormentos de dor...
Meu destino é te amar. É Deus quem determina
Que eu te queira com fé e te ame com ardor!...

Conter nossa paixão? ... Que tola veleidade!
Ninguém domina o amor ou sufoca a saudade,
Só transformá-los pôde em suplicios eternos...

E que digam de nós os mais torpes labéus...
Se necessário for — irei contigo aos céus —
— Ou descerei também aos confins dos infernos!...

LINGUA

Rubens de Mendonça

Porque Deus foi te dar esse poder sublime,
Quando o mesmo poder não deu a outro animal!
Falas... a tua voz a liberdade oprime...
Mentes... e do opressor, fazes um imortal!

Falas e a tua voz toda malícia exprime
Da impostura que fêre ainda mais que o punhal!...
Para o bem condenar, glorificas o crime...
Podes até fazer de um Santo, um amoral...

Língua, tu não tens osso e sabes ser ferina...
Pois sendo carinhosa és também assassina,
Trabalhas para o mal tecendo o teu ardil!

És cínica, és cruel, hipócrita e perjura...
Porque foi que Deus fez para a nossa tortura
Esse órgão muscular ser tão infame e vil?!...

SÓ TÚ!

Rubens de Mendonça

Viver sem ti não posso! És tudo em minha vida...
Meu sonho de ternura — és meu supremo bem!
Minha alma na tua alma achou doce guarida...
Como te quero amor, jamais amei a alguém!

Mais cresce o meu afeto e mais se consolida...
Nada, nada no mundo a esta paixão detem!
Tenho por ti minha alma em sonho embevecida,
Só receio me venha a dor do teu desdem!...

És para o meu viver uma necessidade...
És o ar que respiro — és a felicidade,
O amor, o bem, a paz — razão do meu viver!

Tu resumes, enfim, o meu sonho de glória,
O teu beijo, querida, é o trofeu da vitória
— Rosa rubra de amor, na boca a resplender!...

O LIVRO DO PASSADO

Sonetos de José de Mesquita

Inda hoje, o livro do passado abrindo,
lembro-as e punge-me a lembrança delas.
Lembro-as e vejo-as como as vi partindo,
estas cantando, soluçando aquelas.

(BILAC — Via lactea, XV)

ANUNCIAÇÃO

I

Esta foi a primeira em que vi despertar
O amor. Era vistosa e bela, como poucas
Vi depois. Moça feita, a beleza a ostentar,
Alvoruçava em mim vagas ardências loucas.

Si vinha em minha casa, eu me punha a sonhar
mil quimeras, embora ela fizesse moucas
as orelhas ao meu desejo... o seu olhar
me fascinava e as suas falas quentes, roucas...

Tinha eu doze anos. Ela quinze ou dezesseis.
E nunca me esqueci a impressão que me fez
da libido a inflamar em mim a brasa acesa.

E ainda estou a vê-la, em seu decote ousado,
que me trazia, adôlescente, arrebatado
nessa revelação do amor e da beleza!

ULTIMA NOITE

II

Aquela última noite em que juntos dançamos,
vésperas da saudosa e tristonha partida,
quando, entre uma quadrilha e uma valsa, trocamos,
com a angústia no olhar, o adeus da despedida;

aquela doce noite em que nós nos juramos,
sem falar, uma eterna afeição nesta vida,
quando, ao estreitar-te assim nos meus braços, selamos
nosso pacto de amor para sempre, Querida;

noite que ví passar como um sonho ligeiro,
mas que ficou em nós vivendo, cada dia,
nessa vaga impressão de um idílio fagueiro,

tão suave e gentil quão efêmero e triste,
enche-nos o viver dessa melancolia,
que é a saudade sem fim de um bem que não existe...

INSTANTE ETERNO

III

Por uma tarde azul, no azul da praia,
que um céu azul e rútilo emoldura,
atingiu seu ponto alto de ventura,
o nosso amor, ave que o vôo ensaia.

Tive nas minhas tua mão tão pura,
nos meus, teus olhos, em que a luz se espraia.
E eras bela, da tarde que desmaia,
ou tinha a tarde a tua formosura.

O' que nós, doce Amiga, não possamos
deter do tempo a marcha num segundo,
e a vida resumir só no que amamos!

Fosse eterna essa hora passageira,
nêsse lugar tivéssemos o mundo
e nesse instante a vida toda inteira!

CÓPIA OU ORIGINAL

IV

Ter teu retrato assim, corpo inteiro, Querida,
é para mim, a um tempo, alegria e tortura,
— alegria, pois vejo o sol da minha vida,
que, após tão longa ausência, irradia e fulgura;

mas tortura, também, tantânica e doída,
pois que te vendo assim, suave creatura,
— cópia viva do que és — uma rubra ferida
se me abre dentro d'alma, em imensa amargura.

Como quisera ter-te aqui sempre ao meu lado,
dia e noite e poder beija-lo como beijo,
tua fotografia, o teu Corpo adorado!

Cansado de sonhar, eu aspiro ao real,
e, no meu louco amor, o que ora mais desejo
é que me dês, em vez da cópia, o original...

PAISAGEM HUMANA

V

Cada vez que da Serra os bons ares procuro,
é por ti que me vou, que me levo e oriento,
pois de ha muito acordaste em mim o sentimento
deste amor, como a Serra, alto, grandioso e puro.

Encarnas para mim, no teu suave acento.
toda a beleza do planalto e me afiguro
que és do torrão serrano o fruto bem maduro
e a luz que me clareia êste céu nevoento,

A dolência da Serra eu sinto nos teus olhos,
a doçura deste ar se impregna nos refolhos
dos teus lábios que, um dia, em extase, sorvi.

E deste então fiquei amando a tua terra,
pois vi que em ti encontro a paisagem da Serra,
leve, doce, sensual, humanizada em ti!

CRAVO DE SHANGAI

VI

Vieste da sua mão, como tu perfumada,
setínea como tu, meu cravo cor de rosa,
e quando recebi a dádiva adorada,
beijei-lhe a leve mão, gracil e generosa.

Guardei-te com amor, mas esta madrugada,
ao buscar te rever, — surpresa dolorosa! —
encontrei-te a corola inteira desfolhada
e umas petalas só presas à haste mimosa.

Mas o aroma ainda aspiro e sinto a macieira
— é que o olor e a fescura herdaste todo dela,
simbolizando assim, no encanto e na beleza,

êste amor que floriu um momento e que ai! —
logo me arrebatou para bem longe aquela
flôr humana, que foi meu cravo de Shangai!

NUM DIA DE NEBLINA

VII

Muito tempo calei meu sentimento,
mas vejo que não posso mais fazê-lo,
pois fica, nêste seu transbordamento,
pequeno o coração para contê-lo.

Amor dedicação, desejo ou zelo,
tudo o que no meu íntimo acalento,
é uma extranha ternura sem modelo,
que se compraz até no sofrimento.

É um querer que, discreto, pede pouco,
que sabe que esperar é sua sina
e aguarda, num anseio quasi louco,

que, de novo, me dês a claridade,
que tive, nêsse dia de neblina,
dos teus beijos na lânguida ebriedade...

PEDRAS VERDES

VIII

De olhos negros, castanhos, de outras côres,
o mundo cheio está e até suponho
que já não soem despertar amores,
pois o que é tão vulgar, faz-se enfadonho.

Mas olhos como os teus, multicolores.
— céu azul, verde mar, bosque risonho —
são olhos sem rivais e sedutores,
têm poesia, têm fluidos e têm sonho.

Olhos asuis tirando a um verde lindo,
olhos côr da esperança, olhos que a gente
vendo-os, fica em quiméras imergindo.

Com os teus olhos meu desejo escaldas,
e suspiro por ser o heroi ardente,
o caçador daquelas esmeraldas.

NEVE E FOGO

IX

A neve é menos alva que o teu seio,
menos dourado o sol que os teus cabelos.
Por isso fico deslumbrado ao vê-los,
e em flamas de desejos me incendeio.

De que essência és tu feita? Donde veio,
de que país de fogo e brancos gelos
essa carne, que acende e inflama os zelos,
e esse torpor que nos teus olhos leio?

Tens do marfim a côr, da laca o brilho.
Toda esplendes à luz, como irradiando,
e ante tanto fulgor me maravilho...

E, extático, me rendo sem saber
se é a neve que me vai todo abrasando
ou o sol que me põe, todo a tremer...

YARA

X

Do teu feitiço, certo, não consigo
livrar-me. Ouço-te a voz, cada momento,
numa doce impressão de encantamento,
qual si te visse sempre aqui comigo.

Do teu olhar nesse quebranto lento,
entrevejo doçuras e perigo.
Quisera ser, qual pedes, «teu amigo»,
mas cresce em mim estranho sentimento.

Sentimento que julgas devaneio,
ilusão de poeta, afoita e rara,
mas que me absorve todo em seu anseio.

Sou como o nadador que, incauto, sente
ir no arrastão, atrás da linda yara,
largado o corpo, entregue na corrente...

A ENCRUZILHADA

XI

Da vida pelos ásperos caminhos,
te achei, naquela tarde enevoadas
do nosso doce outono e ambos, sózinhos,
fômos seguindo pela mesma estrada...

Nas frondes nemorosas, raros ninhos
entoavam a canção enamorada.
Tinham murchado a relva e os rosmaninhos,
do morro na deserta encruzilhada...

Mas nosso amor viçava alacremenente,
e floria de cravos e de rosas
o arredor, perfumando todo o ambiente.

E no logar em que nos encontramos
ainda vive, suave e volutuosa,
a doçura dos beijos que trocamos...

A SEMPREVIVA

XII

«Quando eu morrer, porque eu irei primeiro,
— um dia, comovida, me dizia —
quero que o meu amigo e companheiro,
ao visitar a minha campa fria,

leve uma sempreviva, derradeiro
tributo dêste amor que nos unia,
e ali relembre o afeto verdadeiro
que nos prendeu, na vida fugidia».

Hoje venho cumprir essa promessa,
satisfazendo o teu pedido amigo,
aqui, onde outra vida nos começa,

vida que se abre para a Eternidade,
e pondo a sempreviva em teu jazigo,
sinto-te sempre viva na saudade.

AS MÃOS DO DESTINO

XIII

Como as mãos do Destino caprichosas
vieram entretecer, num imprevisto,
nosso romance, o amor doce e benquisto,
que uniu as nossas almas sequiosas!

Nem tu, nem eu, julgávamos que isto
acontecesse... E as linhas misteriosas
da sorte úrdiram, rijas e imperiosas,
as teias a que, fraco, eu não resisto.

Nossas vidas distantes transcorriam,
mas ao te ver foi como se encontrasse
velha amiga, que os olhos descobriam.

E, assim, um para o outro caminhamos.
Foi um olhar apenas e eis que nasce
dêsse olhar, tanta coisa!... E nos amamos.

NO PÔRTO

XIV

Hora de paz e de recolhimento.
Crepúsculo de amor. Cair do dia.
A sombra, aos nossos pés, vai lento e lento,
enchendo tudo de melancolia.

Junto ao cáes, eu e tu, no nevoento
ocaso, em que do sol a luz morria,
estreitamos as mãos, no doce acento
do grande amor que nossa alma pungia.

E, largo tempo, ali, juntos, ficamos,
vendo findar a tarde de verão,
na paisagem suave que gosamos.

E as palavras de amor que então dissemos,
vivem ainda e sempre viverão,
como as horas melhores que tivemos...

NÃO SE ESQUECE...

XV

O' não posso atender teu apêlo veemente.
e não posso, porque não o podes também.
Não se esquece o que foi e que é, perenemente,
e o Passado é, afinal, nosso único Bem.

Tu mesma o dizes ao, sub-conscientemente,
confessar que, «a saudade é grande» e ela contem
o Passado: é o Amor que, persiste, latente,
«êsse vinco que deixa em nós a alma de alguém».

O olvido só existe em quem do Amor inteiro
não logrou conhecer o êxtase verdadeiro,
no ardor da carne e na ternura interior.

O amor póde mudar, tomar outra aparência,
mas vive e subsiste, eterno, em sua essência,
e quem um dia amou, jamais esquece o Amor!

O TEATRO EM CUIABÁ

Francisco A. Ferreira Mendes

O povo cuiabano foi sempre apreciador dos espetáculos de palco. Já a 7 de Outubro de 1807, por ocasião da visita do oitavo governador de Mato Grosso, a Cuiabá Capitão-general João Carlos Augusto d' Oeynhausen Gravemberg, conforme as crônicas da época, o povo cuiabano dava excelente prova de gosto pelas representações teatrais. Nessa ocasião, segundo os *Anais do Senado da Câmara*, regozijando-se o povo com a honrosa visita, «na seguinte noite — 8 de Outubro — o capitão Juiz-de-fôra Joaquim da Costa Siqueira ofereceu um pomposo carro todo iluminado em que ocupavam com propriedade os seus lugares Apollo, Júpiter, Marte, Cupido, Juno, Venus, Minerva e as nove musas, o qual tendo rodeado a praça, parou em frente das janelas da aposentadoria de S. Excia. a quem se dedicava aquele obséquio. Repetiram os actores que ocupavam o carro um drama poético, que assaz agradou a S. Excia. e que se repetiu a 18, havendo nova addição poética que mereceu maior aplauso».

Insulada no sertão do oeste pátrio, as comunicações de Cuiabá com a côrte eram demoradíssimas, e a sociedade da época improvisava os espetáculos para seu deleite. A 11 de Agosto de 1877 inaugurou-se em Cuiabá a Sociedade Dramática Particular Amor à Arte, «contando 62 sócios de camarote e 98 sócios de platéia», e que fôra fundada a 23 de Maio do mesmo ano. O primeiro espetáculo da Amor à Arte realizara-se a 1.º de Julho seguinte, levando-se à cena as comédias *A torre em concurso* e *O novo Othelo*.

Foi uma das mais duradouras, assinala Estevão de Mendonça — das que existiram em Cuiabá, instalada em confortavel prédio cedido pela antiga Sociedade Teatral, e que

marcou época em Cuiabá, pois do seu corpo cenico faziam parte senhorinhas do escol social, tais D. Elvira Josetti, D. Ana Rivani, D. Corsina Peixoto Pitaluga e os jovens Antonio João de Souza, Eulálio Guimarães, Generoso Paes Leme de Souza Ponce, Carlos Vandoni e outros, da sociedade cuiabana. A 18 de Agosto de 1883, no sobrado da praça da República, onde hoje se ostenta o maior prédio da cidade, o Centro-América Hotel, instalou-se a sociedade «Terpsichore Cuiabana», que teve pouca duração. A 27 de Agosto de 1885 estreiou-se em Cuiabá, no Teatro São João, a primeira companhia de zarzuelas que veio a Mato Grosso. Era o antigo prédio do Teatro São João, o que depois se chamou Amor à Arte, e ficava situado na esquina da rua Formosa, hoje Dr. Joaquim Murтинho, com a avenida Presidente Vargas, no mesmo local onde hoje se vê o prédio do Grande-Hotel. A construção do Teatro São João teve início a 22 de Junho de 1827. Devido porém à desinteligência entre os promotores da idéia da constituição da «Empresa do Teatro», foram suspensas as obras, até que, anos mais tarde o comendador Henrique José Vieira conseguia, dirigindo pessoalmente a construção, «quase completar a edificação». «Por anos sucessivos realizaram-se no palco da «Empresa do Teatro», apreciados espetáculos».

Entregue novamente ao abandono, em 1893 o mesmo comendador Henrique José Veira transferiu seus direitos sobre a quase totalidade das ações da «Empresa do Teatro» à «Sociedade Dramática Amor à Arte», de que era presidente, conseguindo assim, concluir a obra que desapareceu na manhã de 14 Setembro de 1894, com o desabamento do prédio. O Dr. Karl Von Den Steinen, na sua obra *Durch Central Brasilien* refere-se à representação a que assistiu em 1885, em Cuiabá do drama «Caim e Abel», que julgou bem representado pelos artistas amadores. O que lhe causou estranheza foi a presença na platéia, à hora da representação, de um bode «ao qual os garotos puxavam pelo rabo para verem o animal se pôr em pé, com atitude ameaçadora».

A 5 de Agosto de 1893, Joaquim Bartolino de Proença fundou a Sociedade Escola Dramática, erguendo o palco ao ar livre, no quintal onde hoje está o prédio da esquina da rua Barão de Melgaço com a rua Campo Grande, construído por Vicente Orlando, que então pertencia a Manoel Ribeiro, e que ora é sede da Agência da Companhia de Seguros Sul América. Entre os artistas amadores figuravam o próprio Joaquim Bartolino, que, diz-nos Estevão de Mendonça, deleitava a platéia com suas piadas, Antonio Pe-

trocelli, Ciriaco de Toledo, João Barbosa de Faria, e as senhorinhas Almira e Palmira de Mendonça, Leonídia Fernandes de Souza, Antonia de Figueiredo, Orsina Mamoré, Lídia Evangelista, Delmira de Figueiredo e outras, todas da melhor sociedade de Cuiabá.

Na primeira década do século atual, o teatro do Ginásio Salesiano São Gonçalo, ali à rua Nova, hoje avenida Dom Aquino, marcou era com as representações dos dramas cristãos, extraídos da história da antiga Roma dos Imperadores, pelo padre José Solari. Tomavam parte como atores, Vespasiano Martins, Fenelon, Júlio e Frederico Müller, Estevão Gomes, Filogônio Corrêa, Cesário Prado, Antonio Luiz da Costa Campos, Olegário de Barros, Aristides Osório, Hipólito José de Oliveira, Paulino de Assis Moreira, Lamartine Mendes, Nilo Póvoas e o autor destas linhas, então alunos do Colégio Salesiano São Gonçalo. A venda dos cartões de ingresso era feita antecipadamente pelos próprios componentes do corpo cênico, e os espectadores tinham a incumbência de enviar as cadeiras, que devidamente marcadas com os nomes dos proprietários, eram numeradas cronologicamente e colocadas segundo a ordem da remessa, cabendo pois a melhor posição local na platéia aos mais previdentes. Com a ausência do padre Solari continuou o teatro salesiano a cargo do padre Luiz Montuschi. A extinção em 1911, do curso ginásial seriado pela reforma do ensino do ministro Rivadávia Corrêa, extinguiu-se tácitamente o Teatro do Liceu Salesiano.

Como tudo o que é bom tem pouca duração, o gosto artístico do povo vai aos poucos desaparecendo com o evoluir da civilização sempre em mudança. Com o aparecimento do cinema em 1896 e a sua introdução em Cuiabá, em 1908, trazido pela iniciativa de Salvador Teixeira, vai a filmagem absorvendo tudo. O partidarismo político com as incompreensões do regime democrático, influiu também para o esmorecimento do teatro em Cuiabá. A estirpe porém, ainda é a mesma, continuada nas gerações que orgulham a tradicional sociedade, e a união da família cuiabana continuará viva através dos tempos para honra da memória dos maiores, que fizeram e conservaram a querida e bicentenária Cuiabá.

OS NOSSOS GRANDES GUIAS ESPIRITUAIS

Oração proferida pelo Exmo. Snr. Arcebispo Dom Orlando Chaves, na Missa Pontifical de 16 de Julho de 1958, antes da transladação dos restos mortais dos Bispos e Arcebispos de Cuiabá.

É admirável a solicitude materna com que, há 3 séculos, a Santa Madra Igreja velou sobre estas paragens longinhas e isoladas de Mato Grosso, seguindo os passos dos desbravadores dêstes sertões. Fundada Cuiabá em 1719, já em 1745, faz portanto 213 anos, foi elevada à séde de Prelazia, compreendendo todo território da Provincia de Mato Grosso. O afastamento e, sobretudo a dificuldade de acesso, porém, eram tão grandes que só em 17-8-1808 Cuiabá recebeu o primeiro Prelado: o Bispo Titular de Ptolomaida, Dom Luiz de Castro Pereira, que foi a primeira Mitra a penetrar nêstes ínvios recessos da América do Sul.

O seu prestigio se tornou tão grande que, ao ser deposto o Governador Magessi, em 1821, lhe coube presidir a Junta Governativa, que assumiu as rédeas do poder. Veio o falecer em 1.º de Agosto de 1822.

Faz 136 anos. Foi sepultado no Presbitério desta Cathedral, no lado do Evangelho, em frente ao Trono dos Bispos. Sua sepultura foi aberta no dia três do corrente mes de Julho, perante uma comissão nomeada pelo Arcebispo. Lavrou-se ata da abertura. Encontraram-se seus ossos, restos da faixa e pedaços do caixão, que foram encerrados na 1ª. urna.

Foi seu sucessor o missionário capuchinho, Frei José de Macerata, que se distinguiu por virtude e zêlo, deixando fama de santidade, a ponto de ser chamado «o taumaturgo do sertão». Nomeado a 29 de agosto de 1823, empossou-se a 27 de Maio de 1824. Sua nomeação foi tornada sem

efeito pelo Decreto de Pedro I, de 27 de Agosto de 1851, por não ser brasileiro, tornando-se vítima das violências regalistas. Faleceu em 1846, — faz 112 anos — sendo sepultado nesta Catedral, no lado do Evangelho, sob o trono do Bispo, entre a parede e a tumba do seu antecessor. Aberto seu túmulo, também dia 3 do corrente mês, pela mesma comissão, como consta em ata, foram encontrados seus ossos e pedaços de caixão, que se depositaram na segunda urna.

Em 1826—faz 132 anos—a Prelazia foi ereta em Diocese e a 27 de Novembro de 1833, Cuiabá recebia, exultante e festivamente o seu primeiro Bispo Diocesano, o grande Dom José Antônio dos Reis, que governou por 43 anos, deixando, como marco indelével de sua passagem, o atual Seminário de Nossa Senhora da Conceição, cujo centenário do lançamento da primeira pedra vamos comemorar a 7 de Dezembro dêste ano. Tipo do Pastor, foi êle que, de crucifixo na mão, pelas ruas serenou os ânimos mais apaixonados nas lutas nativistas da «Rusga». Governou a Diocese durante a Guerra com o Paraguai e recebeu aqui a imagem histórica de Nossa do Carmo do Forte Coimbra. Faleceu em 11 de outubro de 1876, com 78 anos de idade. Foi sepultado na Capela Mor desta Catedral, no lado do Evangelho, em frente à sepultura de Dom Luiz Castro Pereira.

Abriu-se sua sepultura e lavrou-se a ata, pela mesma comissão, aos 30 de Junho passado. Encontraram-se ossos, restos da batina, pingente verde da faixa, e pedaços do caixão. Tudo está encerrado na terceira urna, assinalada com seu nome.

No mesmo ano de 1876 era nomeado Bispo de Cuiabá, Dom Carlos Luiz d' Amour, que teve também um longo episcopado de 45 anos. Recebeu aqui os salesianos. Com a criação, a seu pedido, das Dioceses de Corumbá e de São Luiz de Cáceres e a Prelazia do Registro do Araguáia, em 1910, formou-se a Província Excelesiástica de Cuiabá, que foi elevada à dignidade de Arcebispado, e Dom Carlos Luiz d' Amour teve também a honra de ser seu primeiro Metropolita. Era distinção muito grande ser Arcebispo no Brasil: havia só 6 Arcebispados: Baía, Rio de Janeiro, Belém do Pará, Mariana, São Paulo e Cuiabá. Dom Carlos foi um espirito culto e nobre: Sócio do Instituto Histórico Brasileiro, Sócio honorário do Instituto Histórico de Mato Grosso, foi agraciado pelo Papa com o titulo de Conde Romano. Governou a Arquidiocese com energia e firmeza.

Faleceu a 9 de Julho de 1921 com 84 anos de idade. Foi sepultado no centro da Capela Mór desta Catedral.

Da ata da abertura de sua tumba, feita pela mesma comissão, em 30 de Junho, consta ter sido encontrado seu esqueleto inteiro com cabeleira branca, vários pedaços de batina, pingente verde da faixa e do cordão de tecido de ouro da cruz, e pedaços de caixão. Estas reliquias se encontram na 4.^a urna, assinalada com seu nome.

No caixão aqui presente, aberto pela mesma comissão que lavrou ata no dia 14 do corrente, encontrou-se o esqueleto bem composto, com suas vestimentas, do grande Dom Aquino, segundo Arcebispo de Cuiabá, a maior glória, sem dúvida nenhuma, da nossa amada Arquidiocese. Desnecessário seria falar dele a vós, que tendes ainda viva lembrança de sua grandeza. Filho desta terra rica em ouro, tornou-se um dos mais ilustres matogrossenses, inteligência de escol, Santo Ministro de Deus, poeta, orador, aos 29 anos foi sagrado, sendo então o Bispo mais novo do mundo. Aos 32 anos anos, elegeu-se Presidente do Estado e governou por um quadriênio. Deixada a Presidência, recebeu o pálio de sua terra natal. Com um pontificado bastante longo, de 34 anos, foi incansável. Visitou várias vezes a Arquidiocese. Ficaram célebres suas visitas Pastorais, em que distribuía não só o alimento espiritual da Doutrina, mas também auxílios e presentes para os filhos dos pobres do interior, que o recebiam como um enviado do céu.

Na administração, sem citar a conservação, das igrejas, aumentou o patrimônio da Arquidiocese, levou avante a construção da artística igreja de Na. Sra. do Bom Despacho e do belo templo de São Gonçalo, e construiu com os frutos do seu trabalho literário e as ofertas dos seus numerosos amigos e admiradores, o Palácio dos Arcebispos.

Tornou-se um dos poetas mais primorosos e o orador mais apreciado do Brasil. Teve no estrangeiro missões diplomáticas e fez Cuiabá e Mato Grosso conhecidos não só no Brasil mas no mundo inteiro.

Ele foi, sobretudo, um grande Arcebispo: sábio e santo. Tendo sido escritor fecundo, deixou um tesouro de numerosas obras literárias: poesias, discursos, sermões, cartas pastorais, livros de ascética, etc. que o fazem verdadeiramente imortal.

Tendo de abrir os alicerces para a reconstrução da Capela Mór e das capelas laterais e sacristias, nos vimos obrigados a retirar do local, em obras, tão respeitáveis quão preciosas reliquias. Antes de trasladá-las ao Santuário de

Na. Sra. do Bom Despacho, mais uma vez o nosso amor por êstes queridos mortos, levou-nos a oferecer-lhes os méritos infinitos desta Missa, revestida das galas pontificais e enriquecida com as Comunhões fervosas dos Seminaristas e do povo devoto.

Seus túmulos no Bom Despacho ficarão confiados às orações dos fiéis e ao carinho filial dos nossos fervorosos seminaristas, que se formarão na piedade e sabedoria sacerdotal, à sombra dêstes gigantes da Igreja Cuiabana, alimentando-se dos nutritivos frutos dos seus ensinamentos e exemplos de autênticos Padres da Igreja.

Estes veneráveis despojos deverão, contudo, voltar à Catedral, segundo as prescrições das leis canônicas, que determinam serem os Bispos e Arcebispos sepultados em suas Catedrais.

Para isto é nosso intuito construir uma espaçosa cripta ou igreja subterrânea, sob a nossa Catedral, com locais para as sepulturas dos Prelados Cuiabanos.

Terá esta cripta 22 x 15 metros com 6 metros de altura. Poderá abrigar 300 fiéis. Em redor, estarão em belas sepulturas, os túmulos dos anjos da Arquidiocese. Entre êstes túmulos, desejamos reservar um lugar para Pascoal Moreira Cabral, glorioso fundador de Cuiabá. Seu túmulo está atualmente na sala do trono, e sob a cadeira em que se paramenta o Arcebispo: Em breve, quando avançar a construção e fôr demolida aquela sacristia, também os restos mortais do fundador serão retirados, para depois terem descanso na cripta entre os Bispos e Arcebispos.

Que Nosso Senhor, o Bom Jesus de Cuiabá, que inspirou os generosos construtores dêste vetusto templo, em tempos heróicos, nos conceda a graça de tornar realidade, quanto antes, êstes projetos, afim de terem as relíquias dos fundadores da Igreja Cuiabana, a condigna morada que êles merecem, enquanto aguardam o vibrante troar das trombetas que os despertará para as emoções do Juízo final e para a glorificação eterna, também seus corpos, fúlgidos instrumentos de seus luminosos espíritos.

CINCOENTENARIO DE JORNALISMO

A Academia festejou, a 5 de novembro de 1957, por iniciativa dos academicos Rubens de Mendonça e Gervasio Leite, os cinquenta anos de atividade na imprensa, do seu presidente academico José de Mesquita. Agradecendo às saudações que, na sessão comemorativa, lhe foram dirigidas, pelos academicos Lima Avelino e Rubens de Mendonça, o presidente Mesquita proferiu o discurso que se segue bem como o do Dr. Lima Avelino.

DISCURSO DO ACADEMICO JOSÉ ADOLFO LIMA AVELINO

Determinou a Academia, a minha presença nesta Tribuna, nesta hora, que é um mixto de resurreição de saudade, e de jubilo, nesta hora de saudade que chora, e de apoteose que canta, para a homenagem, comovida e expressiva, sugestiva e bela, que presta ao seu insigne Presidente.

De resurreição e de saudade, porque, três túmulos se abrem, para o culto eterno da veneração, com a homenagem também prestada aos vultos insignes de Rui Barbosa, Antonio Corrêa da Costa e Caetano de Albuquerque.

De jubilo, porque o nosso carinho, não quer faltar aquele, que tanto sublima, no nosso Cenóbio espiritual, — José de Mesquita.

Celebra-se hoje, o quinquagesimo aniversário de uma vocação jornalística.

Decorre meio século, que pela primeira vez, José de Mesquita ilustrou as colunas de um jornal.

É sem dúvida, um acontecimento grato ao coração daqueles, que têm o culto da afeição, dos que, têm o sentido da Justiça e do Direito, isto é, os que têm o culto do espirito e do coração, diga-se o culto da perfeição e da beleza.

Aqui, senhores, é a Arcádia, que os poetas cantaram pela justeza de seus atos, pela pureza dos seus costumes.

Nenhum lugar mais apropriado, para a celebração da conquista do espirito; nenhuma ocasião mais oportuna, para a exaltação de uma intelligencia feita de luz, banhada de todas as claridades.

Costuma ser a infância, uma idade nula para o elogio. É a inocencia que ainda não é uma virtude, é um efeito feliz onde tudo é fraqueza e ignorancia.

Pois bem, senhores, nessa idade, José de Mesquita, já tinha a virtude alvissareira de uma intelligencia clara, visível se assim se pôde dizer, e o jornalismo foi a sua primeira linguagem.

Há cinquenta anos atrás, com 15 anos apenas, na idade em que em geral o pensamento ainda não se libertou dos brincos da infância, já surgia em José de Mesquita, a revelação jornalística: publicou o seu primeiro artigo no jornal «O Cruzeiro», órgão do Clube Minerva, sob o título «Trevas», na tiragem de 11 de Abril de 1907.

Foi êste, senhores, o primeiro remigio de luz de uma intelligencia primorosa, que havia de fulgir, não somente no jornalismo, mas, tambem, como poeta, cujos versos opulentos, bem demonstram a fisionomia inteletual de uma alma sonhadora, mas tambem, nas diversas manifestações literárias.

E porque nasceu com essa predestinação, vamos o encontrar mais tarde, ilustrando os jornais de Cuiabá, «O Povo» que dirigiu de 1916 a 1917; «O Mato Grosso», o «Correio do Estado», «A Cruz», que tambem dirigiu de 1925 a 1953, durante quase trinta anos, a Revista «Matogrossense de Letras», a «Revista do Instituto Historico».

Não parou a pena iluminada, temo-la atualmente no «Estado de Mato Grosso», onde mantém uma seção denominada «Domingueiras», na «Cruz», no «Combate».

Para a intelligência, não há fronteiras, ela arranca os marcos divisorios, é como a Justiça e o Direito, não tem pátria, sente estuar-lhe nas veias, o sangue rubro de todas as gentes, oxigenado pelos ares de todas a latitudes.

Vamos encontrar José de Mesquita, colaborando em jornais de outros Estados, na «Revista Ilustração Brasileira», na «Gazeta de Noticias», na «Revista da Federação das Academias de Letras», no «Onze de Agosto» órgão do Centro Academico de São Paulo».

Por força dos seus pendores jornalísticos, é membro fundador da Associação de Imprensa de Mato Grosso, do Instituto Historico e da Academia de Letras, cuja Presidencia, dessa última, mantem desde a sua fundação.

Vêde; senhores, o que são os primores de uma intelligencia prendada.

Com 15 anos de idade, era o atual Academico José de Mesquita, bacharel em Ciências e Letras, preparado para ingressar em qualquer Academia Nacional.

A sua vocação tambem de jurista, fê-lo preferir o Bacharelado em Direito.

Ainda na aurora dos anos, com preságo ânimo, deixa os lares paternos, para ir fazer a colheita do saber, e buscar novas luzes na Paulicéa, onde cursou a Faculdade de Direito.

Conquistada a laurea de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, sente a fascinação da terra natal e volta.

Entra para a Magistratura, nomeado que foi Juiz de Direito da Comarca de Araguaia.

As suas virtudes pessoais, a sua cultura, a sua inteligência, trazem-no cêdo para nossa mais Alta Corte Judiciária, onde entra pela porta larga e ampla do merecimento.

Juiz escrupuloso, honrado, soube elevar à altura sublime, um principio sacrosanto, a pulcra majestade da lei.

Lutador fidalgo, de heroica envergadura, nunca perdeu a majestade altiva do Juiz, justo e ponderado.

Por isso, e pela sua brilhante fé de officio, pelas suas excepcionais qualidades de magistrado, disciplinador e severo, mas, sobre tudo, humano, amigo da verdade, exerceu por dilatados anos, a Presidência do Tribunal de Justiça.

Foi exercendo essa alta dignidade, que José de Mesquita, engolfou o seu espirito, não somente na ciencia de Papi-niano, mas, assenhoreu-se de todos os ramos da literatura, dotou o seu espirito de amplo tesouro de conhecimentos.

Vejamos a polimorfia dos seus conhecimentos literarios, que produziu os seguintes livros: Poesias, 1919; Elogio Historico do Dr. Antonio Corrêa da Costa; O Catolicismo e a Mulher; Elogio ao General Caetano de Albuquerque; Terra do Berço, poesia; A Cavallhada, contos; Um Paladino do Nacionalismo; Elogio de Couto Magalhães; Semeadoras do Futuro, Discurso Paranifal; Da Epopéa Matogrossense, poesia; o Taumaturgo do Sertão; Maria de Masserata; Atentado contra a Justiça, tese de Direito; Espelho de Almas, contos; Premio da Academia Brasileira de Letras, João Poupino Caldas; o Sentido da Literatura Matogrossense; Pela Bôa Causa Discursos; Piedade, romance; Manoel Alves Ribeiro; O sentido de Brasilidade, na Historia de M. Grosso; De Livia a D. Carmo; Professoras novas para um mundo novo; A Chapada; No Jardim de São João Bosco, discursos; O Exercito Fator de Brasilidade; A Academia Matogrossense de Letras, Noticia historica; Três Poemas da Saudade; Bibliografia Matogrossense, em colaboração com Firmo Rodrigues; Escada de Jacó, sonetos; Roteiro da Felicidade: Poemas de Guaporé; No tempo da Cadeirinha.

Nesses livros, vê-se o seu espirito literario e artistico.

Neles, vamos descobrir o poeta, o romancista, o contista, o panegerista, e o historiador.

O poeta que sente mais que os outros homens, os esplendores da natureza. Vê nas montanhas a arquitetura, nos

seus pincares cortados pelo raio, a estatuaria, na sombra e na luz a pintura, no cicio do vento e no marulho das aguas, música e em todo esse conjunto, a poesia.

É por isso que já se salientou, os poetas são sime-Deuses. Os poemas, de Schakaspeare, são como que canticos celestes, os versos de Milton, uma música solene.

Mesquita é poeta, e, para suavizar a modorra da minha palavra, é justo recitar uma de suas magnificas produções, A Semeadura, que escolhi de preferencia, porque há nela como que, um sopro de inspiração Messianica, porque foi haurida dentro do Evangelho, e bem demonstra o seu sentimento religioso.

— Semeei tanto bem e colhi tanto mal!
 Mas a semente que se lança,
 na terra pródiga e bôa,
 nunca é perdida inteiramente.
 Continua a semear, não te importe a colheita.
 A bôa semeadura
 não depende da terra e nem da mão do homem,
 porqué Deus é o Senhor que abençôa a seara,
 e fa-la germinar no solo mais agreste,
 e, outras vêzes, a estiola,
 embora o chão seja fecundo e fertil.

A sementeira medra ou definha,
 si a mão que a espalha,
 ou a terra que a recebe,
 tem a graça que vivifica
 ou o estigma que mata.

Não te importe, por isso,
 saber si o que semêas
 vai abrolhar ou fenecer um dia:
 e prossegue lavrando a tua gleba,
 confiado n' Aquele
 que arrotêa a tua chã e manda o sol e as aguas!

(Dos «RITMOS NOVOS»).

Quereis com maior intensidade, admirar a gama surpreendente, o vigor do artifice da palavra, do semeador de filigranas da inteligencia, aconselho como Idelfonso Miranda:... Vuelve á la paradera, hijo mio, porque hay em ella casas mas dignas de tua atencion. Dios estaba en medio de los campos. No le has visto? Á él debe la pradera su beleza; las miradas de Dios animabam la claridad del sol.

No has oido el murmullo de los arroyos, el gorgueio de las aves, y el viento que macia las ramas de los arboles? Vuelvete al bosque, hijo mio, porque tus oidos percibiron cosas muchos mas grande.

Penetremos no manancial empolgante que são as produções dêsse artifice da palavra, que sentiremos todo encanto da natureza, a beleza dos prados, a claridades do sol, o gorgueio das aves, o vento amaciando a fronde das árvores.

Mesquita é escritor e o escritor, segundo um outro iluminado, é um profeta, e lhe chama também sacerdote, isto é, o homem que tem por principio, desenvolver conhecimentos, entre os seus semelhantes, espalhar a luz Divina. Ele é a luz que alumia os povos, aos quais guia como sacrosanta coluna de fogo, em sua perigrinação pelo espaço intocavel do tempo.

José de Mesquita, escreveu diversos livros, onde o estilo, levanta-se opulento, a imagem refletida, a idéia como um prisma, de onde a luz irradia,

Os livros, disse Hartti, possuem uma essencia de imortalidade, são os produtos mais duradouros do esforço humano. São mais duradores, porque são obras do espirito.

Os edificios suntuosos caem em ruina; os livros resistem ao tempo.

As pinturas, as estátuas, estragam-se, os livros atravessam os séculos, porque o tempo não tem poder sobre os grandes pensamentos; estão hoje tão belos como no dia em que seus autores os expuseram há séculos.

Daí, porque, disse Homero, falando dos seus poemas: Enna perennius, conclui uma obra mais duradoura do que o bronze.

Virgilio, Dante, Homero e entre nós Gonçalves Dias, Castro Alves, Cassimiro de Abreu, Bílac, Santa Rita Durão e tantos outros, ainda vivem como se estivessem escrevendo atualmente, os seus poemas imortais.

Platão ainda nos ensina a sua filosofia transcendente.

Daí porque, José de Mesquita escrevendo os livros que escreveu, doou á sua Terra com um inestimável fideicomicio.

O livro, reflete, espelha a fisionomia, a alma do seu autor. Se queremos desilusões, desengano, vamos buscar Schopenauer; se a abjuração da crença, o materialismo, Vargas Vila é o pontífice; se a poesia elegiaca, enternecedora, temos o lirismo de Castro Alves; se queremos rir, a Cervantes inspirou o Don Quixote.

Nas produções de Mesquita, o que vamos encontrar, é a graça, essa graça rica de emoções deliciosas, verdadeiras joias engastadas no ouro fino da sua inspiração.

Dêle pode-se dizer como Castilho: Louva-se a doçura do estudioso, inveja-se o encantamento de descobrir pela meditação, ou criar pela fantasia.

São como feixes de resina aromática, queimada no meio do templo, levantam misticos perfumes.

Senhores! A Academia é uma organização de estudiosos, e por isso, tem sentido da Justiça; daí porque, regozija-se jubilosa pela sublime conquista do seu espírito.

Desejava ela, dar o verdadeiro colorido, á apoteóse do seu triunfo. Não foi possível porém.

Escolheu o artista que não tem pincel nem luz, para debuxar o painel magnífico.

Quando Enéas pretendeu descer aos infernos, consultou à Sibila de Cumas, que respondeu: — a descida é facil, a porta do tenebroso, está aberta dia e noite, voltar a ver luz é que é difícil.

Não fui prudente como foi o guerreiro troiano, não consultei o Oráculo, que certamente desaconselharia a aceitação do mandato de vos saudar, senhor Academico José de Mesquita, ao calor desta hora de afeição e de carinho.

Escuso-me como L'Amour no «Diálogo dos Deuses», Perdoai Jupiter, cometi falta porque não estava no uso da razão.

A satisfação de ser vósso interprete, senhores Academicos, a afeição que me liga ao homenageado, não me deixaram refletir sobre a beleza e responsabilidade do cometimento.

É por isso senhor Academico José de Mesquita, que V. Excia. — não ouviu melhor, a sinfonia do espirito e do coração da Academia.

A resposta do homenageado

A generosa lembrança que tivestes de comemorar a passagem dos meus cincoenta anos de jornalismo, me traz de tal maneira sensibilizado, que não tenho palavras com que vos agradecer. Não posso, entretanto, deixar de ver nessa tocante demonstração de vossa benevolência, uma compensação feliz aos meus continuados esforços, durante esse meio século, em que, sem interrupção antes com rara constância, venho batalhando nas arduas lides da im-

prensa. Olho, com terna saudade, o longo tempo decorrido, e confesso-vos que é com íntima e sadia satisfação que recebo a vossa cordial homenagem, em circunstâncias que muito me desvanecem e elevam.

Soubestes escolher desde o dia — a data em que se venera o Patrono excelso da Cultura Nacional, o grande jornalista Ruy Barbosa — até os mínimos pormenores desta memorável sessão. Aqui festejamos, hoje, dois grandes jornalistas, Patronos insignes da Casa de Melgaço o Dr. Antônio Corrêa da Costa e o General Caetano Manoel de Faria Albuquerque. A homenagem teve sua iniciativa, partindo da Associação de Imprensa Matogrossense, representada pelo meu caríssimo Rubens de Mendonça, amigo na 2.^a geração, filho do meu inolvidável Estevão de Mendonça, jornalista também dos mais brilhantes e a que devo a minha iniciação na imprensa — sem falar no órgão estudantil «O Cruzeiro», de 1907 — com a colaboração no «O Comercio», de Amarílio de Almeida, das «Notas Paulistas», enviadas de São Paulo, de 1910 a 1911. E aqui me vejo cercado de homens da imprensa, companheiros das mesmas lutas, na Academia como no periodismo, Isaac e Nilo Póvoas, ambos meus confrades na redação d'«O Povo», em 1916; Francisco Mendes e Wanir Cesar, a cujo lado trabalho n'«O Estado de Mato Grosso» e n'«A Cruz», Lima Avelino, também veterano das lides da imprensa, para só citar os que tomam parte no programa deste lindo festival.

E até as gentilíssimas senhorinhas que se dignaram abrilhantar esta tertulha, me trazem gratas reminiscências presas as atividades jornalísticas desse longo período de lutas. Maria da Conceição Ferreira Mendes, minha diletta afilhada, como eu de linhagem diamantinense, filha e neta de dois grandes amigos, ambos jornalistas — trouxe o seu concurso amável à parte musical do programa, eximia professora que é, apresentando ainda uma das suas melhores alunas. Ana Rosa de Almeida. Na parte de declamação, vemos Odilza Freitas de Souza, a encantadora ditriz, neta também de um lutador de imprensa, Manoel Pereira de Souza. Assim houve como que um clima dos mais propícios na organização e execução desta festa, em que entrou mais do que a inteligência, o coração amigo dos que a planejaram e levaram a efeito.

* * *

Não é o momento azado para uma visão retrospectiva desses 50 anos de trabalhos incensantes a prol da nossa Cultura. Caberia isso melhor num livro de memórias, que num simples discurso de agradecimento. Iria muito longe

si me dispusesse a evocar todos os que comigo, nesse longo meio centenário, se empenharam nas mesmas lutas, sofreram as mesmas decepções e colheram os mesmos louros, duramente conquistados. Eles ai estão, ao meu lado, compartilhando comigo as homenagens generosas de nossa amizade. Não ha mister citar nomes. Nós continuaremos sempre e cada vez maia governados pelos Mortos — numes queridos, guias e orientadores de nossos rumos. A êles, nossa gratidão e nossa saudade.

* * *

Que vos posso oferecer agora em retribuição à dívida prodigalizada, com tanto carinho, através da palavra bondosa dos vossos intérpretes? Apenas, a certeza de que, em me dando o Senhor, vida e disposição, continuarei labutando, nêste arduo mas agradável trabalho do jornalismo, procurando servir à nossa terra e à nossa gente, como o tenho feito até agora, desprendida e devotadamente.

Resta-me desejar que do aprimoramento de nossos costumes sociais e politicos, surja um ambiente de paz, ordem e liberdade para os meios de comunicação do pensamento, e uma imprensa, orientada pelos altos interesses da comunidade, superior, serena e quanto possivel impessoal, que seja um apostolado nobre e abnegado, a serviço do progresso e da grandeza da nossa Patria comum. E com êste voto, agradecendo mais uma vez a quantos cooperaram para esta tertúlia, e a ela compareceram, declaro encerrada a sessão.

DESPEDIDA A ROSÁRIO CONGRO

Discurso pronunciado na sessão de 21 de Setembro de 1954, do Tribunal de Contas do Estado, pelo Ministro Lenine de Campos Póvoas.

Nenhum outro ambiente me deixaria tão à vontade, quanto o deste Egrégio Tribunal. Aqui não sou constrangido, por conveniência alguma, a assumir atitude que não esteja conforme os ditames da minha consciência. Nenhuma circunstância aqui me obriga a dizer o que não sinta, nem calar os meus legítimos sentimentos.

Por tais motivos, Sr. Presidente e Srs. Ministros, aceitei, com sincera satisfação, a incumbência honrosa que me outorgaram, de saudar, em nome do Egrégio Tribunal de Contas do Estado de Mato-Grosso, o ilustre Ministro Rosário Congro, no dia em que se despede do nosso convívio, para ir desfrutar, no aconchego do seu lar, uma aposentadoria que se fez justa e merecida.

Não me é difícil a tarefa, porque me é agradável.

* * *

Frequentador que fui das galerias da nossa antiga Assembléia, quando, daquele período agitado da segunda República, funcionava ainda o Legislativo no velho prédio da rua Pedro Celestino, ali conheci Rosário Congro, como um dos expoentes entre os constituintes de 1935 e como um dos espíritos mais brilhantes do nosso Parlamento Estadual.

Mas só fui apresentado a Rosário Congro em 1942, quando, como simples estudante de Direito, visitei Tres Lagôas, — a «Cidade caçula», da qual era êle Prefeito.

Em plena ditadura, quando os detentores do Poder não demonstravam nenhum interesse em fazer amigos e em conquistar simpatias, porque se julgavam eternizados nas posições, Rosário Congro, que mal me havia conhecido, dispensou-me várias horas de suas atenções, levando-me a percorrer as obras que então realizava, em sua profficua administração.

É que os regimens políticos não mudam o carater dos homens. Sua índole, suas tendências e seus sentimentos não se alteram ao sabôr das oscilações políticas, mas se reve-

lam sempre, na mais absoluta fidelidade, em tôdas as ocasiões. Vem daí uma sólida amizade, que muito me honra, e que, ao envez de se arrefecer, quando nos situamos em campos opostos na política estadual — nessa política tão mal praticada, e em que alguns homens se desrespeitam e se rebaixam —, pelo contrário, se solidificou ainda mais em vários anos de convivência nas lides parlamentares.

São essas outras tantas razões que me sobram para desincumbir-me, com prazer, da missão que o Tribunal me confiou.

Por outro lado, entretanto, sinto-me pezaroso.

Ao júbilo de ser o interprete da justíssima homenagem que se presta ao amigo que tanto distingo, contrapõe-se o pezar imenso de ser essa homenagem, também, uma despedida.

Não é sem profundo pezar que nos vemos privados, de ora em diante, da sua honrosa e agradável companhia. Perderá o Tribunal a colaboração de sua inteligência e de sua cultura, e perderemos nós, os seus colegas, a convivência da sua camaradagem e a alegria contagiante do seu bom humor.

Sua saída não se dá sem que nos sintamos assaltados pela emoção da sua partida, a velha emoção das despedidas, eterno tema dos poetas.

* * *

Se desta eminência de sua vida pública, lançar Rosário Congro um olhar para a estrada percorrida, somente motivos terá para ufanar-se de sua gloriosa caminhada.

Vindo das plagas de Piratininga, no segundo lustro do século, fez de Mato-Grosso o cenário de suas atividades. Advogado provisionado, deixou pelo Pretório o sinete de sua capacidade e de seu talento, numa demonstração indiscutível do quanto pode a inteligência servida por uma grande força de vontade.

Ingressando na política, perlustrou os mais destacados postos da administração estadual. Foi Vereador e Presidente da Câmara Municipal de Corumbá, Intendente do Município de Campo Grande, Prefeito de Tres Lagôas, Deputado Estadual em várias legislaturas, Secretário de Estado, Presidente da Assembléia Legislativa, e, finalmente, Ministro do Tribunal de Contas do Estado, do qual é Vice-Presidente. A todos êles imprimiu a marca inconfundível da sua personalidade de escól, patenteando uma lídima vocação de homem público, devotado aos interesses da administração e ao progresso da terra que elegeu como sua.

Na administração dos Municípios de Campo-Grande e Três Lagoas, revelou Rosário Congro a sua capacidade administrativa, realizando obras que ainda hoje são recordadas, a cada passo. Na Assembléia Legislativa, seja nas legislaturas anteriores, seja nesta que ainda perdura, pontificou, na tribuna como o homem ponderado e sensato que sempre colocava os debates em nível e elevado, à altura de sua bem formada cultura política. Como Presidente da Casa, deixou, na direção dos trabalhos do Parlamento Estadual, os traços marcantes da atuação de um autêntico magistrado.

Como todos os homens que se dedicam à vida pública, Rosário Congro há de ter sido vítima, vez por outra, da injustiça dos julgamentos temerários. Mas S. Excia. há de tê-los recebido com a compreensão de Madame Roosevelt, quando declara:

«Um homem que exerce função pública deve aprender a aceitar a calúnia como coisa inerente ao cargo e confiar em que a maioria do povo o julgará pela obra que realizar».

À sua brilhante vida pública, alia Rosário Congro uma intensa e não menos brilhante vida intelectual.

Orador vibrante, seus discursos são obras de fino lavôr literário, onde a beleza da forma realça a justeza dos conceitos e o colorido das imagens.

Poeta inspirado, seus versos maviosos são uma fonte perene de vivas emoções.

Ora é o poeta da saudade, romântico à Casemiro de Abreu, como quando visita a «Rua da Memória»,

«Onde os muros de taipa
... de gaiola em punho lépido galgava», e onde

«O longo bambual... a sombra
Sobre os passantes entornava amena».

Ora é o paisagista vigoroso, à Alfredo Taunay, que canta «O verão de minha terra,» quando

«O céu combusto é uma fornalha,
E o sól, uma rubente esfera,
quando

«Sobe a fumaça que escurece o espaço,
Ao crepitar distante das queimadas»,

«Os pássaros cochilam nas ramadas».

A Academia Matogrossense de Letras, num preito da mais absoluta Justiça, confiou-lhe uma de suas poltronas.

E êle a tem dignificado. Ainda recentemente legou-nos êsse maravilhoso repositório de seus delicados sentimentos que são as «Sombras do Ocaso».

* * *

Sái, V. Excia., Sr. Ministro Rosário Congro, da vida pública, cercado pelo respeito dos homens dignos de nossa terra, que se curvam ante a figura veneranda de V. Excia., numa prova de sincera admiração e reconhecimento.

Estamos certos, entretanto, que a lacuna que ora abre V. Excia., nêste Egrégio Tribunal, em virtude de um mandamento constitucional, não significa o encerramento de suas atividades em pról da nossa terra. Ela continuará, por certo, em outros setores, até o dia em que, por uma contingência biológica a que todos estamos sujeitos, V. Excia. descer, pela última vez, a «Avenida da Saudade», de que nos fala em seus sentidos versos.

Srs. Ministros:

Nenhum outro elogio mais honroso poderemos fazer a Rosário Congro, senão o afirmarmos que, tendo êle exercido, por dilatados anos, tão proeminentes postos administrativos, sái da cena pública pobre como entrou. Pobre de recursos materiais, porém senhor de um imenso patrimônio moral que lega aos seus dignos descendentes, e de um inestimável patrimônio intelectual que lega á cultura de Mato-Grosso.

Tenho dito !

PASSEIOS PELO PASSADO E PELO PRESENTE

Antônio de Arruda

Diz-se que foi o ouro ou a ilusão do ouro que povoou quase toda a América. A observação tem os seus laivos de verdade, e, no Brasil, podemos verificar um fato bem significativo. Os que vinham para cá deviam ter e tinham realmente o pensamento voltado para as riquezas ocultas da terra, e muitas expedições se fizeram para a caça do ouro. Sómente, porém, dois séculos após o descobrimento é que se concretizou o velho sonho e foram encontradas as primeiras minas auríferas. Entretanto, mal apontara o ouro em Sabará e Taubaté, a notícia correu o país, atravessou os mares, e legiões de forasteiros acorreram de toda a parte, embrenhando-se pelos sertões. Surgiram as Bandeiras, e o resto foi o que sabemos: cidades multiplicaram-se onde antes era o deserto, novas capitanias se criaram, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso. Em suma, no espaço de poucos anos, a zona do ouro realizava com mais esplendor aquilo que a colonização agrária mal conseguira fazer em dois séculos.

Assim, Mato Grosso deve a sua origem a esta fase que se caracterizou pela busca das riquezas. Foi um ciclo empolgante e grandioso, mas, passageiro, que por si só não poderia explicar a nossa formação e conseqüente desolvimento. Jamais seria lícito esperar que, em território tão distante da Metrópole, se plantasse uma civilização baseada apenas na cobiça. Devemos consignar, em abono dos portugueses o esforço continuado para alargar as nossas fronteiras e fixar nestes rincões os principais influxos civilizadores, traduzidos na língua, na religião, nos costumes e demais elementos integrantes da nacionalidade que ia nascendo e depois se consolidou.

Daí o cuidado com que o govêrno português enviava para cá luzida coorte de fidalgos, desde os administradores da estirpe de um Luís de Albuquerque e de Oeynhausen, até cientistas como Ricardo Franco e José de Lacerda. Estes colonizadores plantaram os alicerces da nossa vida administrativa, ergueram cidades, fomentaram riquezas, enfim, possibilitaram o milagre da nossa sobrevivência, apesar de todas as dificuldades e impecilhos.

Pois bem, êsses vultos eminentes e os seus feitos extraordinários e dos que depois se seguiram constituem material abundante para estudos e memórias. Já os temos excelentes, através de escritores notáveis, velhos e novos, que se especializaram nas pesquisas e se tornaram bons divulgadores dos fatos de outrora. Falta-nos ainda a sistematização dêsses estudos, para condensar-se num compêndio da História de Mato Grosso, que tão útil seria à nossa mocidade. Mas, louváveis sob todos os pontos de vista são os trabalhos dos que se poderiam chamar os beneditinos da nossa História, desde o antigo cronista Joaquim da Costa Siqueira até os contemporâneos Estevão de Mendonça, Virgílio Corrêa Filho, D. Aquino Corrêa, José de Mesquita, General Souza Júnior, João Batista de Souza, Rubens de Mendonça e muitos outros.

Dentre êstes últimos ocupa lugar proeminente o Acadêmico Cesário Pradô, que ora nos visita, e que acaba de editar o seu formoso livro «Passeios pelo Passado», Trata-se de fôlhetins publicados inicialmente na imprensa do Rio de Janeiro, onde o autor procurou difundir, com devotamento e carinho, as cousas e acontecimentos ligados à nossa terra. Esses trabalhos grangearam a Cesário Prado a eleição para o Instituto Histórico de Mato Grosso, colocando-o na primeira plana dos nossos escritores.

Nos seus «Passeios pelo Passado», Cesário Prado enumera fatos marcantes da História matogrossense, mostrando as lutas que travaram os nossos antepassados para a conquista e manutenção de território tão vasto e cobiçado, que a fortuna lhes reservou ao mesmo tempo como usufrutuários e guardiães. De um lado, vêem-se legiões de homens destemidos, em canoas, através de rios misteriosos, ou percorrendo matas, ás voltas com feras e insetos mortíferos; de outra parte, em lances decisivos, arrostando o furor dos silvícolas, ou mesmo dos civilizados, que disputavam a posse da terra. E, pairando sôbre tudo, dando aspectos de grandeza ao quadro, pressente-se a intrepidez da raça colonizadora, que ainda não perdera os predicados que a fize-

ram transpor os mares e levar para novos mundos a prodigiosa herança da latinidade. Através das narrações dessas epopéias, podemos concluir que, se hoje desfrutamos, tranquilamente, a posse de tão grande e amado trato de terras, devemos-lo à firmeza dos nossos avós, cujas conquistas não se fizeram sem esforço, e onde não faltaram, às vezes, manchas de sangue e de ferocidade — cousas explicáveis, numa região de pioneiros e numa época ainda um tanto bárbara.

Nessas excursões evocativas, Cesário Prado detém-se, de vez em quando, em figuras pitorescas da cidade, como o Louzada, Joaquim Felicíssimo de Almeida Louzada. Espécie de secretário perpétuo de todos os Presidentes de Província, Louzada conseguiu manter-se nas boas graças da Política, da Igreja e do Estado, amealhando regular pecúlio, a pêso de poupança perseverante. Filósofo pessimista, era contrário a qualquer benefício, pois, do mal que se faz, dizia êle, a gente se previne, e nada acontece; mas, do bem se espera retribuição e vem o mal que nos fere e aborrece. Outro tipo excêntrico e misantropo, pincelado com mão de mestre, é o do António Pereira, vulgo Jubico, guarda-livros que se retirara da profissão com algum recurso, que lhe parecera suficiente para o resto da vida. Mas, o tempo frustrou-lhe o cálculo, prolongando-lhe demasiadamente a velhice. Morreu-lhe a companheira, as economias se acabaram, Jubico hipotecou a casa, afastou-se para o subúrbio; perdido o hábito da convivência e quase até da linguagem, morreu solitário e miserável, após fazer deslisar, durante anos, a sua figura soturna, que trazia comiseração a todos e misterioso pavor às crianças.

Cesário Prado entremeia, por vezes, os seus escritos de sadio humorismo, que lhe comunica peculiar encanto. Referindo-se aos adesistas, lembra o episódio de Mocóca, cuja população saiu á rua, com música e foguetório, para celebrar a proclamação da República. Três dias depois, circulou, porém, a nova de que o golpe militar falhara, e o Imperador tinha desembarcado na Bahia, para voltar a reger o país. Mocóca não reteve o júbilo e correu novamente à rua, festejando a restauração. Eis que, na janela da câmara, um aluno da Escola Militar assevera que a notícia era falsa, a República se achava firme, e o Imperador continuava a sua derrota para o exílio. Fôrça seria então dispersar, recolher, mas, o impulso adesivo autuou mais forte do que as conveniências, e pela terceira vez Mocóca deu marcha-à-ré nos seus sentimentos, e o préstito continuou;

já agora ovacionando a República. A respeito dêste episódio, lembra o escritor algumas farsas semelhantes que precederam a aclamação do General Antônio Maria. Os adeptos não sofreram o ímpeto de modo a esperarem a nomeação, cuja notícia fôra, aliás, antecipada, em carta, pelo Dr. Metelo. Assim, a posse do General foi dada por um republicano histórico, que presidia a uma assembléia de monarquistas. E, no entusiasmo de cristãos novos, os viracacas mandaram prender o mestre da banda, que executara o hino nacional do regime extinto...

Entretanto, consola-nos o ensaísta dessas indiscrições com outras páginas em que revela a alma generosa da gente matogrossense. Artista consumado, pinta-nos Cesário o retrato de figuras eminentes e queridas ao nosso povo, como D. Malan, o Dr. Corrêa, o professor Pedro Gardês. Dentre êles, sobrealça o extraordinário Barão de Melgaço, cuja biografia o autor resume admiravelmente num dos capítulos iniciais do livro, e que ressurgue em diversos outros cada qual mostrando uma faceta dessa personalidade de escol. Aqui, muito terão o que aprender os devotos do culto levergeriano, entre os quais me considero incluído, desde que a generosidade dos Acadêmicos me trouxe para êste sodalício, fazendo-me ocupar a cadeira que tem por patrono o bretão cuiabanizado, e a que tanto lustre deu Estêvão de Mendonça.

Enfim, o livro de Cesário Prado deleita e ensina; revela-nos pormenores pouco divulgados da nossa História, cousas que muitos ignoram. Neste ponto, basta um exemplo, que é a origem do nome Cuiabá. De onde vem esta palavra? Cesário Prado repele a conhecida lenda, a que êle chama insulsa, do índio que deixara rodar pelo rio uma cuia, soltando a aflitiva exclamação: cuia! Ao que o português que o acompanhava completaria, no seu linguajar minhoto: bá! Desprezando a lenda, Cesário Prado nos recorda antigo mapa, que consigna a tribo dos cojabás, que habitava as imediações da cidade. Assim como houve coxiponés e cajabis, existiu também a tribo cojabá, que acabou dando o nome à nova cidade, com ligeira alteração de sons, aliás, comuns.

Após êstes magníficos passeios pelo passado, deliberou Cesário Prado reviver as reminiscências que tão bem evocara. Empreende então novos passeios, pelo presente, à terra de que se afastara há quase trinta anos, mas, da qual, segundo confessa, não houve dia em que não se relembrasse com amor e saudades. Nesta romaria votiva, tem êle o

ensejo de renovar as emoções que soem despertar as cousas e lugares da infância e da mocidade; de outra parte, e agradável convívio que nos tem proporcionado, nestes dias, constitui novo deleite espiritual, semelhante ao que fruimos com aqueles outros passeios, que exornam o livro que acabo de pôr em relêvo, com justiça e sinceridade. É por isso, ilustre confrade Cesário Prado, que vimos agora agradecer-lhe ambos êsses passeios, pelo passado e pelo presente, e expressar-lhe a nossa mais viva satisfação pelos encantos que nos ofereceram. Falando assim, penso interpretar os sentimentos de todos os seus amigos, não só os de época mais recuada, como os de agora, inclusive aqueles que, como eu, sem conhecê-lo pessoalmente antes, já admiravamos o seu belo espírito, a sua cultura, a sua inteligência, e demais qualidades de escritor.

CADEIRAS VACANTES

NOVOS ACADEMICOS

De 1955 — data do último número da Revista — à presente data, perdeu a Academia quatro dos seus membros Fundadores: — a 22 de março de 1956, o Presidente de honra, Arcebispo Dom Aquino Corrêa (cadeira n.º 4); a 14 de julho do mesmo ano, o academico José Raul Vilá (cadeira n.º 25); a 15 de novembro de 1957, o academico Carlos Gomes Boralho (cadeira n.º 17) e a 15 de outubro de 1958, o academico Otávio Cunha Cavalcanti (cadeira n.º 30).

Já fôram providas as três primeiras Poltrônas, respectivamente pelos academicos P. Raimundo Pombo Moreira da Cruz, eleito 5 de julho de 1958, João António Neto, eleito a 6 de fevereiro de 1957 e Humberto Reinaldo Marcílio, eleito a 11 de março de 1958.

O primeiro, P. Raimundo Pombo, tomou posse a 15 de novembro de 1958, recebido pelo academico Gabriel Vandoni de Barros.

AQUIDAUANA — SUA FUNDAÇÃO, SEUS ADMINISTRADORES E SEU PROGRESSO

(Palestra no Rotary Club, de Campo Grande, em 12-8-1958, pelo rotariano José Jayme Ferreira de Vasconcelos).

Breve Historico: — Na penetração dos Jesuitas e nas suas «Reduções» em Mato Grosso, pelo meiado do século XVI, tem-se a primeira penetração da raça branca no territorio em que depois se formaram os Municipios de Miranda e de Aquidauana. Já em 1580, Rui Dias de Melgarejo fundava a historica povoação de Xérez, a margem do rio Mbototei (Embototei) assim chamado pelos indios. Mas, em 1648, essa povoação foi destruida, por ataques dos selvicolas. Um século após, ou seja em 1776, o bandeirante João Lemes do Prado ali foi encontrar as ruinas da antiga Xerez, assinalando nos seus relatos para São Paulo, que encontrára ali tão numerosas plantações de laranjeiras e limoeiros, que estas formavam verdadeiras matas. Coube aos bandeirantes desses tempos, criadores de gado, o definitivo assenhoriamento e a fixação populacional na vasta e linda região, banhada pelos caudalosos rios Miranda e Aquidauana, de onde mais tarde partiriam, novos bandeirantes matogrossenses, os fundadores de Aquidauana, que no proximo dia 15 de Agosto, — comemora festivamente o transcurso do 66.º ano de sua fundação, efemeride gratissima a que nosso Rotary se quiz associar, muito justamente, apenas errando na escolha do seu interpre, posto a que o nosso emerito historiador Emilio Barbosa daria maior brilho.

A 15 de Agosto de 1892, os progressistas e arrojados bandeirantes matogrossenses Sr. Teodoro da Silva Rondon, João de Almeida Castro, Estevam Alves Corrêa, Augusto Ferreira Mascarenhas e Manoel Antonio Paes de Barros, aportavam e desembarcavam de uma chalana, no ponto do

rio Aquidauana mais ou menos onde está a ponte que o Prefeito Jorge Bodstein Filho fez construir sobre o famoso e caudaloso rio que deu nome á cidade e ahi mesmo, dizem os cronistas da época, escrevendo em cima de uma manta de couro, lavraram a Ata da fundação de Aquidauana.

Em 1906, pela Lei Estadual n.º 467, de 18 de Dezembro, foi criado o Distrito desde logo erigido em Municipio, com territorio desmembrado de Miranda. O Municipio foi instalado em 3 de Maio de 1907, com um unico distrito, o da sua séde. Em 1918, pela Lei Estadual n.º 772, de 16 de Julho desse ano, a séde do Municipio foi elevada a cidade, contando o Municipio atualmente os distritos, da séde, o de Jango, o de Taunay e o de Camisão, pois o de Correguinho foi ha pouco elevado tambem a Municipio.

A população do Municipio de Aquidauano muito se aproxima hoje de 50.000 habitantes, podendo-se calcular que a da cidade ultrapasse de 20.000 almas.

A escolha do lugar para a fundação de Aquidauana, não foi arbitraria, ocasional. Os cinco fundadores da actual «Princesa do Sul» ao aportarem com a sua historica chalana ao ponto escolhido da margem do grande rio, fizeram-no já com o pre-estabelecido proposito de ali plantarem o marco de uma nova cidade.

Miranda era considerada pouco salubre, como affirmara o Visconde de Taunay, em seu livro belo e consagrado «A Retirada da Laguna» em que o historiador da campanha do Paraguay, a pagina sete desse livro, afirma que «a localidade de Miranda é quasi inabitavel; em grande extensão, bordam-n'a terrenos baixos, que a menor chuva inunda num instante, ainda na bôa estação, e que com a mesma rapidez secam pela ação dos raios ardentes do sól. Não tem bôa agua, pois a do rio Miranda está sempre turva e lodososa». Dahi, terem destacados moradores de Miranda, antes da guerra, destes pensado em transferir a séde daquelle antigo Municipio para melhor localidade. E, com esse objetivo, ao termino da guerra, em 1888, partia de Miranda uma primeira turma de exploração de terras, indo vistoriar as do Burity, tendo como perito o politico influente Cel. Antonio Xavier Castello. Os peritos acharam a paisagem muito interessante, porém o que não permitiu a fundação ali da nova vila é que as terras eram de dominio particular.

Finalmente, robustecida a resolução da fundação de novo povoado, isto pelos descontentamentos crescentes da politica mirandense, em 6 de Abril de 1892, saiam dali o Major Teodoro Rondon e o Cel. Augusto Mascarenhas e

chegaram ás planícies onde o correço «João Dias» tem a sua fóz no rio Aquidauana. E alí ficaram maravilhados com as belezas da paisagem, deliberando aconselhar aos companheiros da comissão investigadora fixar-se ali a séde da nova povoação, na margem do rio, onde depois aportaram os cinco fundadores e lavraram a ata. Antes disto, porém, aqueles dois valorosos pioneiros haviam ido até Nioac e a varias fazendas de Miranda, com uma subscrição para obter os recursos necessarios ao empreendimento, inclusive para comprar os terrenos que pertenciam a João Dias do qual foram depois comprados por dois contos e trescentos mil réis, apesar de na escritura figurar a venda por um conto de réis, naturalmente para reduzir-se as despesas de ciza e sêlos.

Deve-se aqui, salientar, como um preito de reconhecimento, que entre os primeiros subscritores da lista, além dos proprios cinco fundadores, firguram os nomes dos comerciantes de Nioac. Srs. Pedro Pace e Vicente Anastacio, que deixaram numerosa e digna prole em Aquidauana e em Campo Grande. A escritura de compra do terreno, feita no Tabelião Cecilio de Miranda, tem a data de 27 de Junho de 1892, e apenas 18 dias depois de lavrada a escritura chegavam ao local da fundação os 5 fundadores ou seja a 15 de Agosto de 1892.

Tanto tem se agigantado, em desenvolvimento a formosa «Princesa do Sul» e incontestavel «Rainha do Aquidauana» que tem sido colocada em concursos memoraveis, como uma das 10 cidades que mais rapidamente tem progredido no Brasil.

Em terras que a propria natureza beneficiára, eleita a sua localização pela escolha selecionadora de cinco espiritos privilegiados de ilustres brasileiros; confirmada e aplaudida esta escolha bendita por cerca de cem companheiros da jornada gloriosa dos fundadores, — que com eles foram assinando a Ata de Funação, — Aquidauana nem um só dia, desde o alvissareiro 15 de Agosto de 1892 deixou de prosperar e de progredir. Justo é, portanto, que se assinalem aqui, modesto subsidio para quando se escrever a Historia de Aquidauana, os nomes dos seus Intendentes Gerais do Município, Prefeitos eleitos ou nomeados, emfim dos seus administradores por quaisquer titulos.

Assim é, que tendo sido organizada a vida do patrimonio em 1894, foi eleita para o administrar uma diretoria composta de João de Almeida Castro, Estevam Alves Corrêa, Manoel Antonio Paes de Barros, Teodoro Rondon e

Augusto Mascarenhas, que se manteve á frente do burgo incipiente até a primeira eleição direta, em 1905, na qual foi eleito Prefeito Gomes de Oliveira; em 1907, eleito João Augusto da Costa Leite; em 1908, Severiano da Fonseca e Moraes; em 1909, Augusto Olimpio e depois, tendo sido eleito, assumiu o cargo de Intendente Geral Teodoro Paes da Silva Rondon; em 1910, José Elias de Almeida; em 1912, João de Almeida Castro, — Francisco Alves de Castro, e Humberto Alves Corrêa; em 1913, João de Almeida Castro; em 1915, José Elias de Almeida; em 1916, Estevam Alves Corrêa e Polidoro Oliveira Gonçalves; em 1918, Roldão de Oliveira; em 1919, Luiz de Miranda Horta; em 1920, Rafael Orrico; em 1921, Estevam Alves Corrêa e Dorval Carlos de Oliveira; em 1924 Rafael Orrico e Oscar Alves de Souza; em 1925, José Alves Ribeiro Filho em 1927, Jorge Bodstein Filho; em 1930, Manoel Antonio Paes de Barros e Manoel Alves de Arruda; em 1935, Antonio Alves Corrêa e Manoel Bonifacio Nunes da Cunha; em 1936, Dorval Carlos de Oliveira; em 1937, Luiz Vaz de Campos e Manoel Bonifacio Nunes da Cunha; em 1939, Hugo Corrêa; em 1940, Rubens Milton Teixeira de Souza; em 1942, Manoel Bonifacio Nunes da Cunha; em 1944, Hugo Corrêa e Jorge Bodstein Filho; em 1946, Oriovaldo Caldas e Manoel Benedito Teixeira Paes de Barros; em 1947, Antonio Castelo Chaves; em 1948 Delfino Alves Corrêa; em 1949, Carlos Alberto Anastacio; em 1950, Armando Trindade e Delfino Alves Corrêa; em 1951, Ambrosio Ferreira Santana e Moysés de Albuquerque e, finalmente, em 1954, Fernando Luiz Alves Ribeiro e Laury Barcelos.

Como já acima ficou dito, todos éles, Intendentes Gerais ou Vice-Intendentes, Prefeitos eleitos ou nomeados, todos quantos passaram pela Prefeitura de Aquidauana, dignamente, devotadamente, trabalharam pelo desenvolvimento economico e pelo progresso moral e material do florescente Municipio. E por isto lhes citamos aqui os nomes dignos e honrados, fosse qual fosse a sua demora na gestão administrativa da fertilissima terra aquidauanense, pois que todos esses dirigentes da Comuna sempre mantiveram uma constante invariavel no seu entusiasmo e devotamento construtivo por Aquidauana !

Com uma superficie de 21.255 quilometros quadrados, servida por trens diários da E. F. Noroeste e por duas linhas regulares de aviões, a «Real» e a «Cruzeiro do Sul», ligada a Nioac, Bonito, Jardim, Bela Vista e Porto Murtinho por uma otima rodovia construida pelo Exercicio, com ser-

viço de transporte de passageiros por moderna e confortável «jardineira», Aquidauana é um grande centro de irradiação de comunicações com a vasta e rica região pastoril do Pantanal, verdadeiro oasis para a evolução da pecuária matogrossense.

AQUIDAUANA — Inspiradora de Poetas:

HINO DE AQUIDAUANA

(Versos de Vicente Maurano — Musica de Luiz Mongelli).

Viva sempre esta terra idolatrada,
Este belo torrão de Mato Grosso,
E as belesas sem fim desta colosso,
De minha grande Patria sempre amada.

Viva sempre esta terra encantadora,
E o bom sonho do Genio Altipotente,
Desta raça valente e vencedora
Que um astro bom tirou de céu luzente.

Hora e gloria aos herdeiros fundadores
Desta linda Aquidauana fulgurante,
Graciosa filha do Brasil gigante,
Cheia de vida, repleta de esplendores.

Galante sob um céu risonho e azul
Ela, a cidade, espelha-se num rio,
Que em formosura, faz-lhe desafio
Num calmo deslizar, de norte a sul.

Juntos cantemos, alto proclamemos,
Quer aqui, quer tambem em toda a parte
A bravura, o trabalho e amor dest'arte
Que em folha d'ouro sempre guardaremos.

Salve o Brasil, seus homens e sua historia
Que tornando o sertão bendita terra,
Elevaram o paiz que tudo encerra:
Belezas naturais, grandesa e gloria.

Apresentado em 15 de Agosto de 1927, este hino foi aprovado e mandado adotar por lei Municipal de 1.º de Fevereiro de 1928, lei que foi sancionada pelo Intendente Geral do Municipio, a 6 de Fevereiro desse mesmo ano de 1928.

AQUIDAUANA

(Versos de D. Aquino Corrêa).

À beira-rio, qual donzela indiana,
Olhando o azul, por sobre areias de ouro
Jaz a cidade, flôr do Aquidauana,
Brotada á luz de um sonho imorredouro.

Foi o sonho da ousada caravana,
Que a planejou sobre um Xairél de Couro;
E eis que em seu garço olhar, a serra ufana
Viu-a sorrir, do sol ao beijo loiro.

Tudo nessa hora acorda, freme, exulta,
Mesmo as ruínas do Xerez sepulta
Sob a mortalha em flôr das capoeiras.

E além sobre a água limpada e sonóra
Do velho Embotetei, vibra nessa hora,
A alma heroica das pristinas bandeiras.

E, numa dos feitos comemorativos do «Dia de Aquidauana», o Poeta e magistrado José Carvalho de Toledo brindou a cidade com estes versos maviosos:

Uma princesa encontrada
sobre a margem debruçada
de maravilhoso rio,
olha o seu perfil risonho...
Ri... um sorriso macio...

O rio, — espelho de prata,
 vaidoso porque retrata,
de sua dona, a feição,
todo se encrespa entre fráguas,
levando nas suas águas
aquela doce expressão...

Bem no fundo da paisagem
tributando vassalagem,
a serra alteia-se ufana...
E o verde-negro ostensivo
da mata, num expressivo
quadro, — exhibe Aquidauana...

Mil oitocentos e noventa e dois...
Dia 15 de Agosto. De manhã,
uma canôa, placida, louçã,
sóbe o rio, suave... mas depois

Ouvem-se vozes... subido alvoroço!
Para de chofre a magica chalana...
Cinco dedos apontam; — Aqui! fundemos
uma nova cidade, Aquidauana,
que em proximo futuro chamaremos
a Princesa do Sul de Mato Grosso!

Resam as cronicas da cidade, que
Alves Corrêa, Almeida Castro, Augusto
Mascarenhas, Manoel Antonio Barros
e Theodoro Rondon — num preito-justo, —
cheios de fé, audazes, e bizarros...

Ali mesmo, no fundo da chalana,
empolgados do mais nobre civismo
num gesto singular de patriotismo,
«sobre um xairol de couro redigiram
a Ata da fundação de Aquidauana...»

E hoje, olhando o céu azul,
esta «Princesa do Sul»
toda enfeitada de flores,
numa prece altiloquente
pede a Deus onipotente
que abençõe seus fundadores!...

É tempo de terminar, cabendo-me, entretanto, o dever de aqui destacar, que parte dos dados desta simples palestra, me foram fornecidos pelo nosso distinto companheiro João Pace, filho ilustre daquele Pedro Pace que ajudou a construção de Aquidauana, terra de que Mato Grosso justamente se orgulha e a qual, pelo seu 66.º e proximo aniversario, o R. C. de Campo Grande, presta esta modesta homenagem, pela palavra desautorizada mas sincera do orador. Salve Aquidauana!...

Os intelectuais matogrossenses respondem à «Gazeta» de S. Paulo.

I

MATO-GROSSO: SUA ARTE E SUA GENTE

ASPECTOS LITERARIOS DE CUIABÁ

O que nos disse o presidente da Academia Matogrossense de Letras —
Jornalismo e critica — Novos valores — Nota historica sobre Cuiabá

Roberto Fontes Gomes

José de Mesquita, presidente da Academia Matogrossense de Letras, respondendo aos quesitos que lhe reservamos sobre a vida intelectual de Mato Grosso, prestou interessante depoimento em favor da maior divulgação das letras brasileiras. Iniciou por dizer que Mato Grosso é um torrão distante.

E mais:

— «Sempre foi uma provincia literaria de grande atividade, acompanhando os movimentos culturais e oferecendo uma bela paisagem intelectual, das mais ricas e variadas. A falta de propaganda concorre para o desconhecimento lá fora do que fazemos. Só a iniciativa particular, por sua natureza limitada, busca suprir a ausencia do poder público em materia de propaganda. No setor cultural, pode ser apontado, como exemplo, o trabalho meritorio que vêm realizando a Academia Matogrossense de Letras, o Instituto Historico de Matogrosso e a Associação de Intercambio Cultos, que tem à sua testa o academico Raimundo Maranhão, através das suas excelentes publicações».

— Que nos diz da pintura e do folclore ?

— Tem poucos cultores a pintura. Podem ser referidos Pedro Gaudie Ley e Francisco Catarino, entre os antigos; Gabriel Vandoni, D. Martins de Oliveira (baiano, de formação matogrossense) e Benilde Borba de Moura, os três es-

critores, sendo os dois ultimos tambem escultores, entre os modernos. No folclore possuimos elementos de valor: Ulisses Cuiabano e Flankin Cassiano (falecidos), Francisco Mendes, Manoel Cavalcanti Proença, o já citado D. Martins de Oliveira, Gervasio Leite e Rubens de Mendonça são os que ostentam melhor e mais farta produção no genero».

— Que acha da critica literaria?

— «Quasi não existe, reduzindo-se à apreciação bibliografica na imprensa local».

— E da imprensa?

— «É vivaz e ativa a imprensa no Estado. Desde o primeiro jornal «Noticiador Cuiabano» (1839), o nosso periodismo se mostra fecundo e variado, perlustrando todos ramos do saber, das letras e da politica».

— Como encara a arte moderna?

— «Pouco expressiva, por enquanto. De vez em quando, um grupo de «novos», com tendencia iconoclastas, surge de tacape e bodoque, procurando revolucionar os moldes e formas de expressão. «mata» o soneto pela centesima vez e tenta «liquidar» os que não lhes acompanham os ardores e verduras da mocidade...»

— Em que época Mato Grosso esteve mais evoluído literariamente?

— «Na fase romântica, em que tivemos bons poetas, entre 1870 e 1890. Depois, o renascimento, iniciado por volta de 1910, com a «Revista Mato Grosso» e retomado de 1921 em diante, com a Academia Matogrossense de Letras, filiada à Federação das Academias de Letras do Brasil e que se póde considerar a fase aurea das nossas letras.»

— Quem procura ser na arte?

— «Um homem do meu tempo, sem escravizar-me às escolas e fugindo ao obsoleto, bem como aos exageros do modernismo, duas deturpações da arte, no tempo, e tambem ao regionalismo exagerado, deformação da arte, no espaço. Cultivo todos os gêneros, sem preferencias exclusivistas e feitos de canones consagrados e imutaveis. O meu maior pendor é pela Poesia e pela Prosa de ficção — sobretudo o conto, a novela e o romance. Também, um pouco, os ensaios, de historia e genealogia. Na Poesia, tudo o que se me apresenta como motivo de inspiração e de beleza, principalmente o lirismo, a meu ver a Poesia na quintessencia. Quando à forma, presando acima de tudo o bom dizer vernáculo, admito, tambem, desde o classico soneto alexandrino até os r'tmos novos, sem rima ou metro forçado e a leveza profunda dos haikais. Na prosa, prefiro

os temas de introspecção e psicanálise, sobretudo feminina, pois considero a alma da mulher, na sua beleza e contradições desconcertantes, o melhor campo de experimentação artística. — Outro gênero que me seduz — os estudos de costumes, sobretudo do Passado, a única realidade humana, no dizer do mestre Anatole France. Por isso, tenho como autores prediletos, na Poesia, Musset e Bilac, Castro Alves e Alberto de Oliveira e, na Prosa, Proust, Gide, Afonso Arinos, Alberto Rangel e, acima de todos, os meus queridos, lidos e relidos Ruy e Machado de Assis. Entre os de hoje — José Geraldo Vieira e Guimarães Rosa».

II

VULTOS PROEMINENTES

Antônio de Arruda

O Estado de Mato Grosso tem ainda modesta posição literária no panorama nacional. Dos vultos que alcançaram alguma projeção, destacaremos D. Aquino Corrêa, o único matogrossense que conseguiu lugar na Academia Brasileira de Letras, de onde o seu nome se irradiou mais facilmente pelos centros de maior cultura do país.

Outro nome prestigioso é o de Virgílio Corrêa Filho, historiador, jornalista, escritor emérito que tem no «Jornal do Comércio» uma tribuna permanente para a divulgação dos seus trabalhos, sempre de real valor.

Entretanto, um outro escritor, também bastante conhecido fóra do Estado, merece menção especial pelo muito que lhe devem as letras matogrossenses. É José de Mesquita, autor de inúmeros livros de poesias, contos, novelas e ensaios. Além disso, fundador e Presidente da Academia Matogrossense de Letras, há 35 anos, tem sido José de Mesquita o maior incentivador da nossa cultura. Amando vivamente as letras, é ele animador fecundo e constante das boas causas, que possam aumentar o nível intelectual da nossa terra.

Enfim, dentre as figuras notáveis das nossas letras, incluiremos ainda Estêvão de Mendonça, historiador, cujo livro «Datas Matogrossenses», obra de fôlego, labor de muitos anos, constitui exemplo em contrário à afirmação de que o brasileiro só é capaz, em geral, de fazer livros apressados.

O FOLCLORE MATOGROSSENSE

A situação peculiar do Estado, com imensas regiões ainda pouco exploradas, apresenta filão muito rico para o folclore. Neste particular, temos tido vários cultores, que pacientemente vêm pesquisando as nossas lendas e tradições. Dentre os nossos folcloristas, citaremos José de Mesquita, Gabriel Pinto de Arruda, Francisco Mendes, Ulisses Cuiabano, Firmo Rodrigues, João Batista de Souza, Hélio Serejo e Feliciano Galdino.

A IMPRENSA

A imprensa em Mato Grosso, conquanto ainda não tenha conseguido modernizar-se, representa notável esforço de aprendizado e aperfeiçoamento. Aliás, sobre isto quase toda a imprensa provinciana se parece, pois, inúmeros talentos do interior não possuem outro meio de divulgação.

Dentre os nossos periódicos, citaremos «A Província de Mato Grosso», fundado em 1879, por Joaquim José Rodrigues Calhau, que durou 56 anos. Falecendo o fundador, em 1865, o seu filho Emílio Calhau assumiu a direção do jornal, que, com a República, passou a chamar-se «O Mato Grosso». Emílio Calhau manteve o jornal durante 50 anos, até a sua morte, em 1935. Antes, porém, pedira à família: «*O Mato-Grosso* morrerá comigo», no que foi atendido.

Atualmente, os periódicos mais antigos do Estado são: o «Jornal do Comércio», de Campo Grande, fundado e dirigido até hoje por Jaime de Vasconcellos, advogado e jornalista brilhante; e a «Tribuna», de Corumbá, dirigida há muitos anos por outro não menos acatado causídico e jornalista «Vicente Bezerra Neto».

Outro jornalista de vocação tivemos-lo em Archimedes Lima, que fundou o «Estado de Mato Grosso», em Cuiabá, que manteve durante cerca de 10 anos, sempre ágil e vibrante, continuando o jornal sob outra direção.

Mas, como dissemos, os nossos escritores quase sempre são também homens de jornal. Além dos citados destacaremos pelas suas atividades na imprensa: Amarílio Novis, Isac Póvoas, Nilo Póvoas, Otávio Cunha (êste também poeta consagrado), Olegário de Barros, Gervásio Leite, Rubens de Mendonça, Corsíndio Monteiro, João António Neto, Benjamim Duarte Monteiro, Augusto Mário Vieira e outros.

A ARTE MODERNA

O movimento modernista foi dos mais fecundos que tivemos no Brasil. Realizando aquilo que tentaram Alencar e Gonçalves Dias, o modernismo deixou de ser, quanto às idéias, mero caudatário das «ondulações de Paris», para usar expressiva imagem de Nabuco. Passou a ser um movimento verdadeiramente nacional, e com isso projetou-se internacionalmente. Através dele, os nomes de Portinari, de Villalobos, de Niemeyer, de Gilberto Freire, de José Lins do Rego puderam transpor as nossas fronteiras.

Mas, com o rótulo de modernismo, quanta inutilidade, quanta baboseira! Confunde-se, às vezes, a arte com o simples subjetivo, com qualquer elaboração mental, ainda que disparatada. Certo, a arte é de origem subjetiva, mas, precisa objetivar-se, tornar-se intelegível, ao menos. Vemos, por exemplo, um monstro indescritível, que o artista afirma ser um cavalo. Diz-se que é assim que êle o vê, mas, podia lo-brigar dêste modo um hipopótamo ou um elefante, que para nós seria o mesmo.

E a fantasia, a velha fantasia não pode usá-la o artista? Claro que sim, e todas as grandes obras de arte o demonstram. Tomemos a «Batalha de Campo Grande». Todos sabem que o quadro representa o momento em que o Conde d'Eu, rodeado de paraguaios hostis, puxa da espada para defender-se, no que é seguido pelos Oficiais que o acompanhavam. A respeito, conta o Visconde de Taunay, nas suas «Memórias»: — «O Príncipe montava bonito cavalo rosilho, animal, porém, muito manso, dócil e calmo, no meio do fogo, e que nunca se lembraria de empinar-se todo, tomando visos de verdadeiro repuxo, como imaginou o pintor. O capitão de voluntários Almeida Castro, pegou, de certo, no freio do animal, para embargar o passo ao Conde d'Eu; mas, se bem me lembro, estava então a pé e não cavalgava o fogosíssimo e agauchado bucéfalo desenhado no grande painel...».

Entretanto, a fantasia aqui prejudicou o quadro? Ao contrário; pois, naquêlê lance decisivo; vemos o Príncipe a mostrar o que realmente era: um bravo, desejoso de atrair a simpatia dos brasileiros, o que de resto nunca obteve. Mas, no caso, se ao invés de Pedro Américo; o pintor fosse um dos tais que hoje se dizem modernistas, e pespegasse o Conde num rinoceronte, qual teria sido o efeito?...

Assim, ao falar de modernismo é necessário distinguir o falso do autêntico. O povo já conhece o falso modernista:

é aquele cujos quadros podem ser virados de cabeça para baixo, sem inconveniente, ou aquele cujos escritos podem ler-se de trás para adiante...

Entre nós, o modernismo autêntico teve duas figuras bem representativas: o falecido Lobivar Matos, autor de dois admiráveis livrinhos de versos (Aerotorare e Sarobá), e Manoel de Barros, o festejado poeta de «Face Imóvel».

LIVROS DE IMPORTÂNCIA PARA FORMAÇÃO HUMANA

Este quesito é embaraçoso, porque seria difícil um livro que, de algum modo, não nos ajudasse a construir a personalidade. Mas, dentre todos, gostaríamos de separar os quatro seguintes; As Máximas, de Epicteto, o Fedon, de Platão, a Autobiografia, de Franklin e o «D. Casmurro»; de Machado de Assis.

(De «A Gazeta» de S. Paulo, de 21-3-1957).

NO FUNDO DO SILENCIO

Gervásio Leite

A brevidade em estilo é contenção, gosto e harmonia. É consideravelmente mais facil ser prolixo que breve, porque a brevidade é disciplina que, exige tempo e esforço ao passo que a prolixidade é a inconsiderada e facil volúpia de falar, de se expôr...

Com os anos, os homens vão aprendendo que mais vale um breve conceito, com razoavel sabedoria, de que muitas palavras vagas e vãs.

Creio que foi Schiller quem disse que, o talento se faz no silêncio; é obra de meditação continua, de trabalho árduo e prolongado, de esforço cotidiano, de estudos bem orientados.

O talento improvisado que faz discursos bonitos e que, se enfeita de flores de adjetivos e de frases, é como o fogo artificioso. Dura brevissimos instantes e, dele, só fica aquela luminosa e estonteante visão que riscou a noite de arabescos incriveis.

O simulador de talento tem essa vantagem, fascina e seduz a maioria, sem lhe dar nada.

* * *

O problema das gerações de que tanto se tem falado, os mais das vezes com desacerto, por ser comum aos homens falar com pouco sizo sôbre questões vitais, é um problema que, no fundo não tem solução. Aos jovens o passado não interessa. As razões são numerosas e convincentes. Aos velhos, o ideal será sempre, parar a marcha do tempo e da vida ou volver a sua época por entenderem que só ai é que há carater, honra, palavra, acertos nos negócios, ordem na sociedade, harmonia e disciplina. Dêsse tecido de ilusões é feito o equivoco e a disputa, ilustrada por alguns versos que se encontram na vida de Licurgo, devida à pena de Plutarco:

OS VELHOS: — Nós (fomos) fortes e valentes guerreiros.

OS JOVENS: — Nós somos. Se tens coragem olhem-nos na cara.

OS MENINOS — Nós outros seremos muito mais fortes.

* * *

O sentimentalismo continua sendo até hoje o conteúdo lírico da maior parte da obra poética nacional. Sentimentalismo no pior sentido, que é a exploração baixa e torpe dos sentidos e dos sentimentos para atender ao gosto fácil das massas. Em poesia, o conteúdo lírico não se confunde com essa exploração sentimental, capaz de arrancar suspiros e lágrimas a fácil sensibilidade das solteironas. Conteúdo lírico é a própria força creadora do poeta, aquela sua vida interior que se desborda para a vida duradoura da arte.

Lirismos não é exagero de sentimento, água de rosa para as sensibilidades débeis. É emoção, entusiasmo, calor de expressão, que se encontra na obra eterna de Pindaro, Safo, Ancreonte, Ovídio, etc.

* * *

Tôda uma questão essa de examinar os atos humanos pela perspectiva da sinceridade. Lembro-me, sempre, quando voltam a discutir esse assunto, de Tayllerand que em tudo foi insincero e no entanto, chegou a fazer grandes coisas bem feitas. A intenção todavia era a pior possível.

Tanto essa noção de sinceridade arraigou-se na consciência humana que até as legislações penais se preocupam, antes de tudo, com a intenção, com a sinceridade dos atos.

Vã preocupação! A sinceridade do amor, por exemplo, é a pior peça que se póde pregar aquêles que amam. Porque o amor insincero é arrebatado, irrefletido e contundente.

* * *

Felizmente, neste mundo nada é imutavel. Tudo passa a despeito da universal ilusão em torno do dogma da ideia feita, do teorema, do geralmente aceito.

A propria Matemática, a ciência primeira muda! Ante um teorema de Euclides, há alguns anos todos se punham, reverentemente, de acôrdo, como algo imutavel. Mas, Lobaceski, Riemann, Cantor e Beltrami, inventaram novas geometrias baseadas precisamente neste e naquilo que era tido como falso pelas teorias euclideanas.

ORA, EÇA É GENIAL!

Rubens de Mendonça

Bulhões Pato, ao se ver nos «Maias», incarnado na grotesca e ridícula figura do Poeta Alencar, mordido de indignação e inveja, escreve uma violenta sátira contra Eça de Queiroz. Entretanto mesmo satirizado Eça, Pato teve uma visão de profeta:

«Deu-te a infamia o porvir!... Tens um lugar na história!» Sim, Eça tem mesmo um lugar na história, e lugar esse de tal destaque que nenhum outro escritor português, dele consegue se aproximar. Lido em Portugal e adorado no Brasil como o mais brilhante de todos os escritores e romancistas da língua, é incontestavelmente grande a influência exercida por Eça de Queiroz na nossa literatura. Podemos afirmar que três gerações de escritores brasileiros, tivera, a sua influência benéfica. Sim benéfica! porque Eça além de ser o mais notável romancista português, o seu estilo é sempre novo e a sua técnica de romance é bem diferente da dos velhos romancistas portugueses charoposos — Camilo e Herculano.

Na graça e ironia do seu estilo há um tom de humor que difere da chalaça lusitana. A sua ironia não se confunde com a chalaça lisboeta. Ela tem um sentido novo, um tom britânico.

E, para mim o que mais caracteriza a grande obra de Eça, é a maneira viva e apaixonada com que êle descreve os seus personagens. Há algo de vivo, de humano nos tipos criados por Eça de Queiroz. Pacheco vivo com a sua figura inconfundível e seu dedo espedido ao ar, desde o dia que afirmou que o Século XIX, éra o século das luzes. Também há tantos Pachecos na vida real que a ficção do grande romancista torna-se às vezes em realidade.

O Conselheiro Acacio por exemplo é a caracterização do que hoje chamamos medalhão. Amigo de frases feitas e lugares comuns, de um aspecto solene e presunçoso, com o dedo polegar enfiado na cava do colete e um ar de superioridade, é bem o tipo de moralista de esquina. Prêga em voz alta a sua moral... Mas, nas velas de Lisbôa...

João da Ega, o trafego João da Ega, e o simbolo de inteligência dispersiva. Para estudar bem esse personagem, era necessário que se escrevesse a propria biografia do seu criador. Ega usava, como o seu criador, monoculo. «O monoculo, observa Martins Fontes também é magro. Dá o monoculo um seticismo desdenhoso, agressivo, mordente, sarcastico. Contrariando o supercílio, refregando a comisura labial, altera a mascara, aguçando-a. O monoculo é analista; perfurante, deformador».

Ainda nos «Maias» vem um outro personagem, não menos pitoresco que o Conselheiro Acacio e Pacheco. É o Damaso, balofo e imbecil que desafiado para se bater em duelo com Carlos Eduardo, se acovarda e dirige ao seu adversário a mais pitoresca de todas as cartas, que só mesmo a imaginação demoniaca de Eça poderia conceber. E, em contraste com a sua crassa covardia, abre o respos-teiro da sua sala onde ostentava ousadamente um leão, sôbre a divisa — SOU FORTE.

Juliana na sua perversidade doentia e criada portuguesa, na sua exploração desumana tortura Luiza de tal maneira, que quase a enlouquece. Luiza coitada, é um vulto bem simpatico. Mulher erra, mas continua humana e mais mulher. Até que a morte venha por ponto final na sua grande trágedia. Basílio é o perfeito tipo de cabotino metido a granfino, sempre detestando Lisbôa, e falando muito sôbre Paris. Há quem afirme que o «Primo Basílio», seja uma imitação de «Madame Bovary». Pode haver, acredito que haja, alguma semelhança entre os dois romances, porém o que não se pode conceber é Eça imitar Flaubert, ou Flaubert imitar Eça. São ambos, inegavelmente os maiores romancistas da Europa, em todos os tempos. O romance de Flaubert «Madame Bovary» é certamente mais conhecido que o «Primo Basílio», pela simples razão dum ter sido escrito em francês e outro em português, pois já sentenciara Alexandre Herculano: «a língua Portuguêsa é tumulo do pensamento». E, a língua francesa é universal.

Eça além de grande romancista há que se observar na sua obra a grande critica social. Sempre criticou e combateu os erros do Governo Português. Ele compreendeu

a sua alta missão de escritor e procurou através de sua pena sintilante, satirizando, mostrar ao seu povo, os defeitos do seu governo e dos seus costumes. As «Farpas» é disso um atestado eloquente. Uma coisa não se pôde negar no estilo Eça de Queiroz e alguma semelhança a Flaubert. Ele queria, como aquele escritor francês, a frase cantante, buscando o vocabulo que pudesse exprimir o som e a côr do seu pensamento. Daí lhe vem esses dons adoráveis de estilo que não tem rival em nenhuma literatura estrangeira. Como o autor de «Salambô» de quem contam ter sentido o gosto do arsenico ao descrever o envenenamento de «Madame Bovary», Eça também vivia de tal maneira a vida de seus personagens, que ao descrever, após verdadeiro martírio, a morte de Luiza, o fez de modo piedoso e humano. Por essa personificação de tipos seus personagens tem vida e são verdadeiros tipos reais. Se o «Fausto» fez a gloria de Goethe, «D. Queixote» a de Cervantes, o Conselheiro Acácio, o Pacheco, João de Ega; o célebre Poeta Alencar, Balfo Damaso, o Primo Basílio, Raposão, Padre Amaro, Libaninho e todo esse cortejo de personagens produtos do humorismo, mas do verdadeiro humorismo, como no dizer do SWIFT: «Misto de ciência e gracejo com fundo amargo de filosofia» se desfilam ante os nossos olhos mais consolidando ainda a glória de Eça de Queiroz.

Criticado, embora por Machado de Assis que reprova a sua linguagem despida de decoro literario, Eça não tardou encontrar que lhe tomasse a defesa, aliás, defesa desnecessária, porque se Camões foi o garimpeiro do idioma, o homem que desce aos fundos grotões dos rios indevasseáveis e traz a pedra bruta, valiosa, mas ainda não bela, Eça é o joalheiro, o artista, paciente que faceta, burila, lapida embeleza, enfim a pedra bruta. Mágico criador de beleza, esplendoroso lapidario do idioma, a sonhar a vida, NA MUDEZ FORTE DA VERDADE envolta no VEU DIAFANO DA FANTASIA.

E foi porisso que Martins Fontes, o saudoso poeta santista, homenageando esse gênio da raça, proclamou num soneto:

«Fino era o seu cantar, fluida era a sua voz.

E a fineza, a finura o sagraram divino.

E Satan fez-se Deus em Eça de Queiroz».

RONDON

PÁGINAS FEMININAS

RONDON

Benilde Moura

Rasgando a verde entranha da Amazônia inculta,
onde o progresso dorme o sono primitivo,
Rondon, numa lição de amor a Deus, exulta
e cinge ao peito amigo o féro e hostil nativo.

Indiferente à gema nos monchões oculta,
ao brilho das grupiaras nos filões cativo,
vai levantando marcos sobre os quais avulta
seu porte marcial, dominador e altivo.

No infatigável corpo e sangue moço estua,
a mente não repousa e a alma alvissareira
alarga-se em favor da Pátria que é tão sua.

Enquanto altissonantes, no Panteão da Glória,
os mapas, o telégrafo, o índio e a fronteira
aclamam-no Gigante da Brasília História.

Dez. — 1957.

PÁSSARO DOURADO

Benilde Moura

Junto à porta da sala, onde trabalho e leio,
alveja perfumoso jasmineiro em flor,
em cuja verde trama da folhagem veio
entretecer o ninho um pássaro cantor.

Em milagres de sons o estrídulo gorgueio
é, desde a madrugada à hora do sol-pôr,
a mais alta expressão do firmamento cheio
de glorificações à obra do Criador.

Às vezes meu cantor alado o vôo solta
e, como estrêla de ouro que o azul percorre,
vai se perder além. Mas... logo ao ninho volta.

É o pássaro dourado que minha alma abriga
entre os brancos jasmims das ilusões. Não morre.
Nem diminui sequer a inquietude antiga.

Set. — 1957.

PERDÃO

Yula Silva

Ao Dr. José de Mesquita, ofereço estes versos,
com sincera estima e com a marca indissolúvel
da minha admiração.

Si o ferro mau que dilacera e mata
lhe escava as carnes, em cruentas chagas,
perdôa, Amigo, quem lhe, assim, maltrata,
porque o perdão nosso pecado apaga.

Ama êsse ser que lhe agoniza a vida,
mostra o perdão, que a todo ser eleva,
pois vale mais sofrer uma ferida,
do que viver no âmago da treva!

Bem imagina que a ventura existe,
na mais suprema unção da divindade,
porque o perdão ao Bem sempre preexiste,

pois, no Gólgota à sombra de uma Cruz,
para salvar a iníqua humanidade,
Deus nos perdoou, a rogo de Jesus!

Ribas do Rio Pardo, 2-5-56

CUIABÁ

Déborah Prazeres Dore

Na vasta extensão que a vista não alcança,
O céu azul turquesa se debruça,
Ora em tonalidades prateadas,
Fragmentos de nuvens espalhadas;
Ora em ígneos raios do sol incandescente,
Quando queima da terra o seio ardente —
Rendilhado de ouro —
Num profundo tesouro
De múltiplas raízes.

Cidade de Cuiabá, Matogrossense,
Dona de grandes riquezas,
Dona de grandes fazendas,
Que não se podem medir:
E se orgulha do morro de Santo Antonio,
E exalta a velhice da Igreja do Bom Jesus,
No alto, gloriosa, plácida, a sorrir...

Cidade verde, do siriri, do cururú, do pacú, do guaraná;
Das árvores gigantes — dos tinhorões multicores:
Numa orgia de ritmos e côres —
Banhados pelas chuvas de verão.
O rio de que se ufana tua gente
Feliz, vasto, sinuoso, prepotente,
Onde imerge, leitosa, a lua sorridente,
Encerra o romantismo das baladas —
Embora refratário às marulhadas
Monstruoso, brutal, arrogante portento —
Conte, em surdina, à voz cálida do vento —
Histórias de ilusões despedaçadas.

Cuiabá, esperança alvissareira,
Da grande e bela Pátria Brasileira,
Que distende, sem fim, seu luminoso rastro!
E esta magnífica e esplêndida coloração —
Um hino à natureza — inspiração!
Tão forte, exuberante, esverdeada:
É uma túnica vegetal recamada
De estrêlas, num suntuoso tapête de alabastro.

ENCONTRO...

Newton Alfredo

Se estás distante e dentro em nós flutua
essa tristeza que ao prazer define,
— eu vou sentindo uma saudade tua...
— tu vais sentindo uma saudade minha...

E a saudade que sentes, te insinua
a que venhas a mim, doce rolinha...
E a saudade que eu tenho se extenua...
— e nem parece que saudade eu tinha...

E tu relembras e eu relembro, mudo,
a falta que te fez o meu carinho
e a alegria que agora vive em tudo!...

E seguimos, os dois, rindo e cantando...
Sentindo abrir-se em luz nosso caminho,
como se fôssemos ao céu chegando!...

OTÁVIO CUNHA

À distinta família de meu grande amigo e poeta, Otávio Cunha.

Agenor Ferreira Leão

Morreu, agora, o nosso grande artista !
Perdeu a nossa Terra o sonetista
Que, em versos abrasados como o sol,
Cantava o amor, a vida, a natureza,
Compondo estrofes cheias de beleza,
Com refulgências loiras de arrebol.

Morreu agora, agora está sepulto
O grande Otávio, aquele grande vulto
Que foi tão bom, que foi humilde e nobre,
Que tinha vinho para o rico e tétó,
E dava pão, carinho e dava aféto
A pequenez humílima do pobre

Morreu agora. Reverteu-se ao pó.
Chorando, ao longe, passa o Coxipó,
Alvo, silente muito triste e esguio,
Levando a nova à gente dos barrancos,
Que o seu poeta de cabelos brancos
Já disse adeus às águas do seu rio !

Há luto em tudo. Tudo está tristonho.
Morreu Otávio. Não há mais um sonho,
Uma esperança, uma palavra boa !
A Terra chora pela voz do vento
E chora sôbre a Terra o Firmamento
O pranto alvinitente da garôa.

Para abrigar sua alma que se evola,
O Céu abre-se em forma de corola
E há mil trovões tristíssimos de adeus.
E a noite, pelos olhos das estrélas,
Chora, contrita, pelo espaço e pelas
Várzeas em flôr, qual se morresse um Deus!

Dentro do espaço — amplissimo delubro,
À frouxa luz do pôr do sol de outubro,
Há misereres e orações estranhas.
E o mundo inteiro, triste, genufléxo,
Ao grande môrto manda o seu ampléxo,
Nos braços altaneiros das montanhas.

Morreu Otávio, o nosso grande estéta!
E o seu amigo, o seu irmão poeta!
Em vez de préces, de inscrição e cruz,
Neste momento, deixa-lhe, contrito,
Seu derradeiro adeus que, no infinito,
Desfaz-se todo em florações de luz.

ANNIVERSARIO

J. Martínez Vázquez

PÁGINAS ESQUECIDAS

ANNIVERSÁRIO

F. Marianni Wanderley

Em uma tarde como esta, encoberta e quente, à hora suave do pôr do sol, estava eu, ha annos ajoelhado na sombria nave de uma igreja. A meu lado, dentro de uma nuvem de seda e gase, estavas tú, na immaculada candura dos teus 16 annos.

Hoje, tanto tempo depois, estou a olhar-te, diligente e atarefada, dispondo a festa pequena, modesta, intima, festa sem convidados, com que religiosamente comemoramos a grande data de nossa vida.

Tantos annos!... Todas as palavras me parecem gastas, incolores, profanadas, quando busco exprimir um sentimento muito fervoroso, muito casto, que seja digno de unir ao teu nome.

Nos momentos de apreensão que todo homem experimenta, nas horas em que me assalta alguma angústia inexplicavel... basta que tu me appareças; logo a inalteravel serenidade de tua frente varre os cuidados do meu espirito, illumina a minha alma como o sol espanca as trevas, e inunda em borbotões, em cascatas de luz, as paisagens de tua terra, esplendidas e verdes, sob o azul límpido e profundo, Tantos annos!... Outros mais... não sei quantos... e tudo terá passado. As meninas, se vivas forem, terão seguindo seus destinos, dispersas pelo mundo. Chegará o tempo em que outros anniversarios destes passarão desapercibidos. Nós ambos teremos deixado os nossos corpos adubando a terra do cemiterio. Completou-se talvez sua decomposição na retorta da sepultura: e cada um dos elementos distinctos que entrava em nossos organismos, seguindo a eterna marcha das coisas estará distribuido por novas aggregações de matéria inerte ou aminada.

Então, nova gente virá habitar aqui. Neste canto de sala onde todos os dias tua rede vai e vem no balanço compassado, no lugar predileto que occupa a minha cadeira durante as nossas palestras, outros se sentarão tratando também de planos tão ephemeros como os nossos; e por esta janella contemplarão a tranquilla perspectiva das collinas com sua casaria e igreja rustica dominada pela mesma palmeira que a viração afaga e arripia.

E si alguma coisa existe em nós que não morre, como a fé te assegura e os factos me convencem, serve-me tu de guia na futura existenciã, porque és humilde, resignada e bôa, vives abnegadamente e terás direito a um bom lugar.

Cuiabá

Traumer

A CONVERSÃO

(Um conto de Vieira de Almeida—patrono da Cadeira n.º 37)

Encostado á grade da prisão, Pedro, o celebre e audaz bandido que fôra o espantelho de toda uma população, em cujo seio a sua gazua e o seu punhal obraram prodigios, olhava para o pateo da cadeia, que lhe ficava em frente, banhado, áquella hora, da loira luz acariciadora do sol.

Quem o observasse de perto veria que seus olhos estavam rasos de agua. Contado, ninguem acreditaria! Pedro sempre fôra um mau, um perverso, e sua consciencia, um negro fosso em cujas profundidades nunca se divisára nem os vislumbres de um pensamento bom. Sua propria mãe elle a abandonára desde creança, seduzido pelas más companhias, que o fizeram um ente despresivel e perigoso.

... E aquellas lagrimas tinham uma grande significação, eram o resultado do arrependimento, a linguagem da consciencia accusando o passado, esse phantasma sombrio!...

E toda essa grandiosa transformação era obra de um homem, dos seus conselhos, da sua bondade infinita.

Desde que Pedro fôra recolhido á cadeia, o carcereiro, uma grande alma bemfazeja, amigo e protector dos presos, a que sempre tratava com carinho e amor, tomára a seus hombros a humanitaria tarefa de o converter, de illuminar aquelle coração onde só trevas havia... E todos os dias o visitava na prisão; sentava-se ao lado d'elle, como um amigo ao lado de outro amigo, e fallava-lhe da familia, do amor, da virtude, estigmatizando o crime, condemnando o vicio, incutindo-lhe no espirito os mais puros e os mais alevantados principios.

E, naquella dia, o excellente homem soube, como nunca, fallar ao coração do condemnado, commovendo-o com a sua palavra cheia de bondade, doce como uma caricia, alentadora como a esperança.

Dir-se-hia um inspirado, como Cristo o fôra outr'ora, semeando o bem por toda a parte, convertendo os maus, levando a todos os espiritos a luz redemptora da verdade e da fé.

Assim falou então:

— Sabes, meu amigo, em quem estive pensando ha pouco? Em tua mãe, naquella pobre velhinha, a quem num momento de desvario abandonaste, para seguir o caminho dos maus. Avaliava então a grande alegria, a satisfação immensa que ella experimentaria no dia em que, livre, tu corresses, de braços abertos, para junto della, dizendo-lhe: Minha mãe, eis aqui o teu filho, foi grande o seu crime abandonando-te, mas perdoa-o, porque elle tem soffrido e, ainda, mais, porque, está arrependido!

E estas palavras bailavam agora na imaginação do infeliz preso, produzindo em tódo o seu ser uma revolução extraordinaria, mostrando-lhe a existencia por um novo prisma, fazendo-lhe á alma um bem enorme como nunca houvera experimentado.

Sentiu-se tal como quem vê despontar a madrugada após uma longa noite cheia de tristezas e sombras, pontilhada de horriveis sobresaltos...

* * *

Chegou afinal o dia da liberdade!

A boa nova recebeu-a elle pelo seu generoso amigo, o carcereiro: e, chorando lagrimas que lhe brotavam do intimo, de joelhos soluçou:

— Ah! meu amado protector, nunca me hei de esquecer de vossos carinhos, da amisade desinteressada que sempre me dedicastes. O vosso nome eu o repitirei como uma préce, como se murmura uma oração fervorosa. Os vossos conselhos serão lá fora o meu guia, tendo-os bem gravados na minha imaginação. Não sei como vos agradecer o que fizestes por mim, quando todos me repelliam, porque eu era mau, quando sobre os meus hombros pesava a auctoria de muitos crimes, quando a lei me atirára para o fundo deste carcere, que a vossa bondade converteu num doce oasis; que o vosso magnanimo coração transformou num sagrado

templo, onde aprendi a ser bom, onde no meu peito morreram para sempre os rebentos da arvore do mal, que ennegreceram os meus passados dias. Vêdes estas lagrimas que me rolam pelas faces? São expressão sincera da minha gratidão imperecível. Agora dae-me a vossa mão generosa, quero beija-la.

E os olhos do carcereiro humedeceram-se tambem...

* * *

Deixando a cadeia, o primeiro cuidado de Pedro foi tomar o caminho da casa de sua velha mãe, situada a algumas leguas da cidade, num arraial.

Era grande o anciedade que tinha em vel-a, arrojarse a seus pés, pedir-lhe perdão, depois cobril-a de beijos e e estreitar bem forte contra o peito. Por isso, caminhava tão ligeiro quanto lhe permittiam as forças. Pudesse, e voaria então, e, de um só vôo ousado, galgaria toda a distancia.

Era por uma linda manhã de Maio. O céu era de um azul purissimo, e o sol parecia derramar sobre a terra mãos cheias de ouro.

Nas margens da estrada que elle percorria agora, alegres passarinhos cantavam, nas verdes ramarias poisados, saudando a natureza, a grande mãe credora.

No emtanto, elle não tinha olhos para ver esse quadro admiravel, nem ouvidos para ouvir a doce musica dos ninhos, essas canções inspiradas, cheias das mais suaves melodias.

O desejo que tinha de ver sua mãe absorvia-o completamente. E, pensava, que alegria immensa, a sua, quando a abraçasse! quando a tivesse ao seu lado, ouvindo-lhe a voz carinhosa, cheia de doçura, de bondade e de meiguice!

Por vezes, julgou vel-a diante de si, encarquilhada, os cabelos brancos como a neve... Então murmurava, como num sonho: Perdão, minha mãe!

E as horas iam passando e o sol ia ficando na direcção do poente. E era preciso caminhar ainda, e mais.

Só no cahir da tarde, á hora triste do crepusculo, foi que elle chegou ao arraial.

— Até que emfim, balbuciou, ao avistar a casinha branca onde nascera e onde suppunha ainda encontrar aquela que lhe dera o ser.

E apressou então mais o passo, como se tivesse receio de que ella lhe fugisse qual visão de sonho...

Sentiu um grande golpe alancear-lhe o coração, ao verificar que a casinha estava fechada, ameaçando desabar, sem o menor indício de que alguém a habitasse. Soube então que sua mãe já não existia.

— E morreu sem lançar-me a sua benção sem conceder-me o seu perdão, gritava como um desesperado. Ah! que desgraçado que sou! porque a abandonei? porque me deixei arrastar pelas más companhias, pelos sentimentos maus?

E cansado, exausto, cahiu por terra como um vencido, soluçando...

A manhã seguinte veio encontral-o ainda alli debruços, dormindo um somno cortado de pesadellos.

Cuiabá

Vieira de Almeida

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE CURITIBA

Av. Termô de Curitiba, 11, Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 1964

BIBLIOGRAFIA

CORPO E ALMA DE CUIABÁ

«No Termo de Cuiabá» — M. Cavalcanti Proença

José de Mesquita

Nêste livro, em que sentimos, ao vivo, êsse espírito de cuiabanidade, de que todo êle se impregna, funda e substancialmente, M. Cavalcanti Proença nos põe de manifesto, a par da segurança da sua técnica, os vincos de doce afevidade que o prendem à sua terra natal. «No Têrmo de Cuiabá» é bem um hino de louvor e de glória ao rincão nativo, cujas paisagens e costumes, gente e coisas características, desfilam animados de um colorido e de um movimento, que lhes dá vida, calor e beleza. Artista dotado de singular poder descritivo conhecedor exímio de nossas peculiaridades que sabe realçar, num estilo seguro e perfeito, M. Cavalcanti Proença pôs neste trabalho admiravel todo o melhor potencial de ternura e amor a êsse sertão que Dona Ruiva, a sua vovozinha querida, tanto amou e lhe ensinou a querer. Cuiabá, a velha Cuiabá de trinta anos atrás que nós conhecemos, com, seus aspectos inconfundiveis, lá está, neste livrinho de raro sortilégio sentimental e salta viva e real, de cada página, de cada linha da obra maravilhosa.

Como no «milagre da saudade» de que fala Bilac ou na «ressurreição», que é a reminicência dos nossos clássicos, à maneira de Fernão Lopes a cidade bandeirante emerge, de corpo e alma, a cada evocação deste magnífico poema sem metro. O sabor dessa narrativa sómente pode ser bem degustado por quem conheceu a Cuiabá de outrora, a que se chegava na lanchinha que aportava ao velho cães, depois de muitos dias de viagem rio acima já avistando, duas horas antes, a cidade com «as manchas avermelha-

das de telhados; traços claros de paredes caiadas, entre o verde mais claro das outras árvores». A longa jornada enseja a descrição dos panoramas ribeirinhos na enchente e na vasante, com a flóra pitoresca e a variada fauna em que predominam os pássaros e os peixes, todos com as suas características e as suas histórias tão interessantes, pontilhadas de motivos regionais. O cavalo e o boi têm a sua menção destacada, o seu papel histórico a sua atuação social relevante, como na procissão de S. Jorge e nas animadas touradas — bem definidas como «o maior acontecimento social» naquêles tempos. Fiel, quasi fotográfica, a descrição que dêsse tórneos fáz Cavalcanti Proença em sete páginas magistrais. A caça e a pesca, ambas, lhe merecem, igualmente, narrativas coloridas e movimentadas, e bem assim o nosso *Folclore* tão impressivo e original. Não poderia deixar de figurar neste epitome de cuiabanismo, a bravura, tão magnificamente personificada naquêl capítão de dragões do século XVIII — Francisco Rodrigues Prado — tipo de herói de legenda, que o autor nos mostra incisivamente como «cronologicamente, a primeira figura entre os cavalarianos penetrados do espirito do aventura e de idealismo, que deram à Cavalaria brasileira essa auréola de bravura que, na história das nossas guerras raia os limites de lenda». Esse grande varão de notavel coragem e apreciaveis conhecimentos — escreveu a «História dos Indios Cavaleiros» — os guaicurús, que com os indios canoeiros — os paiaguás, enchem as nossas gestas coloniais, bem merecia um ensaio consciencioso e fiel, como nos deu o polígrafo matogrossense Cavalcanti Proença. O mais tocante e sugestivo capitulo dêste livro é, sem dúvida, aquêl em que, com as meias tinta da ternura e da afetividade, vemo-lo retratar, ao vivo, sobretudo para os que, como eu, a conheceram e privaram de perto, a boníssima Dona Ruiva, nobre matrona cujos altos e belos atributos o neto põe de manifesto, numa suave pagina de memórias. A sua vida, pontilhada de lances heroicos, e cheia de beleza e vivacidade espiritual, enseja ao enternecido biógrafo a narração de pitorescos episódios, que espelham, com a curiosa psicologia da personagem os cenarios, os costumes e o linguajar da terra. É uma pagina de antologia, das melhores que as nossas letras oferecem, digna de figurar, num florilégio matogrossense, ao lado daquêl «Um aniversario» de Francisco Mariani Wanderly, do «Ela» de Virgilio Corrêa Filho e de algumas mimosas laudas de Estevão de Meudonça, em «Retalhos da Vida».

Corpo e alma de Cuiabá — bem se poderia antes, denominar esta obra, em que vemos reproduzida, com as suas peculiaridades e pigmentação inconfundíveis, a natureza de nossa terra, original e vivaz, a refletir-se nos costumes e proseado do interlandês. Escrito com rara acuidade mental de observador, mas ao mesmo tempo, com esse estilo que vem do coração, com a simpatia e o amor, que Carlyle exigia como condição essencial da verdadeira obra de arte. *No termo de Cuiabá* nos deixa a impressão empolgante do fascínio tropical que, sobre seus filhos e até sobre os forasteiros, exerce esta morena e agarrativa terra cuiabana...

Outubro 58.

UM PIONEIRO — O RUBENS

Corsindio Monteiro

Chega-me às mãos, em oferta do autor, o mais recente livro de Rubens de Mendonça, intitulado «Poetas Matogrossenses». E, ao folhear o pequeno volume, vou meditando no quanto tem feito êsse conterraneo, de útil para as nossas letras. Não se pode deixar de reconhecer em Rubens, a despeito de toda a sua aparente volubilidade, um espírito empreender e capaz, que tem feito pela sua Terra natal muito mais que muitos da sua geração, aos poucos desmentindo, com uma exemplar superioridade, os que injustamente o criticavam, com argumentos pueris.

Muita coisa ficará de sua bibliografia, mormente daquilo que se refere especificamente às letras e à história de Mato Grosso, como obra de pioneirismo, ao lado de José de Mesquita e Virgilio Corrêa Filho.

Desta feita, arrolou poetas dentro do periodo que medeia um século, num total de 56, em que se incluem «parnasianos», «simbolistas» e «modernistas», com uma breve notícia bio-bibliográfica. Abre o livro uma nota esquemática sobre a «Evolução literária de Mato Grosso». Dos 56 poetas elencados, 7 não nasceram em Mato Grosso, embora se identificassem com a terra adotiva, com o nosso querido Otávio da Cunha Cavalcanti, nascido em Pernambuco, Rosário Congro, paulista, Jericy Jacob, mineiro, e João Antônio Neto, goiano, que enraizaram na vida e na família matogrossenses a ponto de se ignorarem suas terras de origem.

De todos, deu o Rubens uma breve notícia e uma mostra de sua poesia.

Não fôra saber o que representa de luta, de esforço, para se publicar qualquer coisa neste País, mormente em Mato Grosso, onde a dificuldade se erigiu em regra alvitramos ao Rubens, pedindo-lhe venia, que, ao preparar nova edição de seu livro (que poderia ser custeada, pelos cofres públicos), e porque se tornasse mais útil, que ampliasse um pouco mais aquela introdução, a justificar o título de «Evolução literária de Mato Grosso». E guardasse correspondência entre as citações ali feitas e os poetas que figuram na antologia. Por exemplo, entre os «parnasianos» cita João Ponce de Arruda, porém não dá dêsse poeta uma só poesia. Entre «modernistas», cita Wladimir Dias Pino, a quem considera «o maior de todos os poetas modernistas» possivelmente de Mato Grosso, entanto, não o inclui, igualmente, no florilégio. Se êle «é o maior» deve ser em face de alguma coisa feita, que o ilustre organizador da coletânea ficou com a responsabilidade de citar e nós, simples mas interessados leitores, no direito de exigir. Tanto maior a responsabilidade quando o Wladimir é também citado como destacada figura do jornalismo contemporaneo matogrossense. Não encontramos, também, nada dos «modernistas» Silva Freire e Agenor Leão.

Aliás, comportava no prólogo um estudo sobre a terra e a gente de Mato Grosso, a formação cultural da mocidade cidadina, que inelutavelmente, é a que dá o tom intelectual na paisagem: o arquipélago literário formado das várias ilhas em que se constituem as cidades, como pequenos centros de difusão de cultura; a vocação «bisexta» (usando a expressão de Manoel Bandeira) da maioria de nossos poetas, a que não estão alheios os poetas da província.

Dentro, ainda, do terreno das sugestões, seria interessante que o organizador da coletânea se inteirasse, junto aos figurantes da antologia ou aos que os conhecem ou conheceram, de seus dados bio-bibliográficos, a evitar os enganos existentes, de fácil verificação. Por outro lado, adotar um critério só, tanto na notícia bio-bliográfica quanto no número de poesias referidas. Há poetas que tem duas, tres ou quatro poesias citadas e os demais somente, uma, que, muita vez, nada diz sôbre o seu valor como poeta.

É certo que Rubens está, inclusive, em condições, poeta que é e grande estudioso de literatura, em dar, na uniformidade de um critério, uma nota crítica sôbre as atividades literárias do autor aludido. E não se esquecer de colocar um indice no final do volume...

O fazer pequenas restrições não importa necessariamente em desfazer o irrecusável mérito da obra. O trabalho de Rubens, que desejo, de coração, cada vez melhor, é de pioneiro, e apraz-me, nesta oportunidade, louvar-lhe o talento e a vontade em bem servir o nosso Estado, por tudo o que tem feito por todos e a cada um de nós, que de minha parte comovidamente agradeço, por se lembrar ainda de seu velho amigo e malgrado colega de tão belo quão desafortunado ofício.

Rio, Novembro de 58.

CAMINHEMOS

Antônio de Arruda

Corsindio Monteiro, desde cedo, interessou-se pelas coisas do espírito. Ainda estudante, numa idade em que outros matam inútilmente o tempo, Corsindio fundava um jornal — «A BATALHA». Já o título indicava um temperamento, pois, batalhador é o que era, o que tem sido este moço, idealista e sincero.

Dos primeiros tempos da sua juventude, Corsindio Monteiro nos deixou uma coletânea de belos escritos, a que sugestivamente denominou: «Está em silêncio o Jardim de Academus». No prefácio, já anatematizava os cétricos e comodistas, que ainda não desapareceram... «Não sei se todo o mundo, escrevia Corsindio, porém, uma boa parte dele, está materializada a tal ponto de não se cultivar mais a fantasia e a espiritualidade. Nas tertúlias literárias, em certas agremiações de cultura, os próprios acadêmicos não comparecem... O desencorajamento de meia dúzia tira o estímulo de muitos. A alma também se materializou. Não se cultiva a arte. Negam a existência do sentimento e do amor! A multidão ficou insensibilizada com as dores de Cristo e as lágrimas de Maria!»

Mais tarde, já formado em Direito, no Rio, Corsindio Monteiro voltou para Cuiabá, com o intento de se dedicar à magistratura. Tivemos então, por algum tempo, um Juiz dinâmico e probo, que deixou aos seus colegas a melhor das impressões. No que se refere à questão dos menores, especialmente dos menores abandonados, Corsindio empregou todos os seus esforços para solucionar esse velho e difícil problema social. Mas, infelizmente, o destino não permitiu que Corsindio perseverasse na missão encetada e cortou-lhe cerce a carreira, que se entremostrava profícua e brilhante.

Volvidos alguns anos, eis que Corsindio nos brinda agora com um admirável livro de poemas — CAMINHEMOS. Sobre êle escreveu o renomado crítico Agripino Grieco: «Na sucessão dêstes expressivos poemas em prosa, acabei compreendendo o que há de vida profunda em seus conceitos, a sua percepção muito sutil em se tratando de alguns recessos misteriosos da alma e do mundo. Quantas vezes, no jovem escritor, encontro o filósofo em luta com o puro lirista, vejo os ornatos das palavras voluptuosas cederem lugar a uma inquirição amargurada dos problemas do destino humano! E concluo que o Amor que o conduz através dêstes dias sem beleza não é fúria sexual de alcova ou pieguice romanesca de album, mas, um símbolo transcendente, com algo de nobre criação metafísica».

Também o Professor Joaquim Ribeiro ficou impressionado com a linguagem poética de Corsindio, de tal modo que o comparou a Anacreonte. Sim, não há dúvida, se levarmos em conta a riqueza verbal dos versos que compõem o volume. Entretanto, em certo sentido, aproximá-lo-íamos do poeta de «Rubái-yat» — de um poeta menos embriagado com as sensações do presente e mais afeito a ouvir as vozes do futuro. Porque, não obstante o pessimismo que parece ressumbrar de suas poesias, Corsindio não caiu no desespêro dos desencantados.

Leia-se: «A plenitude de nossos sonhos ainda é para nós uma promessa e uma esperança inefável de um dia sem data que se propagará pela eternidade, cheio de esplendores novos e eternos de descobrimentos absolutos».

Corsindio Monteiro sabe também que: — «De entre todos os jardins do mundo há os jardins dos refúgios... E em todos êles há corações que buscam refúgio um dentro do outro».

Sendo assim, apesar das decepções e desenganos, não se pôde parar, urge ir para frente — Caminhemos! E felizes os que, ao fazê-lo, ainda conseguem, como Corsindio Monteiro, esparzir belas flores pelos caminhos.

LETRAS MATO-GROSSENSES

Mesquita Neto

Vem-nos de Três Lagoas, Mato Grosso. «Outras Ruínas», livros de Rosário Congro, escritor de quem temos lido muito pouca coisa, porque há Estados brasileiros que possuem bons jornalistas, poetas, escritores, mas êstes, pela distância, pela falta de comunicação ou intercâmbio cultural, não são bem conhecidos fora. Rosário Congro é um nome que ficou em nossa lembrança por alguma coisa que lemos de sua autoria, não sabemos onde, e eis que agora nos vem de Três Lagoas, com dedicatória, o excelente livro de crônicas e alguns poemas que escreveu e Saraiva S. A. editou.

«Outras Ruínas» tem muita coisa de Mato Grosso, mas é também do Brasil e do Mundo, porque Rosário Congro, pela cultura e curiosidade intelectual, é um espírito universal.

Suas crônicas e alguns poemas são brilhantes e interessantíssimos. Linguagem castiça, os temas são desenvolvidos com a segurança própria dos mestres da arte de escrever.

Sua prosa é assim («Ricardo Franco»):

«Certo, razões políticas determinaram a mudança da capital da Capitania, que era Cuiabá.

Atingi-la mais facilmente por água, pelo caminho amazônico, era, sem dúvida, fortalecer melhor a barreira que se opunha aos espanhóis.

O local escolhido à margem do Guaporé é que não estava adequado, como o provaram os anos em seu decurso.

Rolim de Moura, em sua teimosia, não deu ouvidos às considerações de salubridade, e foi ali mesmo que se ergueu Vila Bela.

Veio depois o abandono e só as ruínas ficaram.

A própria esfera armilar, distintivo das cidades nobres entre elas rolou até que desapareceu com outros valores evocativos.

Rondon, quando lá chegou com as linhas telegráficas, reconstruiu parte do Palácio dos Capitães-Generais, um edifício térreo em cujas paredes ainda se percebiam restos de preciosos painéis.

A mesa de talha antiga, que era a dos despachos dos Governadores, serve agora de suporte a dois Baudits, de pouco uso.

Atualmente, a cidade morta lentamente renasce com suas novas e modestas edificações».

Entre elas, só as imponentes ruínas da Igreja de Santo Antônio dos Militares se elevam e dão sombra ao gado acossado das fortes soalheiras.

Neste templo foram sepultados os despojos de Ricardo Franco de Almeida Serra, que João Carlos do Oeyhausen de Gravenburg fez transportar do Forte de Coimbra, onde falecera a 21 de Janeiro de 1809.

Ante o futuro sombrio de Vila Bela, melhor fóra não se houvesse perturbado o sono eterno do militar e cientista que dera à sua Pátria vinte e sete anos no Brasil, explorando longamente os rios Paraguai, Jaurú, Juruena e Guaporé, tornando ainda eficiente, pela reconstrução, o baluarte de seu comando e assim poder repelir o ataque insólito dos castelhanos a mando de Dom Lázaro de Ribera.

Sem dúvida foi grande homenagem levar-lhe o esquife rio acima, por longos dias, num batelão tripulado por cinco soldados.

Maior ainda, foi a de se lhe dar o nome a Cordilheira do Grã-Pará.

Em verdade, só um monumento ciclópico de montanhas lhe podia perpetuar a memória,

Quase século e meio depois, aproximando-se o Centenário de nossa Independência, coube-nos propor ao Governo do Estado fizesse trasladar os restos de Ricardo Franco para Cuiabá, dando-se-lhe então então monumento condigno.

Na verdadeira selva que cobria a sepultura, lá estava ela designada pelas iniciais R. F. A. S.

A ossada, entretanto, desaparecera, destruída talvez pela humidade do terreno, próximo ao rio.

Nem mesmo fragmentos dos galões e botões da farda trouxeram os encarregados da missão, como prova, ao menos, da realidade.

Foi um desapontamento.

Li, tempo depois, que os buscados despojos tinham sido transportados, de volta, cento e quarenta e cinco anos decorridos, para a longinqua fortaleza onde merrera, seu indiscutível Panteão.

Ainda bem!»

Ai está o escritor conciso e claro que, em periodos curtos, ligeiros, dá tôdas as dimensões das paisagens e figuras, mostrando-lhes pormenores e contornos exatos. Sua poesia é também alguma cousa de invulgar. Rosário Congro é um dos grandes valores do Brasil no gênero.

«Vendedora de Rosa», por exemplo, é um cromo:

«Vendes as rosas que trazes
nas lindas mãos de alabastro.
Seguem-te todos, o rasto,
ao doce encanto que fazes.

Mesmo que em mim se plantasse
a amarga dor de perder-te,
é meu desejo querer-te
nas rosas que tens na face.

Compro tuas rosas à parte,
essas que trazes na mão
— terei perdido a razão —
para com beijos pagar-te...

Eu quero as rosas que tens
nesse teu rosto bonito,
mas tão perverso, acredito,
pois tardas tanto... não vens!»

O autor reuniu em seu livro, que honra a literatura de Mato Grosso, páginas imorredouras, e é pena trabalhos como êsse sejam conhecidos apenas de poucos. Vez em quando, a titulo de divulgação para que os leitores dêste jornal conheçam melhor o escritor, transcreveremos algumas páginas de «Outras Ruínas», cuja leitura foi para nós uma festa inesquecível.

D' «A Gazeta» de Vitoria—Espírito Santo.

... tempo depois, que os trabalhos de alguns
... de volta, certo e parente e cinco anos
... para a longuissima fortaleza onde morava, seu
... Fantasma

« Ainda bem! »
Al esta a escrita concisa e clara que em períodos
curtos, ligando as tôdas as dimensões das passagens e
linhas, mostrando-las por momentos e contornos exatos.
Sua poesia é também alguma coisa de invulgar. Rosário
Gonçalves é um dos grandes valores do Brasil no gênero.
« Vendedora de Rosas » por exemplo, é um exemplo.

... / ainda as rosas que trazas
nas lindas mãos de alabastro.
Seguem-te todos, e trazo
no doce encanto que trazas

GRÁFICA UNIÃO

RUA COMTE. COSTA, 765

●●●● CUIABÁ ●●●●

... nas rosas que tens na face.

Compra tuas rosas a parte
estas que trazas na mão
— teres perdido a razão —
para com beijos pagar-te.

Eu quero as rosas que tens
nessas tuas mãos
mas não perverto o sentido
põe-las tanto... não venha!

O autor reuniu em seu livro que há de ser a literatura
de Mato Grosso, páginas interessantes e de pena trabalhada
como esse sejam conhecidos apenas de poucos. Vez em
quando, a título de divulgação para que os leitores de
journal conheçam melhor o escritor, transcreveremos aqui
umas páginas de « Outras Ruínas » cuja leitura foi para nós
uma festa inesquecível.

U. — A Gazeta de Notícias — Rio de Janeiro